

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NEM TERNO NEM GRAVATA: As mudanças na identidade
pentecostal assembleiana.

JAIME SILVA DELGADO

Belém/Pará
2008

NEM TERNO NEM GRAVATA: As mudanças na identidade pentecostal assembleiana.

JAIME SILVA DELGADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Dr^a. Kátia Marly leite Mendonça.

Co-orientador: Dr. Raymundo Heraldo Maués.

Belém/ Pará

2 0 0 8

JAIME SILVA DELGADO

NEM TERNO NEM GRAVATA: As mudanças na identidade pentecostal assembleiana.

Avaliado por:

Dr^a. Katia Marly Leite Mendonça
Orientadora

Dr. Raymundo Heraldo Maués
Co-Orientador

Dr^a. Marilu Márcia Campelo
Examinadora

Dr. Aldrin Moura de Figueiredo
Examinador

Dr. Daniel Chaves Brito
Examinador suplente

Belém/ Pará
2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os leigos da Assembléia de Deus, que têm suas próprias formas de aproximação e apropriação do sagrado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a **DEUS**.

Agradeço a meus orientadores Kátia Mendonça e Raymundo Heraldo Maués, que apostaram na possibilidade de realização deste trabalho.

Agradeço a Saulo Baptista por ter me apresentado as contradições de minha própria denominação, e a professora e Dr^a Marilú Campelo por ter me apresentado o tema do sincretismo.

Agradeço aos professores: Dr. Daniel Brito, Dr. Wilson Barp e Dr^a Fátima Carneiro, que me incentivaram na exploração deste tema.

Agradecimentos ao meu amigo Júnior Rocha, que em sua mocidade me fez rir em momentos muito difíceis da minha vida. Agradeço a Gláucia Baia, Márcio Cristiano e Adilson Viana amigos incentivadores desta empreitada.

Agradeço a minha esposa, filho e sobrinha, que me agüentaram em minhas manias e stress.

Agradeço a minha chefe, Luzia Moraes, a meus amigos: José de Arimatéia, Consuelo e Suely Ramos, e a meus colegas de trabalho que me cobriram em minhas faltas.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo fazer um estudo das contradições de uma identidade pentecostal em processo, buscando na sua origem uma identidade que lhe era própria, através de uma análise interpretativa de sua literatura, e de uma nova linguagem, que mudou nos últimos vinte anos. Durante oito décadas a Assembléia de Deus vinha mantendo firme sua identidade, que fez parte do cotidiano das pessoas, e de uma cultura religiosa brasileira que se acostumou a vê-las como fora do mundo, separadas. A chegada das igrejas neopentecostais provocou mudanças no ethos assembleiano. Atualmente é possível perceber uma mistura de práticas e crenças, que aqui perceberemos através das categorias, identidade e sincretismo. É cada vez mais presente uma linguagem triunfalista ligada a Confissão Positiva.

Palavras chaves: identidade sincretismo, pentecostalismo.

ABSTRACT

This dissertation has as a purpose to do a study of the contradictions of a pentecostal identity in progress, searching on its origin an identity that was own its on, through an interpretative analyse of its literature and a new language which has changed in the last twenty years. During eight decades the Assembly of God had been holding out tight its identity, that took part of the people's daily and of a brazilian religious culture that got used to see them as outsiders, separated. The incoming of the Neopentecostal churches brought about changes on the assemblyan's ethos. Currently, it is possible to realize a mixture of practices and beliefs that here we will notice through the cathogories, identity and and syncretism. It is even more and more present a triumphalist language linked a Positive Confession.

Key words: identity, syncretism, pentecost.

LISTA DE SIGLAS

AD – Assembléia de Deus

CC – Congregação Cristã no Brasil

CEB – Confederação Evangélica Brasileira.

CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil.

CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

EBD – Escola Bíblica Dominical.

G12 – Grupo dos Doze. (Igreja em Célula).

IBMA- Igreja Batista Missionária da Amazônia.

IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular.

IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor.

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus.

SETAD – Seminário Teológico da Assembléia de Deus.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1ª Parte – Azusa Belém.	
1.1 - Azusa Street.....	16
1.2 - Gunnar e Berg, os primeiros anos.....	21
1.3 - Pentecostalismo é mídia.....	27
1.4 - A relação com a política.....	33
2ª Parte – Nem terno nem Gravata.	
2.1 – Identidade.....	46
2.2 - Determinantes da identidade pentecostal.....	54
2.3 - Este eu sagrado.....	65
2.4 - Conversão e a nova identidade.....	75
2.5 - Usos e costumes de identidade.....	88
3ª Parte - Retendo o que é bom?	
3.1 - As outras igrejas.....	100
3.2 - Copiando o que é dos outros.....	115
3.3 - A Teologia da Prosperidade.....	126
3.4 - A procura da pureza doutrinária.....	136
Conclusão.....	151
Bibliografia.....	156

Introdução

Vivemos em um período onde há uma espécie de radicalização ou exacerbação de processos sociais. As estruturas sociais em seus vários aspectos mostram-se em efervescência constante. São rápidas mudanças, por vezes não possíveis de serem acompanhadas por sociólogos e antropólogos, que apontam para uma reformulação de paradigmas de análise para compreensão ou aproximação do real.

São velhas categorias pertinentes em uma sociedade que aparenta não mais ser a mesma. Neste ínterim, temos as categorias identidade e sincretismo, duas categorias de análise difíceis de serem operacionalizadas, talvez pelo fato de serem tão presentes e inseparáveis de nossas vidas, porém que não são, como se pode pensar, óbvias de mais, para não figurarem em preocupações, ou gerarem inquietações para quem deseja compreender mudanças em pequenos grupos locais ou até mesmo de nações.

A identidade é um processo que se dá nas interações sociais, é construída em sociedade por meio do processo de socialização (Berger, 1995). A identidade é relacional dá-se no encontro com o diferente, depende de algo fora dela para ser percebida. Kathryn Woodward (2000) afirma ser a identidade e a diferença, componentes de um mesmo processo, são edificados através das representações coletivas.

As representações produzem significados que dão sentido a nossa existência. As representações incluem práticas com significações que portam sistemas simbólicos, a identidade é uma representação social. Roberto Cardoso de Oliveira (1997) soube bem expressar a identidade, seu conceito de identidade contrastiva é atual, pois descreve um processo dialético entre o singular e o diferente. A identidade é percebida no encontro com o outro, serve para classificar através de processos lingüísticos, quem somos nós em relação aos outros. A identidade sendo um processo social pode ser mudada, remodelada pelas relações sociais.

Além de ser uma linguagem que materializa um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento das relações entre as pessoas - isto se pensarmos dentro de

uma compreensão das representações coletivas - a identidade é como afirma Berger (1996) um produto da própria dialética entre indivíduos e sociedade, portanto objeto da sociologia.

O processo de socialização produz uma identidade que contém a objetividade da realidade da sociedade e do mundo, é como afirmou Habermas: “*os homens formam sua identidade na medida em que aprendem a dominar a natureza exterior à custa da natureza interior*” (HABERMAS, 1998, p. 112). Habermas afirmou isto baseado na idéia de G.H. Mead, que denominou a identidade social de “Mim”, da qual “*o Eu se torna consciente no curso do desenvolvimento psicológico da criança. O Eu é como se fosse um desejo ativo primitivo do indivíduo*” (GIDDENS, 2002, p.54). Anthony Giddens desenvolveu o conceito de auto- identidade, que é o Eu compreendido reflexivamente, pode-se dizer que este autor está mais para as idéias de Goffman, que descreve a capacidade dos indivíduos escaparem as forças de coerção social, agindo como se fossem atores em uma representação. O sujeito assim reescreve sua própria biografia de acordo com os processos sociais.

Do resultado do encontro entre identidades há uma troca de elementos que podem ser empréstimos, imitações, hibridações, conscientes ou latentes. O encontro proporciona processos inevitáveis, diacrônicos de início, mas sincrônicos em seu processo, assim se a religião é um reflexo da sociedade maior envolvente, ou seja, reflexo das estruturas sociais com sua dinâmica de dominação e resistência, na religião será possível perceber os resultados dos encontros entre as culturas diferentes. O mundo globalizado e sua força ideológica, a chamada pós-modernidade, somente deslocou as contradições presentes no tempo e espaço para a esfera global, o que proporcionou hibridizações, ou o sincretismo moderno, agora num nível global.

A globalização, forma moderna de dominação capitalista forçou a padronização de modelos econômicos, de estilos de vida, de culturas, etc. fato este que repercutiu nas dinâmicas da vida religiosa. Isto foi percebido por autores como: Weber, Bourdieu, Berger. As denominações padronizam suas práticas e suas crenças para uma melhor competição no mercado de bens de salvação. As muitas ofertas de bens simbólicos, fizeram com que surgissem não somente uma luta acirrada entre variadas formas de terapêutica, que dão sentido a existência, mas, também de um sentimento de segurança em um mundo de riscos.

No campo das religiões os bens simbólicos são mais bem descritos pelo conceito de bens de salvação, uma vez que bens simbólicos denotam outras formas de produção cultural. Tanto bens simbólicos quanto os bens de salvação estão sendo cada vez mais padronizados para atender ao mercado global. Da mesma forma as denominações do cristianismo no Brasil, e no mundo, estruturam suas ofertas de salvação dentro desta lógica de mercado.

Privilegiamos nesta pesquisa aquilo que consideramos ser um produto desta padronização, qual seja, o sincretismo, idéia mais presente nas representações ideológicas da experiência coletiva. Neste trabalho focamos a igreja Assembléia de Deus onde é possível perceber um sincretismo religioso e cultural, o primeiro chamado de heresia, pelos intelectuais da AD, e o segundo de modismos. As heresias e modismos são combatidos pelos autores, intelectuais proletaroides, da revista da Escola Dominical, que fazem parte do Corpo Doutrinário da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, órgão que representa a ortodoxia, ou a oficialidade do pentecostalismo assembleiano.

Foram observadas práticas sincréticas na Assembléia de Deus, que por sua vez foram copiadas das outras igrejas do pentecostalismo. A AD copiou do pentecostalismo da segunda onda, principalmente da Igreja Quadrangular, práticas rituais, em maior proporção, e em menor proporção crenças e linguagens ligadas a Confissão Positiva e da Teologia da Prosperidade, da Igreja Universal do Reino de Deus.

Práticas como as campanhas, que são as novenas da Quadrangular, que no fundo é uma cópia das novenas da Igreja Católica, assim como práticas rituais mágicas, como o ato de ungir documentos e objetos, linguagens mágicas como amarrar o diabo, e superstições diversas da religiosidade brasileira. Alguns destes produtos culturais estão bastantes presentes, e muitos são refutados pelos intelectuais da AD. Descreveremos também, as transformações no modo de ser do assembleiano, que em processo de mudança, aponta para uma cultura gospel, novo modelo moderno de ser crente, que denotam mudanças na identidade pentecostal assembleiana.

Destarte este trabalho se propõe a responder as seguintes perguntas: como se estrutura, atualmente, a identidade pentecostal assembleiana? Outra pergunta, que está relacionada a essa é: se o sincretismo não subverte de alguma forma a identidade do

assembleiano? Estas perguntas estão no bojo de análises, ora em moda nas Ciências Sociais ora fora de moda ou a margem, como o da identidade, e seus desdobramentos como: a crise de identidades, problemáticas discutidas por Stuart Hall (2003), Kathryn Woodward (2000), Tomas Tadeu da Silva (2000) entre outros. E a problemática do sincretismo, vez por outra presente nas análises socioantropológicas.

Entre o modelo de representação do pentecostal assembleiano de tempos atrás e o novo, estão de um lado os apologistas de um ethos pentecostal engendrado pelo metodismo e pelas tradições batistas, defendidos pelos intelectuais da CGADB e outros pastores, enquanto de outro lado um público jovem que anseia por serem aceitos “no mundo”, pela busca de uma sociabilidade fora dos muros de sua igreja.

Utilizamos o método da análise interpretativa da literatura pentecostal assembleiana, principalmente a que julgamos ser de maior acesso a um bom número de assembleianos, as revistas da Escola Dominical, também da literatura acadêmica sobre o pentecostalismo, além das entrevistas realizadas com pastores com formação teológica, e dos membros leigos de faixas etárias e graus de instrução diferentes. Participamos de jantares, festas, congressos de mocidade, reunião de grupos de jovens e adolescentes. Foram feitas visitas a casas de irmãos, assistimos a programas de Tv e rádio, visitamos igrejas de bairros periféricos, assim como de bairros centro, como o Templo Central e da AD em forma de tenda de alvenaria, o Vale da Benção.

Na primeira parte deste trabalho, que trás por título *Asuza street* alusão ao movimento que foi a mola propulsora do pentecostalismo, coordenado por Seymour, explanamos os primórdios do movimento pentecostal até a chegada em Belém do Pará dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg. Discorreremos também sobre os dois fatores que mais tem atraído a atenção de pesquisadores para o fenômeno pentecostal: a mídia e a política. a primeira inerente ao pentecostalismo e o segundo tido durante um bom tempo como coisa mundana e perversa, mas que atualmente tornou-se projeto político da AD.

Na segunda parte estão os aportes teóricos conceituais da problemática da identidade, bem como dos condicionantes desta identidade. Analisaremos o ser pentecostal buscando compreender a forma como foi construída a noção do Eu nos idos primeiros da história com Marcel Mauss (2003), até a noção de auto-identidade e a reflexividade do Eu

em Giddens (2002). trabalharemos também a questão da conversão como nova identidade, e dos chamados usos e costumes de santidade, que os pastores da CGADB querem manter como sinais de identidade.

Na terceira parte descreveremos a forma como os intelectuais da AD expõem as outras igrejas e movimentos religiosos, ora colocando-os como ameaça, ora prevenindo os membros e pastores da AD daqueles “erros” e “equivocos”. Mostraremos as contradições entre a apologia à doutrina pentecostal assembleiana, e as formas de vivencia da fé leiga, em que está o sincretismo. Esse, cada vez mais presente na AD, o que pudemos observar através das práticas, crenças, doutrinas e linguagens. E finalmente a forma como os ortodoxos da AD tentam eliminar as chamadas heresias e modismos vindos do neopentecostalismo.

1ª PARTE

AZUSA BELÉM

1.1 Azusa Street

Para melhor compreender a construção da identidade pentecostal assembleiana, faz-se necessário à explanação de um pequeno relato da história do pentecostalismo nos Estados Unidos e no Pará. O pentecostalismo é fruto do movimento *Holiness* inspirado na teologia de John Wesley. Esta doutrina ficou conhecida como “Movimento de Renovação” ou santidade, em que Wesley pregava a busca de uma santificação. Esse era pároco anglicano, foi influenciado pela “Introdução à carta aos Romanos” de Martinho Lutero. Nessa Lutero esclarece sobre a doutrina da Justificação pela Fé, base primordial do protestantismo. Para Wesley não basta a certeza da salvação mediante a fé, o que exige uma espera ascética em Deus. “*A santificação vem como uma certificação da salvação no aqui e agora*” (PASSOS, 2005, p. 48).

O “Movimento de Renovação” já anunciava a presença do Espírito Santo e sua ação no indivíduo. A reforma proposta por ele, não foi aceita pelo clero anglicano, e apesar dele não ter a intenção de romper com sua religião, acabou fundando o Metodismo. Esta nova denominação deu ênfase ao sentimento, e a uma experiência de maior aproximação com Deus através da santificação, como atesta Weber na “*Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”:

A ênfase no sentimento, despertada em John Wesley pelas influências luteranas e moravianas, levou o metodismo, que desde o início viu sua missão entre as massas, assumir um caráter fortemente emocional, especialmente na América. A obtenção do arrependimento, em certas circunstâncias, envolvia uma luta emocional de tal intensidade que levava aos mais profundos êxtases, que, na América, ocorriam com frequência em reuniões públicas. Isso formou as bases de uma crença na imerecida posse da graça divina, ao mesmo tempo, de uma imediata consciência de justificação e perdão (WEBER, 2002, p. 103).

O Metodismo se desenvolveu melhor na América do norte, onde já havia um sentimento avivalista, e o metodismo tomou a frente destes movimentos. O avivamento servia para aquisição de novos adeptos, diz-se que a ênfase dava-se na necessidade das

pessoas terem uma experiência com Deus. O segundo grande avivamento ocorreu no período de 1870 a 1900, este é mais importante para entendermos a gênese do pentecostalismo. *Surgiram várias denominações metodísticas, algumas delas já utilizavam em seus nomes o termo pentecostal* (SNYDER, *ap.*, NETO, 1994, p. 50).

O pentecostalismo surge assim no seio do metodismo, pode-se considerar que ele seja uma radicalização do protestantismo, uma vez que o sinal evidente da santificação pela fé é o fenômeno glossolálico. Os Holiness falavam de um outro batismo, além do batismo de João, nas águas. Este era o Batismo com o Espírito Santo. Havia dúvidas quanto a essa doutrina, perguntavam-se em que momento o fiel poderia percebê-lo em sua vida, foi o que ocorreu na virada do século XX. O início deu-se em uma “Escola Bíblica”, chamada “*Escola Bíblica Betel*”, organizada por Charles Fox Parham. Esse viaja, mas antes disso solicitou aos seus alunos que pesquisassem no novo testamento a evidência do Batismo com o Espírito Santo, quando chegou, viu que seus alunos haviam descoberto, que a evidência do batismo era o falar em línguas estranhas.

Mas não foi com Parham que o pentecostalismo deslanchou. Mas com um de seus alunos W.J Seymour,¹ negro, nascido como escravo e garçom, aprendeu sobre a Doutrina do Batismo com o Espírito Santo ouvindo as aulas de Charles Parham, do lado de fora da sala. Seymour aplicou seu conhecimento, sobre o batismo, quando convidado por uma pastora, para pregar em uma Igreja Holiness. A pregação do Pastor batista agradou a membrasia, mas não à pastora, que o expulsou de sua Igreja.

Antes de chegar a Los Angeles, Seymour foi evangelista no Mississipi e pastor de uma Igreja de Santidade na cidade de Houston, Texas. Foi quando estava no Mississipi que conheceu várias pessoas que tiveram contato e foram influenciadas pelas idéias de Charles Parham. Segundo o Pastor e teólogo² Antonio Gilberto, Seymour, ao ser expulso, se hospedou na casa da família Asbery. Nesta casa começou a fazer orações de dias seguidos e, no dia 09 de abril de 1906, orou pela cura de Edward Lee, que além de receber a cura, foi batizado com o Espírito Santo. No mesmo dia foram sete os batizados, e no meio desses a Sra Jennie Moore, futura esposa de Seymour. Ao ser batizada, a Sra Moore cantou em outras

¹ Foto nos anexos.

² Intelectual proletaróide da Assembléia de Deus, escritor e comentarista da revista da Escola Dominical. 3º trimestre de 2006. Foto nos anexos.

línguas³ e começou a tocar piano, sem nunca ter tido aula de música (GILBERTO, 2006, p. 35).

Seymour fazia uma distinção entre a pessoa santificada, ou seja, entre os simples Holiness e as pessoas que recebiam o Batismo com o Espírito Santo:

Há uma grande diferença entre a pessoa santificada e a que é batizada com o Espírito Santo e com fogo. O santificado é limpo de seus pecados e cheio do amor divino, mas o batizado no Espírito Santo tem poder de Deus em sua alma, poder com Deus e com os homens e poder sobre todos os demônios de satanás e todos os seus emissários (SEYMOUR, 2007, p.20).

Foi da casa dos Asbery, localizada na Rua Bonnie Brae, 214, que saíram as doze pessoas que fundaram a Missão de Fé Apostólica, das quais sete eram mulheres.⁴ Seymour alugou um galpão, que já havia servido à Igreja Metodista, e com os doze fundou a “Missão de Fé Apostólica”. A nova denominação se localizava na rua Azusa Street, na cidade de Los Angeles, cidade que mais se desenvolvia nos Estados Unidos. (FRESTON, 1994, p. 74).

Seymour não era um pregador eloquente, mas sabia de cor, como a maioria dos pentecostais, os versículos e capítulos bíblicos que sustentam a Doutrina do Batismo com o Espírito Santo e sua evidência física inicial de falar em outras línguas. Depois de pregar, assentava-se no púlpito, botava a mão no rosto e não parava de interceder pela operação de Deus, enquanto ele orava os crentes falavam em línguas estranhas (GILBERTO, 2006, p. 26).

O início do pentecostalismo foi ecumênico, no sentido social, pois havia negros e brancos, pobres e ricos, homens e mulheres, pessoas cultas e um simples garçom. Essa aparente democracia racial unida sobre uma mesma doutrina e uma mesma língua (glossolalia) não durou muito. Segundo Campos (1997, p. 252) a primeira cisão deu-se com uma querela entre Seymour e Durham, por causa da idéia de que havia estágios da vida cristã. Seymour era adepto da idéia de que primeiro o cristão se converte, depois de Batizado com Espírito torna-se santificado. Já C.H. Durham afirmava haver apenas dois estágios: conversão-Santificação e Batismo com o Espírito. O conflito levou Seymour a excluir

³ Fenômeno difícil de ser percebido na AD. Observamos esse fenômeno somente uma vez numa congregação da Igreja Batista Missionária da Amazônia, no bairro do Tapanã.

⁴ Fotos nos anexos.

Durham. Outra perda foi da Senhora Florence Crawford, que ajudava Seymour no Jornal *Apostolic Faith*, que ao sair da missão em 1908, levou também os assinantes do jornal.

Nascido do protestantismo, o pentecostalismo herdou a característica da cisão. As divisões sejam por querelas doutrinárias, sejam pela questão da observância dos chamados usos e costumes, o que Weber chamou de sinais externos de santidade, ora causam a fundação de uma nova denominação, ora dividem os pentecostais em novos ministérios, ou ainda, no caso em questão, dividem os crentes em grupos, onde temos os conservadores que querem manter uma tradição assembleiana, o que Mariano chamou de contra cultura, e um grupo que quer se libertar dos usos e costumes, que são os adeptos e proclamadores de uma maior liberdade e proximidade com a cultura envolvente, principalmente as mulheres, que sempre foram as mais cobradas nas observâncias dos usos e costumes. No início, nos EUA as mulheres tiveram posição de destaque, entre outras coisas, escreviam para o Jornal *Apostolic Faith*. Elas fundaram igrejas pentecostais sendo pastoras.⁵

O metodismo foi uma cisão da Igreja Estatal Anglicana, deste nasceu o movimento holiness, que por sua vez deu origem ao pentecostalismo. A marca do pentecostalismo é a chamada Língua Estranha. No início acreditavam que as línguas estranhas, falada no momento do batismo, era uma língua que existia, assim supõe-se que o crente possuía o dom da Xenolalia, língua estrangeira concedida pelo Espírito Santo para facilitar na pregação em outros países (BAPTISTA, 2002, p. 23). Não demorou muito para se pensar que a língua falada pelos pentecostais era a o fenômeno da Glossolalia,⁶ língua desconhecida. A língua estranha⁷ causou a cisão na Igreja Batista. Podemos então afirmar

⁵No Brasil, as mulheres ficaram distantes de uma atividade de maior relevância até 1930. Nesse ano os suecos sentiram a necessidade de engajá-las em atividades secundárias, como em lideranças dos departamentos. Há missionárias, mas ainda hoje não é possível a ordenação de pastoras na AD, salvo em congregações independentes.

⁶ Vale aqui uma observação do professor Heraldo Maués: Glossolalia em termos técnicos é a emissão de sons ritmados, mas sem sentido aparente. E pode ser interpretada culturalmente tanto como um fenômeno religioso, místico, como não religioso (por exemplo, cantores de jazz, quando improvisam, fazem uma espécie de glossolalia – ver sobre o assunto em Ioan Lewis, “Êxtase Religioso”). Xenolalia é falar numa língua estrangeira. O episódio narrado em Atos 2, é xenolalia. O que ocorre mais comumente, inclusive nas igrejas pentecostais é a glossolalia (mas não só, e não só no cristianismo) e sobre glossolalia – ver sobre o assunto uma autora francesa, Angelina Polack. (sic).

⁷ Segundo Aurélio Buarque, dicionário da língua portuguesa glossolalia é: Fenômeno, que pode ocorrer em situação de exaltação religiosa, caracterizado pelo comportamento de certos indivíduos que começam,

que a Doutrina Pentecostal saiu do metodismo, porém, a sua prática causou primeiramente cisão na Igreja Batista, ou seja, a Assembléia de Deus, enquanto Igreja que pratica o dom glossolálico, surgiu de uma cisão na Igreja Batista. Primeiro na igreja onde Seymour pregava, depois na igreja onde Gunnar Vingren foi pastor. O mesmo fenômeno ocorreu na Suécia, onde Pethrus, também batista, organizou a Igreja Filadélfia.

A história das Assembléias de Deus no Pará se confunde com a história dos pioneiros, Assim é até hoje, nas edições publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) sobre o surgimento da Igreja, há ainda, o costume de se contar a história pelos grandes feitos de seus pastores, que assim, pretendem ganhar notoriedade. Na última versão de 2005, metade do livro é dedicado a contar os grandes feitos do atual pastor presidente da AD em Belém Ministério Missão, Pr. Samuel Câmara, desde a 5ª edição o seu discurso de posse é editado na íntegra, ocupando onze páginas do livro.

Para tentar reconstituir a história das Assembléias de Deus, acentuando os pontos doutrinários e culturais, que firmaram sua identidade, utilizaremos além da literatura do pentecostalismo, os diários dos pioneiros. A história do pentecostalismo nos parece um quebra-cabeça gigantesco e com peças bastante coloridas.

Partiremos do pressuposto de que não havia no início, ou não é possível falar de uma identidade assembleiana, e sim de uma Identidade Batista-Protestante. Visto que Gunnar Vingren, Daniel Berg, Samuel Nistron, Nels Nelson, e Lewi Pethrus, eram todos batistas. As bases fundamentais da AD se encontram no Puritanismo, no Pietismo, no Avivalismo, e no fundamentalismo, todos movimentos nascidos dentro do protestantismo mais conservador. Estas questões serão discutidas no segundo capítulo.

espontaneamente, a falar línguas desconhecidas, tidas como frutos de dom divino, mas que, geralmente são línguas inexistentes. Xenolalia ou xenoglossia é: A fala espontânea em língua(s) que não fora (m) previamente aprendida (s).

1.2 Gunnar e Berg, os primeiros anos.

Um nome é bastante conhecido na literatura pentecostal, Gunnar Vingren, era sueco, nasceu em Ostra Husby, em 1879, região agrícola do sudeste da Suécia (FRESTON, 1994, p. 80), filho de um jardineiro batista, aos onze anos, quando concluiu o primário, foi ajudar o pai na jardinagem. Esse último fato reforça a tese de que o pentecostalismo nasce quase sempre de líderes pertencentes às camadas pobres da população. Em seu diário, Gunnar confessa que apesar de aos nove anos, juntava seus coleguinhas para orar; desviou-se⁸ aos 12, somente voltando à igreja aos 17anos. Depois de ser batizado, aos 18, se tornou líder da Escola Dominical substituindo o pai (VINGREN, 2000, p. 19).

Em 1903, Gunnar migra para os EUA em busca de trabalho, assim como muitos suecos, fugindo da recessão econômica de seu país. Segundo Freston (1994, p. 76) a Suécia era estagnada e com pouca diferenciação social. No campo da religião, a igreja estatal luterana era elitista, reprimiam e marginalizavam as dissidências batistas. Freston afirma que não havia catolicismo, mas no diário de Daniel Berg há o relato de um fato curioso, o padre da pequena cidade de Vargön, que segundo Berg, era o homem mais importante da cidade, queria convencer a família Berg a batizar seus filhos, dizendo que se as crianças não se batizassem jamais sairiam de Vargön (BERG, 2000, p. 13).

Nos Estados Unidos, Gunnar trabalhou de foguista, porteiro e finalmente na profissão que aprendeu com o pai, jardineiro. Em Chicago, terminou seus estudos cursando o Seminário Teológico Sueco Batista, de 1904 a 1909. Foi pastor da Igreja Batista em Menomine, Michingam, de junho de 1909 a fevereiro de 1910. Em uma convenção batista, em Chicago, aprendeu sobre a Doutrina do Batismo com o Espírito Santo, na qual depois de cinco dias foi batizado. Foi expulso ao levar a novidade à Igreja que pastoreava, mais logo

⁸ Desviar, para os batistas assim como para os assembleianos e sair “dos caminhos do Senhor” ir para o mundo e deixar de praticar a crença. É muito comum, no pentecostalismo, as pessoas afirmarem dizendo, que já foram crentes, quando desviadas. Diferentes dos protestantes históricos, que apesar de não estarem praticando, se dizem evangélicos (esta última informação nos foi dada pelo Sociólogo Saulo Baptista). Os líderes atuais jamais procuram deixar registradas suas fraquezas, diferente dos pioneiros que relatavam seu lado humano, em seus diários, a exemplo do terceiro pastor Nels Nelson, que declarou passar por momentos de dúvida e de irritação.

foi contratado por outra Igreja Batista, em South Bend, Indiana, onde a pentecostalizou ficando nesta até outubro de 1910.

Ainda neste ano, na casa de Olaf Uldin, Gunnar teve uma revelação através de profecia. A profecia dizia que Gunnar e Berg deveriam ir ao Pará, e evangelizar um povo simples, que comiam uma comida muito simples. Em Xenolalia os suecos escutaram um hino cantado em português por Uldin.⁹

Os pioneiros tinham cerca de noventa dólares para viajar, mas Gunnar os doou para uma revista evangélica organizada por Durhan, branco que foi excluído da Missão Azusa. Conseguindo o dinheiro de volta, por doação de um amigo negociante inglês, juntamente com Daniel Berg saíram no dia 05 de novembro, chegando ao Pará dia 19 de novembro de 1910. Diferente do que dizem alguns, eles não foram direto para a Igreja Batista, antes se hospedaram em um hotel e lá viram num jornal, um nome conhecido, era o nome de Justos Nelson, pastor metodista conhecido de Vingren. Aquele levou ambos ao Pastor Eric Nilson,¹⁰ também de origem sueca, que fundou a Igreja Batista em Belém (BERG, 2000, p. 46, 77).

Ao chegarem foram bem recebidos no início (BERG, 2000), mas com a pregação da doutrina pentecostal foram expulsos junto com 19 pessoas. Também foram expulsos do porão da Igreja, onde residiam de forma precária. Para Antonio Almeida, historiador da Igreja Batista, Vingren mentiu quando se apresentou como pastor batista, segundo o próprio Antonio Almeida e Francisco Rolin (1985) os dois haviam se desligado da igreja batista e se filiado a Assembléia de Deus, nos EUA. Neto (1994) em sua dissertação de mestrado contesta essa idéia, afirmando que vingren não quis enganar o pastor Batista. Berg no seu diário afirma que ao serem expulsos, Vingren ficou muito preocupado não pela expulsão, pois já havia sido expulso antes por causa da nova doutrina, mas por não terem dinheiro para

⁹ Por ocasião do jubileu de ouro da AD, o pastor Gideão Uldim, filho de Olaf Uldin, confirma a história dos Pioneiros. Em South Bend, Indiana, no ano de 1910, Uldim profetiza (revela) que Vingren e Berg deveriam ir ao Pará. Gideão Uldim afirma que seu pai não conhecia o idioma português, pois era sueco. Ao chegar ao Pará, os missionários escutaram o hino que Uldim cantou pelo fenômeno xenolálico (História da Igreja Mãe das Assembléias de Deus no Brasil, 2005; BERG, 2000, p. 67).

¹⁰ Segundo Vingren, Eric Nilson ao chegar ao Pará, buscou o batismo com o Espírito Santo, e após 14 dias orando começou a sentir algo “estranho”, ficou com medo e assustou a esposa, que o proibiu de continuar, desde então Eric Nilson passou a negar a Doutrina do Batismo com o Espírito Santo. No diário de Berg há o relato de que Nilson passou por dificuldades financeiras a ponto de receber ajuda dos “novos convertidos” da “Missão de Fé Apostólica.” Segundo Berg a igreja de Nilson esvaziou comprometendo o seu sustento (BERG, 2000, p.63).

alugar um quarto ou casa. No diário de Berg, onde o pastor trava um diálogo com Gunnar, este afirmou que não tinha a intenção de se separar da Igreja (BERG, 2000, p.54 a 57).

Ao serem expulsos no dia 13 de junho de 1911, formaram um grupo ao estilo holiness, era o início da Assembléia de Deus, fundada dia 18 de junho do mesmo ano, com o nome de “Missão de Fé Apostólica”, mais uma prova de que ambos não haviam se filiado à Assembléia de Deus norte americana, que não existia com esse nome. O nome “Assembléia de Deus” passou a ser usado a partir de 1917. Sobre isso há uma referência no diário de Gunnar, um relato de sua Esposa Frida Vingren, que ao chegar ao Pará, em 1917, se emocionou quando viu o letreiro em cima da porta da Igreja, que dizia “ASSEMBLÉIA DE DEUS”. A Igreja somente foi registrada no dia 11 de janeiro de 1918, com o nome Sociedade Assembléia de Deus. No livro que conta a história da AD, um dos 19, que saíram da Igreja Batista para fundar a Missão de Fé apostólica, afirma que foi uma decisão tomada democraticamente com os membros.

Para Paul Freston, o nome Assembléia de Deus surgiu da dissidência entre brancos e negros. Aparentemente no início, brancos e negros conviveram harmoniosamente na Missão de Fé Apostólica da Azusa Street. Os brancos iriam aprender com negros, mas com a divisão racial nos EUA a convivência não foi duradoura. Seria arriscado afirmar que Vingren tentou identificar a Assembléia de Deus, em Belém, como igreja de brancos, ou seja, se desvinculando do nome da igreja pentecostal negra dos EUA, que, segundo Rubem Alves, estava engajada em Lutas políticas. No início do pentecostalismo em Belém, havia poucos brancos. Frida Vingren relata que ao chegar em 1917, ao se aproximar do porto, viu um homem alto e branco que se destacava entre os outros, era Samuel Nistron, em meio à população de estatura mediana e de cor parda ou negra.

As versões das Histórias da Assembléia de Deus, que são reeditadas a cada dois anos, não trazem uma pista sobre o motivo da troca de nome. O nome é importante para se efetivar a posição de uma identidade. Muitas igrejas de outras denominações foram visitadas por Vingren, que segundo ele se pentecostalizaram, principalmente Igrejas Batistas, que ao que parece não trocaram de nome, continuando a se denominarem batistas.

Os missionários suecos encontraram quatro igrejas estabelecidas. As primeiras incursões na Amazônia deram-se a princípio com missionários agentes de Sociedades

Bíblicas. As primeiras Igrejas foram a Metodista em 1883, e a Presbiteriana em 1894. O primeiro Missionário a chegar foi Daniel Parish Kidder, metodista episcopal, que chegou a Belém em 1839. Entre outras funções era representante da Sociedade Bíblica dos Estados Unidos. Esse distribuía folhetos e bíblias e pregava em casas de pessoas amigas e em navios que atracavam no porto de Belém. Outros cultos, além da missa católica, eram proibidos, e não havia templos protestantes. Na obra *História da Igreja no Brasil*, Tomo II/2, publicado pela Comissão de História da Igreja na América Latina, na página 241, o autor afirma que houve certa tolerância em relação à propagação do evangelho protestante (FRAGOSO, 1992). Mas segundo Martin Dreher (DREHER, 1992) havia muita resistência¹¹ por parte dos sacerdotes católicos e da população em relação aos protestantes, contudo, o apoio aos primeiros protestantes veio de membros da Maçonaria, principal opositora do catolicismo.

Outro missionário que por aqui passou, foi Robert Nesbit, em 1857, também distribuiu Bíblias e folhetos. O bispo da época proibia os católicos de comprarem ou receberem as Bíblias dos missionários protestantes. O Bispo José Afonso Torres escreveu uma carta pastoral orientando os fiéis sobre os livros vendidos por Nesbit. Em Belém, dos fins de 1860, outro missionário enviado pelo Conselho de Missões da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, se estabeleceu na cidade de Belém. Trata-se do reverendo Richard Holden, que adquiriu no centro da cidade um ponto comercial para venda de seus livros. O principal adversário de Holden, e dos protestantes em geral, foi o recém chegado Bispo Dom Antônio de Macedo Costa, que alertou sobre a ligação dos protestantes com o projeto norte americano de tomada do Amazonas.

Em 19 de julho de 1880, chega a Belém do Pará, o missionário metodista Justus Nelson, professor de línguas e médico, esse criou um curso de enfermagem, fundou um trabalho regular e publicava o jornal, *O Apologista Cristão*,¹² Nelson foi preso por quatro meses, por entrar em choque com a hierarquia católica local. O jornal criticava os erros e superstições da Igreja Católica, o lema do Jornal era “Saibamos a Verdade Custe o que

¹¹ Não foi somente no início que houve resistência aos pentecostais, o que se pode observar nos diários de Gunnar e de Berg, em que relatam muitos conflitos com os católicos, principalmente nos interiores. Na pesquisa de Heraldo Maués, em Itapuá na década de 70, este observou que havia resistência aos pentecostais por parte dos católicos (MAUES, 2001).

¹² Talvez tenha sido este o jornal que Gunnar Vingren tenha visto no quarto de hotel onde passou um dia, sem saber ler em português reconheceu o nome de Justus Nelson, que conheceu nos Estados Unidos e com quem teve aulas de português. Justus Nelson era médico e professor de Línguas.

Custar”. Nelson sofreu apedrejamentos até por crianças, por ordem do padre local, chegou a ser agredido em plena via pública, por não levantar o chapéu ao passar em frente a uma igreja católica (NETO, 1994, pp. 172, 173).

A primeira Igreja Batista foi fundada em 1897, pelo pastor Erik Nilsson, que em 1910, contava com 170 membros. O pastor era conhecido como Eurico Nelson. Este pastor é ainda é Bastante lembrado pelos Batistas. Diferentemente dos assembleianos, que quase não conhecem a história de seus fundadores. Conhecem os nomes, que são repetidos nos púlpitos quando do aniversário da Igreja. Um fato que guardam em sua memória, e com orgulho, é a origem humilde dos trabalhos iniciais, o fato de que os missionários, sem dinheiro, se alimentavam de mangas. A verdade é que este fato se deu, em Bragança, com Daniel Berg, ele se alimentou de manga durante dois dias, porque seu dinheiro havia acabado.

A propagação do pentecostalismo, segundo Freston (1994, p. 82) foi lenta durante os primeiros 15 anos. O método era o da pregação de porta em porta, chamado de evangelismo pessoal. Berg evangelizava pelos interiores utilizando o mesmo método dos primeiros protestantes no Pará, distribuindo folhetos e Bíblias. Com uma diferença, as Bíblias eram vendidas para sustentar a missão de Berg. Este missionário relata, em seu diário, que somente 20% da população sabia ler.¹³ Ao evangelizar de porta em porta, lia a bíblia para pessoas simples e humildes do interior. Segundo ele, elas se maravilhavam em saber que havia Bíblias em português, pois o contato que tinham com elas era em latim e havia pouquíssimas, Berg relata que os caboclos lamentavam o fato de os padres proibirem a leitura da Bíblia.

Em Belém, Gunnar pastoreava a Igreja, pregava de porta em porta, e também em Igrejas que o convidavam. Ao passar por essas, sua pregação sempre era relacionada ao Batismo com o Espírito Santo. Pentecostalizou algumas igrejas independentes no interior do estado, entre elas igrejas batistas, fez várias viagens pelos interiores, seja evangelizando, seja para batizar¹⁴ os recém convertidos, e algumas vezes para intervir quando das

¹³ O mesmo fato foi observado por Lewi Petrus, em 1930.

¹⁴ Somente os pastores podem batizar nas águas, Berg não era pastor, mas missionário, tornou-se pastor depois.

perseguições sofridas pelos dirigentes.¹⁵ “*Difícilmente os missionários conseguiam ultrapassar a incógnita desse jogo entre curiosidade e aversão, hospitalidade e hostilidade, docilidade e perseguição que regia as relações dos missionários evangélicos com os nativos católicos*” (MAFRA, 2001, p. 16).

Os missionários eram sustentados pelas missões suecas da América do norte, e pela Igreja Filadélfia, do pastor Lewi Petrus. Gunnar Vingren recebia uma parte do sustento da igreja Filadélfia, mas era insuficiente, a outra parte vinha de um amigo da Missão Americana. Em 1932, quando Vingren já estava no Rio de Janeiro, deixou de receber a ajuda do amigo americano por três meses. Na época ocorreu um boato de que ele estava enriquecendo em detrimento dos irmãos, que eram muito pobres. Assim no início do pentecostalismo já havia denúncias de enriquecimento de pastores. Atualmente o exemplo de Edir Macedo é sempre citado. No caso de Gunnar, parecia ser um boato, em uma carta ele relata as dificuldades financeiras que passou, o que se pode deduzir segundo suas palavras: *Eu sei que ficaste triste comigo, pois pensavas que eu vivia em abundância, enquanto os outros estavam padecendo necessidades, e por esta razão paraste de enviar a oferta mensal que costumavas mandar* (VINGREN, 2000, p. 221).

Daniel Berg era sustentado pela Igreja Filadélfia, de seu amigo de infância, Lewi Petrus, sua renda era complementada pela venda de Bíblias. Ele era forte e robusto, tinha dois metros e dez de altura, e também passou grandes dificuldades nos interiores. Pelos diários dos pioneiros é possível observar a situação social do país e do Estado do Pará, relatos de altíssimas taxas de analfabetismo, casas de terra batida (barro ou adobe) e cobertas com palhas ou telhas de barro, forro era um luxo. Há relatos de epidemias de malária, febre amarela, hanseníase dentre outras. Os missionários sempre relatavam a comida simples dos paraenses: feijão, arroz, farinha e carne seca, cozidos com água e sal. Nos interiores era pior, chegaram a comer manga ou somente banana com farinha. Devido a esta alimentação deficitária, Vingren que já era magro,¹⁶ acabou adquirindo uma doença de estômago, que o levou à morte em 1933.

¹⁵ Dirigentes são leigos, que ascendem a este cargo passando por outros menores. No início dos trabalhos na AD, foram diretamente colocados neste cargo pelos missionários, alguns vieram do catolicismo devoto, outros de igrejas batistas, ou seja, já possuíam alguma experiência em liderança leiga e com a cultura Cristã.

¹⁶ Fotos nos anexos.

1.3 Pentecostalismo é Mídia.

Leonildo Campos (1997) lembra aos críticos do neopentecostalismo que a propaganda nasceu exatamente no campo religioso. Desde o início o pentecostalismo tem usado jornais, revistas e transmissões de rádio, para divulgar sua mensagem de salvação. Segundo este autor a decisão do pentecostalismo de produzir seu próprio jornal, foi devido à forma preconceituosa de como os jornais seculares apresentavam o movimento pentecostal.

Na “Revista Graça”, publicada pela Graça Show da Fé,¹⁷ há uma matéria sobre Centenário Pentecostal, essa traz a maneira como foi noticiado o movimento da Asuza Street: *“Uma seita religiosa bizarra, na qual os seguidores fazem estranhos sussurros e recitam um credo que, aparentemente, nenhum mortal em sã consciência seria capaz de entender, afirmando ter recebido o dom de Línguas”* (MIRANDA, ano 6-nº 81, p. 24-25). Os jornais evangélicos já eram bastante comum nas nascentes comunidades *Holiness* dos EUA. Um exemplo disso foi o jornal “*Apostolic Faith*”, que a missão Asuza publicou.

Em Belém do Pará, o primeiro jornal da AD foi o jornal “Voz da Verdade”, com apenas duas edições, depois surgiu o jornal “Boa Semente”. Esse era produzido nos porões do primeiro templo que se localizava a rua 9 de Janeiro, nº 75. Os historiadores da AD se orgulham de ter produzido o primeiro jornal pentecostal de Belém. O jornal Boa Semente circulou até os anos 30.¹⁸

Por ocasião do que foi chamado de 1ª convenção das AD’s no Brasil, em 1930, o jornal “Boa Semente” e o jornal “Som Alegre” foram fundidos para surgir o jornal “Mensageiro da Paz”, até hoje em circulação. O jornal “Boa Semente” em Belém e o “Som Alegre” no Rio de Janeiro foi uma iniciativa de Gunnar Vingren. O pastor Alcebíades Vasconcelos criou um jornal de circulação mais restrita a Belém, foi o jornal “Estandarte Evangélico”, que servia para divulgar as atividades dos jovens da Igreja, e logo depois, também, para outras atividades das igrejas locais.

¹⁷ Produção da Igreja Internacional da Graça, de RR. Soares, com tiragem de 150.000 exemplares.

¹⁸ Conferir: História da Igreja Mãe das Assembléias de Deus no Brasil, 2005, p.168.

Atualmente tem chamado à atenção, a presença da mensagem evangélica nos meios de comunicação. As igrejas pentecostais e sua mensagem de púlpito se adequaram às ondas de rádio e Tv, ultrapassando as paredes sem imagens dos templos, se fazendo ouvir a centenas de pessoas ao mesmo tempo. A pregação pentecostal não está mais restrita a algumas dezenas de pessoas em cada uma de suas pequenas Igrejas.¹⁹

Mas nem sempre foi assim. O rádio nem tanto, mas, a televisão foi durante muito tempo considerada um veículo de satanás, para fazer desviar o crente. Hoje mudou, apesar de algumas ressalvas. O discurso parece ser ainda coerente, qual seja, assim como os ritmos musicais a Tv foi mais um dos “objetos satânicos tomados das mãos do diabo”. A televisão agora é o aparelho que leva as “bênçãos” aos lares cristãos e não cristãos.

O aparelho de rádio foi inventado em 1901, pelo Nobel da Paz Guilherme Marconi, porém demorou 20 anos para o surgimento da primeira estação de rádio. Um fato marcante na história do rádio foi à presença do sentimento religioso, pois o conteúdo de sua primeira transmissão em 1909, foi à leitura de uma passagem bíblica por Reginald Ferzenden, pelo fato podemos perceber uma sociedade americana com valores religiosos bastantes arraigados. A primeira estação comercial de rádio foi ao ar, no dia 02 de novembro de 1920, com a estação KDKA na cidade de Pittsburgh.

Nos Estados Unidos não demorou dois meses para que uma igreja protestante tivesse no rádio a possibilidade de cumprir o mandamento de pregar o evangelho a todo o mundo. Em janeiro de 1921, foi ao ar o primeiro programa religioso de rádio, trata-se do programa da “Calvary Episcopal Church”. No ano seguinte, entrou em operação a primeira emissora ligada a uma igreja, a “National Presbyterian Church” de Washington (CAMPOS, 1997, p. 266).

A primeira igreja pentecostal a levar sua mensagem via ondas de rádio, foi a International Church of The Four-Square Gospel, no Brasil conhecida como Igreja do Evangelho Quadrangular. A controvertida e lendária Missionária Aimee McPherson, líder da Igreja, tinha um programa em 1922, dois anos depois, a International Church of The Four-Square Gospel possuía sua própria emissora, a KFSG.

¹⁹ O termo pequenas igrejas se refere ao tamanho pequeno dos templos do início do pentecostalismo, em relação as grandes catedrais dos neopentecostais, principalmente as da IURD.

Como podemos ver, desde o início o pentecostalismo se apropriou dos meios de comunicação. Dos primeiros jornais pentecostais com Parhan e Seymour, até a utilização das ondas hertzianas, os pentecostais levam suas mensagens proselitistas.²⁰ Todas as igrejas e seitas têm a pretensão de ser a legítima e “verdadeira religião”, e nenhuma delas admite fazer proselitismo. A pregação do evangelho pronunciada como mensagem de salvação, de felicidade, ou conforto, é sempre o cumprimento de um mandamento, uma obrigação do crente.²¹

A transmissão da mensagem de salvação deve ser levada a todos os cantos, e há um leque de opções para os desejosos desse tipo de serviço, ou bem simbólico. As pessoas convertidas através das mensagens radiofônicas, trazem sempre em seus testemunhos uma experiência de passagem por uma crise, que pode estar ligada a vários fatores, seja de ordem econômica até a uma desilusão amorosa, que pelo exagero das paixões humanas podem levar ao suicídio.

No início seu uso, não ganhou a simpatia de todos os pentecostais, eles o consideravam um meio impróprio para evangelização, pois encaravam o ar como morada de demônios (CAMPOS, 1997, p. 267). Na Igreja Assembléia de Deus, na pessoa do pioneiro Gunnar Vingren, este já expressava o desejo de levar o evangelho pelas ondas de rádio, este desejo deixou escrito, em seu diário, em sua viagem de navio a Suécia.²²

Nos Estados Unidos o primeiro programa de rádio das Assembléias de Deus foi ao ar em 1925 com o pastor e radioevangelista Robert Graig (CAMPOS, 1997, p. 266). No Brasil, a primeira transmissão foi no dia 07 de setembro de 1922, por ocasião do centenário da Proclamação da Independência à apenas 800 aparelhos. A primeira transmissão evangélica da AD ocorreu dia 15 de novembro de 1955, com o nome de “Som do Evangelho”, pela Rádio Marajoara (História da Igreja Mãe das Assembléias de Deus no

²⁰ As igrejas se acusam mutuamente de práticas proselitistas. Este termo é muito utilizado para desacreditar, uma vez que, como outros termos, adquiriu pela banalização de seu uso, um sentido pejorativo.

²¹ Até mesmo a Igreja Católica, da ocasião da visita do Papa Bento XVI, transmitia pelas vozes dos jovens, a necessidade de evangelização, como se o Brasil fosse ainda um campo missionário, e não um país já constituído de um leque de opções de Igrejas cristãs e de religiões mediúnicas.

²² Esta foi a última viagem de vingren. Os suecos voltavam à Suécia para morrer.

Brasil, 2005, p. 169).²³ O desejo de Vingren, de levar o evangelho via rádio, foi projetado por Nels Nelson e concretizado pelo pastor Francisco Pereira do Nascimento.²⁴ O primeiro programa de rádio da AD era sustentado pela doação de alguns colaboradores, ia ao ar as 06h e 15min, com músicas, que eram gravadas diretamente dos púlpitos pois havia escassez de discos.

Alcebiades Vasconcelos deu maior incentivo ao uso do rádio. Com a vinda de Walter Derick Mendes Ribeiro, novos programas foram criados, que passaram a ser transmitidos pela Rádio Clube, com o nome de “Voz da Assembléia de Deus”.²⁵ que ia ao ar, às 19 horas, do dia 17 de junho de 1967, aos sábados. Não observamos relatos da duração dos primeiros programas. Com a criação da Secretaria de Divulgação e Cultura, pelo Pr Firmino, a AD passou a ter seis programas em três emissoras, quais sejam na Marajoara, na Rádio Clube do Pará e na Rádio Guajará, além de um programa na TV Guajará. Na televisão o pastor Firmino tinha a maior parte nas programações, aparecia do peito para cima, parecia estar em pé atrás de um púlpito, e às vezes sentado a uma mesa.

A rádio “Trans-paz AM” foi adquirida em 1988, ainda no AR, e a “TV Boas Novas”, antes TV Guajará, foi adquirida em 14 de março de 1995. A televisão foi um dia para os assembleianos considerado um veículo de satanás, é tanto que em 1961, por ocasião da XIX Convenção das Assembléias de Deus, os pastores foram proibidos de possuir televisão em casa, e foi solicitado que os membros se desfizessem do aparelho (CAMPOS, 1997, p. 271). Ainda no início da década de 80, o pastor Firmino por determinação da Convenção, proibiu mais uma vez o uso da televisão pelos crentes. A desconfiança para com a Tv perdurou até 1995, como se pode observar do discurso do pastor Firmino Golveia, quando da compra da TV Guajará:

Este momento acredito, é um dos mais significativos da história da nossa Igreja aqui em Belém. Isso porque está nos empurrando para um campo de atividades até então por nós desconhecidos, campo que tem sido explorado negativamente, pois nele se explora um meio de comunicação chamado mídia eletrônica, *para a*

²³ Nesse mesmo ano Manoel de Melo também estreou no rádio, primeiramente pela rádio América, posteriormente pela Tupi, rádios que retardaram o processo de falência devido às programações evangélicas (CAMPOS, 1997, p. 271).

²⁴ Primeiro pastor brasileiro na direção da AD, em Belém.

²⁵ Atualmente há um programa de televisão na RBN, com esse nome, esse é dirigido pelo pastor Samuel Câmara e pelo Pr Jairinho, cantor de forró evangélico.

perversão do homem. Estamos nos predispondo a adquiri-lo para o uso do evangelho (HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS EM BELÉM DO PARÁ, 2003, p. 114).

De aparelho do diabo a instrumento nas mãos de Deus, é assim que os assembleianos se referem ao uso da televisão. Tudo indica que a compra da rádio Guajará tenha feito parte de um projeto maior, uma vez que, logo ela se uniu a uma emissora de Manaus, fundada pelo atual pastor Samuel Câmara. Com a junção a Tv evangélica paraense com o nome de Tv Boas Novas passou a fazer parte da Rede Boas Novas, com transmissão pelo Jesus Sat.

O estilo de pregação, tanto no rádio, quanto nos primeiros programas de televisão, era do Tipo Cultura da Oralidade,²⁶ uma herança tipicamente protestante (CAMPOS, 1997), onde a palavra oral predominou durante muito tempo, e ao que tudo indica ainda perdura nos meios protestantes, e de sua expressão “popularizada”, os pentecostais. Segundo Campos (1997) a mensagem evangélica não perdeu o sentido da oralidade em sua forma escrita, esta a perpetuou. A palavra de Deus dada pela escritura “*Solla Scriptura*”, é um fator de forte aproximação entre pentecostais e protestantes.

Atualmente na “Rede Boas Novas” (RBN) alguns programas veiculados, são de utilidade pública, ainda que voltados à moralidade cristã. Há um jornal ao meio dia, programas sobre culinária, debates, programas musicais etc. Alguns desses são do tipo Talk Show, ou estilo “Hebe Camargo”, no qual há um entrevistador e os convidados estão acomodados em sofás. Esses últimos com conteúdos diversos, como: direito do consumidor, violência, direitos trabalhistas, receitas de como melhor educar os filhos, etc. sem prejuízo de programas do tipo evangelístico.

O estilo igreja, onde o pastor falava de um púlpito, ou atrás de uma mesa, aos poucos são substituídos, imitando estilos de programas seculares, como exemplo, temos os programas realizados pelos filhos de Samuel Câmara, onde um faz um programa do tipo “Serginho Grosman”, em que o entrevistador em roda com seus entrevistados, está ladeado por uma pequena platéia, sentados em uma espécie de anfiteatro, trata-se do programa

²⁶ Sobre isso conferir Campos (1997, p. 246).

“Antenados” de Phillipe João Câmara. Outro filho, André Câmara, comanda um programa do tipo MTV, em que há entrevistas, curiosidades, esportes radicais, agendas culturais etc.

Não poucos são ainda os cultos transmitidos, como os do Templo Central e os do Vale da Benção, além do de outras Igrejas, em que ainda predomina o estilo igreja. Nesses os pastores não ficam inibidos ao berrar, utilizando a típica estratégia de entonação da voz para provocar a emoção da platéia, não se inibem, também, ao falar em línguas, e a orar da forma mais pietista possível.

A RBN vende espaços a outras igrejas como a do Evangelho Quadrangular, onde se observa uma pregação voltada à venda dos produtos pentecostais do tipo bênçãos e prosperidade, ou seja, é uma mensagem do tipo promessa de vitórias, típicos de um triunfalismo neopentecostal pós-moderno, fazendo propaganda de uma terapêutica para problemas diversos. Há espaços para igrejas dissidentes da AD, como para a “Igreja Assembléia de Deus: missão apostólica de fé”.

1.4 A relação com a política

Outra característica marcante tem chamado à atenção de pesquisadores, uma maior presença dos pentecostais na política, com isso afirma-se que os pentecostais aos poucos estão deixando sua forte característica sectária. A atuação no governo chamou mais atenção devido à falta de ética, com relação a questões mais profundas da sociedade brasileira, como o forte clientelismo e fisiologismo, além de escândalos envolvendo propinas e enriquecimento ilícito, por parte de pastores em cargos de deputados e senadores.

Os pentecostais na política tornou-se um tema atual entre os pesquisadores. São monografias, dissertações e teses de doutorado. Na atuação nas Câmaras legislativas, ou no Congresso Nacional, os projetos dos pentecostais geralmente são de ordem moral, as vezes ultrapassada, ou de assuntos relacionados mais a uma religiosidade judaica cristã.

Tem-se afirmado que os pentecostais são alienados, que não estão engajados nas lutas sociais. Os missionários batistas que fundaram a Assembléia de Deus tiveram experiências negativas em seu país de origem. Primeiramente com relação à Igreja Luterana, que tinha os batistas como uma seita, esses eram poucos e se ressentiam de uma Igreja Estatal liderada por uma elite intelectualizada. Havia pouca diferenciação religiosa, e a dissidência batista era em número reduzida e marginalizada, tanto, a ponto de emigrarem, também, por motivos religiosos (FRESTON, 1994, p. 77). No âmbito da política partidária, os batistas desconfiavam da Social Democracia, e no religioso de um clero elitista e opressor, e pouco aberto ao misticismo. Assim os batistas reagiam com uma religião contracultural. Freston (1994, p. 77) citando a tese Martin,²⁷ afirma que em culturas luteranas a dissidência demora a chegar, e quando chega tem forte tendência ao pentecostalismo.

A Igreja Luterana estava intimamente ligada ao estado monárquico sueco e havia pouca liberdade para outras expressões religiosas. A adesão à Igreja Luterana era de 95%,

²⁷ MARTIN, Bernice. Symbolic knowledge and forces at the frontiers of post-modernism: Qualitative market Researches. In Heuberger, F & Keller, H. (org) Hidden Technocrats: the New Class and the New Capitalists, Nova York, Transaction Press, 1991.

mas somente 5% eram os que poderíamos chamar de luteranos praticantes. Com maioria de luteranos a Suécia se assemelhava ao Brasil, no que tange a uma hegemonia religiosa. O Brasil, a época dos missionários, era um país de predominância massiva de católicos.

A Suécia era um país que iniciara sua revolução industrial²⁸ de forma muito incipiente e acompanhada de uma forte recessão, sentida principalmente por jovens suecos, que em busca de oportunidades de emprego migravam. Assim mais de um milhão de suecos emigraram para os Estados Unidos (FRESTON, 1994, p. 76). Os luteranos inicialmente se associaram ao marxismo, e posteriormente predominou uma tendência a social democracia, que Freston chamou de “Caráter Protestante”, ou seja, subordinada ao estado, e maleável a mudanças que pudessem ocorrer neste (ibid., p. 77). Este autor talvez estivesse se referindo a uma forma de ideologia política baseada em uma social democracia, mas que não intencionava revolucionar as bases produtivas, aos moldes da revolução de 1917.

Nos Estados Unidos, os missionários presenciaram uma sociedade com fortíssimo aparthaide social e racial, a exemplo do que se pode depreender da história da Azusa Street, onde Seymour, que era negro, assistia às aulas de Parhan, do lado de fora da sala de aula, este último era branco e membro da *Ku Klus Klan*. Quanto ao aparthaide social, fica claro no relato dos pioneiros, quando da viagem ao Brasil, o navio em que viajavam era um antigo navio negreiro, e a bordo receberam um tratamento semelhante ao dos escravos. A comida, uma sopa rala, era péssima e tinham que lavar suas louças, tanto para pegar a comida, quanto para lavar a louça, foram organizados em filas, o que causava muitos constrangimentos. No navio havia muitos migrantes de cor, os missionários relatam que eram os únicos brancos do navio.

Daniel Berg²⁹ era declaradamente contra qualquer forma de manifestação política. Conviveu em sua cidade com um padre autoritário, ele era o diretor da escola, e muito respeitado por todos, esse último queria forçar Berg a ser batizado quando criança. Ainda nos Estados Unidos Berg deixou um dos empregos, porque queriam que ele se filiasse ao sindicato. Em sua viagem ao Brasil não puderam levar todas as suas malas, por causa de

²⁸ No diário de Berg ele descreve a neve que, ao se misturar com a fuligem que saía das chaminés das fábricas se tornava marrom e não branca como de natureza, demorando mais a se dissolver no chão, deixando a cidade com um aspecto pouco apresentável.

²⁹ Foto nos anexos.

uma greve nos portos do Estados Unidos. Os outros missionários que escreviam sobre ele ressaltaram o fato dele não se envolver com a política, até mesmo em contendas internas com a liderança da Igreja, procurava escapar, conforme o relato em sua autobiografia, quando sentia que poderia entrar em atrito com Gunnar Vingren, logo, em uma atitude que demonstra forte atitude pietista, ambos se ajoelhavam oravam e cantavam, e a paz reinava.

A experiência na Suécia, de um monopólio da Igreja Luterana, tanto do conhecimento, erudição, quanto na política, além de outras experiências, talvez expliquem o apoliticismo dos pioneiros, e também explique a falta de interesse em fundar um seminário teológico, talvez pelo medo de que novos conhecimentos causassem uma mudança em relação à mística pentecostal, o que os crentes chamam de esfriamento. Não somente isso, mas no Brasil perceberam um país socialmente dominado pela religião católica. Para alguns autores, os missionários temiam que ao se envolverem na política no Brasil, pudessem ser expulsos, e isto prejudicar a obra missionária. Para outros, principalmente protestantes históricos, há uma cobrança pelo fato dos assembleianos não estarem engajados em lutas sociais e por assim dizer em política, tendo-os por alienados.

Os protestantes da segunda metade do século XIX, tiveram o apoio dos liberais, maçons e republicanos. Estes atores sociais tinham um inimigo comum o clero ultramontano. O Brasil vivia uma Monarquia fortemente influenciada pela Igreja Católica, por conta disso os protestantes não podiam se candidatar a cargos eletivos, o que só mudou com a lei Saraiva de 1881. O primeiro protestante em cargo eletivo foi o reverendo Karl Von Koseritz, eleito para a Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul, em 1881. Das primeiras reivindicações dos protestantes havia ênfase de uma política de imigração mais acentuada, baseada na oferta de pequenas propriedades rurais.

Em janeiro de 1890, o Regime Republicano separa o Estado da Igreja, e em 1891, a Constituição Republicana atende a reivindicações anticlericais, partilhadas por protestantes, como o casamento civil, cemitérios seculares, e liberados para o enterro de protestantes, além de ensino público e laico. Por parte dos liberais havia uma intenção de diminuir ou eliminar a influência do catolicismo no Estado, e da dos protestantes uma maior liberdade de atuação na vida civil e política. Um fato interessante observado por Freston (1994), na época a maioria dos protestantes eram de luteranos, esses eram monarquistas, que

se mantiveram isolados na república. No início as primeiras demandas estavam relacionadas ao direito da própria participação dos evangélicos em espaços públicos, e maior liberdade e participação econômica. Nos dias atuais contraditoriamente, o argumento da AD, para participação na política, e de que o pentecostal tem que participar, para garantir a liberdade de culto, como se a participação de evangélicos fosse uma coisa muito recente, e ainda, o pensamento de que devem manter a liberdade de culto, que já foi garantida na constituição de 1988. O discurso pentecostal parece inocente, mas em última análise é proposital, pois serve para ganhar as massas, funcionando para uma população com baixa escolaridade e pouca participação em âmbitos políticos.

A força do clero católico se fez ver ainda no período Vargas. Segundo Paul Freston (1994) houve, em 1925, tentativas de se estabelecer uma religião do Estado. Das reivindicações dos evangélicos desse período, o que marcou, no âmbito secular, foi o direito ao divórcio, um tabu para católicos e pentecostais assembleianos. Dentro da lógica protestante havia reivindicações para que as eleições não ocorressem aos domingos, dia escolhido pelos cristãos, principalmente presbiterianos,³⁰ para ser guardado e “consagrado”.

No período Vargas um metodista ficou registrado como o mais importante político protestante, e único a fazer parte da constituinte em 1933, 1934 e 1946, trata-se de Guaracy, pastor metodista que ganhou notoriedade nos meios evangélicos, pela divulgação e criação da União de Escolas Dominicais. Guaracy Silveira se elegeu sem homologação de qualquer igreja, pelo Partido Socialista Brasileiro. Ele próprio se considerava um socialista, mas tinha aversão ao comunismo, entre suas propostas estavam o divórcio, a livre sindicalização e nacionalização das jazidas minerais. Na constituição de 1933-34, duas de suas propostas foram realizadas: a autonomia sindical e a nacionalização das águas e riquezas minerais.

Na constituição de 1946, Guaracy conseguiu incluir na constituição o direito de não matar em guerra. Este fato demonstra uma preocupação com a fé protestante e cristã. A atuação de Guaracy despertou o interesse de outros protestantes para a política, tanto é que em 1947 e em 1950, vários deles se elegeram deputados estaduais, e para as câmaras legislativas nos municípios (FRESTON, 1994, p. 24).

³⁰ Sobre isso conferir Alves (2005)

No período militar, houve uma certa relação entre os evangélicos e a ditadura. A Igreja Presbiteriana do Brasil foi a mais comprometida com o regime, vários líderes leigos tinham posições de importância, e três protestantes foram nomeados para governarem Estados. O primeiro foi o presbiteriano Geremias Fontes em 1966, no Rio de Janeiro, ele era advogado, foi também deputado federal pelo PTB. O segundo foi outro Presbiteriano, Eraldo Gueiros Leite em Pernambuco, seu governo foi de 1971 a 1975. O terceiro governador interventor cooptado pelo regime foi Enoc Reis, no estado do Amazonas de 1975 a 1979 (FREESTON, 1994, p. 36). Neemias foi redator do AI-2. *“A Presbiteriana Independente (IPI) também teve sua repressão interna e forneceu quadros importantes para o regime. A Convenção Batista deu total apoio ao regime militar”* (ibid., p. 26).

Segundo Baptista (2002) os assembleianos ficaram muito contentes com a nova ordem. A conquista do poder pelos militares foi tida como providência divina, para conter o comunismo. Havia boas relações entre a AD e o Regime, é tanto que houve subvenção do governo para os empreendimentos da AD, que recebia doações para suas obras, como exemplo o Seminário Teológico, o abrigo feminino Etelvina Bloise, e o Colégio Samuel Nystrom.³¹

Para os militares era interessante uma religião que ensinasse a submissão às autoridades. Isto é legitimado pela seguinte passagem bíblica: *“Todos se submetam às autoridades constituídas. Pois não há autoridade que não venha de Deus, e as existentes foram instituídas por Deus. De sorte que quem resistir à autoridade resiste à ordem de Deus (Rm 13,1-2)”*.³² O pastor Firmino Golveia fez um curso de quatro meses na Escola Superior de Guerra, fato este contado com entusiasmo pelos historiadores da denominação. A abertura democrática, a queda do regime, e a volta das eleições diretas marcam a entrada de um evangélico eleito pelo voto direto, este era Iris Rezende.

A entrada dos pentecostais na política se fez mais notória na constituinte de 1986. Essa entrada marca um período tenebroso para os sinais de conversão de protestantes e pentecostais, que “pecaram” justamente naquilo que mais serviu de ideologia para legitimar

³¹ O colégio Samuel Nystrom durou pouco tempo, pois deixou de receber a ajuda do governo, e o abrigo Etelvina Bloise foi desativado.

³² Carta de Paulo aos Romanos. Bíblia Sagrada. Editora Santuário & Editora Vozes. 1992. 40ª edição. Esta passagem bíblica já foi muito usada para legitimar a autoridade do pastor.

sua participação na política, qual seja, o discurso moralizador e ético. A entrada de evangélicos na política mostrou aos incautos,³³ que os evangélicos não são nem anjos nem santos. A atuação dos evangélicos na política fez com que Caio Fábio, presidente da Associação Evangélica Brasileira aparecesse na mídia para pedir desculpas em nome dos evangélicos que ainda eram “sérios”. Baptista (2002) afirmou que os pentecostais assumiram a mesma cultura política corrupta da grande maioria dos políticos brasileiros, o que ele chama de cultura política parece mais um vício que em nada condiz com a identidade do pentecostal, cristalizada no imaginário popular.

Os argumentos para a inserção na política, tanto nos púlpitos, quanto nos veículos de comunicação da AD, e outras igrejas, perduram até hoje. Ainda é muito presente o discurso reducionista baseado sempre em versículos isolados, e fora de seus contextos, ou baseado em personalidades da Bíblia, qual seja, o discurso ideológico de que um pentecostal no poder vá mudar o país. A presença de assembleianos na política já foi um tabu, hoje, justificam a necessidade de presença de “servos de Deus” em todos os setores da sociedade. Entre a ideologia para justificar a mudança de pensamento, ainda há a velha questão, que vem desde os protestantes, de “moralizar o País” e até mesmo de servir como missionário entre os políticos. Além do combate ao comunismo,³⁴ ao homossexualismo,³⁵ à liberação do aborto, à liberação da maconha,³⁶ ao ecumenismo, ao secularismo etc.

Todos os cidadãos estão diretamente envolvidos com a política, quer queiram quer não. Haverá sempre alguém governando, sugerindo os destinos das pessoas, e estas, mesmo que não tenham se envolvido diretamente no processo político, nem por isso estará alheias ou neutras [...] Outro erro mais grave ainda é achar que a Igreja deva ficar fora do processo político. Por que a Igreja deveria se alienar desse processo, quando está em jogo o poder que vai governar seu destino? [...] Se a Igreja pode e deve influenciar na vida das pessoas, quanto a questões tão profundas como a salvação, ensinando-as a terem uma conduta cristã e viverem com dignidade a sua fé, por que não pode fazê-lo com questões menores, ainda que importantes, como a política. (CABRAL, 1996, nº 119, 02 jun./1996).

³³ No sentido de crédulo ingênuo

³⁴ Pode parecer destoante falar em comunismo depois da queda do muro, mas como exemplo nas eleições de 2000 para prefeito de Belém, o candidato Ramiro Bentes, em um debate, insistiu com Edmilson Rodrigues para que esse se declarasse comunista, era uma manobra para que esse não tivesse votos de evangélicos.

³⁵ Falar em “casamento de homem com homem” para um pentecostal é afrontar a sua Bíblia.

³⁶ Em uma entrevista, um pentecostal, se disse a favor da liberação da Maconha.

Na citação acima podemos perceber outra idéia muito comum na ideologia pentecostal, trata-se da Teologia do Domínio. Outra forma de legitimar o argumento da necessidade de pentecostais na política, está na Teologia do Domínio (ROMEIRO, 1999, pp. 168, 169). A Teologia do Domínio é uma criação americana, que prega que o crente deve “dominar o mundo”, tirando-o das mãos de satanás, essa teoria pode ser entendida no bojo da chamada guerra espiritual. Nos EUA, um de seus idealizadores foi o televangelista Pat Robertson, que a utilizou para tentar chegar ao mais alto posto daquele país, que como costumam dizer os analistas políticos, de “o homem mais importante do mundo”, presidente dos Estados Unidos.

Em um artigo do Mensageiro da Paz de 1998,³⁷ o autor citando o deputado Peniel Pacheco, esse afirma que os missionários não se metiam em política por causa da pressão da Igreja Católica sobre o Estado, de que se falassem em política seriam expulsos do país. Em relação ao medo da perseguição católica através dos organismos estatais é importante o seguinte relato de Gunnar Vingren em seu diário: “*O senhor nos guardou durante a revolução, e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade de sempre*” (VINGREN, 2000, p. 173).

O missionário se referia à revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao Poder. Nessa época Gunnar estava comandando o trabalho no Rio de Janeiro. Ivar Vingren, que compilou os diários do pai, descreveu a revolução como “*dias de muita tensão com o exercito se defrontando em São Paulo com compatriotas, muitos morreram, e foi o gaúcho Getúlio Vargas que se rebelou contra o governo*”. Não se poderia esperar que Ivar Vingren, filho mais velho de Gunnar, e também missionário, fizesse uma análise política do fato, assim descreve a revolução de trinta, de forma bem “inocente”, o que é importante destacar, era o medo de mudanças no regime político do Brasil, outro exemplo foi quando em novembro de 1917, houve o que Gunnar descreve como revolução,³⁸ ele voltava da Suécia, e no seu diário afirma que esta “revolução” não impediu os trabalhos.

Ainda no artigo do Mensageiro da Paz, de 1998, o autor afirma que os assembleianos resolveram participar da política porque souberam das intenções de

³⁷ O peso do voto. Jornal Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, N° 1318, p. 5, setembro/1998.

³⁸ Não sabemos dizer se Gunnar se referia à greve geral de 1917 no Brasil ou da revolução na Rússia. Ou se ouve outro levante a nível local.

Tancredo Neves de fazer do Brasil um país católico (Jornal Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, N ° 1318, p. 5, setembro/ 1998).

A convenção geral de 1985, em Anápolis, Goiás, preparou o terreno para incursão dos assembleianos na política. Foram convidados políticos de outras denominações para que no uso da palavra incentivassem os pastores para o ingresso na política, foram eles Íris Rezende e Daso Coimbra (FRESTON, 1994, p. 42).

Outra figura chave foi Jose Fernandes, o primeiro membro da AD a chegar no Congresso. Fernandes de família pioneira da AD no Amazonas, e filho de pastor. Foi incentivado nas aspirações políticas pelo pastor presidente local Alcebíades Vasconcelos, defensor da projeção social da igreja [...] De 1979 a 1982 foi prefeito nomeado em Manaus. Diz não ser o típico político da AD, mas mesmo assim defendendo a vida e a liberdade religiosa. Frase reveladora das expectativas mínimas da igreja com relação aos seus deputados (defender a vida significa opor-se ao aborto) (FRESTON, 1994, p.42).

As Convenções Estaduais da AD escolheram os candidatos oficiais da igreja, para concorrerem como deputado federal e, às vezes como senador e deputado estadual. Houve até quem escrevesse um livro, cujo título popularizou o jargão “crente vota em crente”, “irmão vota em irmão”.³⁹ O livro de Josué Sylvestre argumenta que se os evangélicos devem fazer sempre o bem, deveriam votar em candidatos da igreja (FRESTON, 1994, p. 43), com isso estariam fazendo o bem para a igreja e para a nação.

A política facilita o acesso à mídia, e esta última se configura em uma das formas de se estabelecer lideranças, que ficam conhecidas e posteriormente lançadas como candidatos. Há, assim, uma relação íntima entre mídia e política. Além do discurso ético e moralizador, as concessões de rádio e TV, ou aquisições dos mesmos, foram mais um dos motivos que levaram os pentecostais a se inserir na política. Na prática os pentecostais foram além, pois negociavam toda sorte de benefícios que uma igreja ou associação evangélica

³⁹ Quando Duciomar Costa, atual prefeito, concorreu com Edmilson Rodrigues em 2000, foi apoiado pelos caciques da AD. Na época foi confeccionada uma ventarola - leque de papel, daqueles que é distribuído no Círio de Nazaré em Belém - com os seguintes dizeres “Sou Evangélico, Sou da Paz”. Quanto a dizer ser da paz, Duciomar em campanha vinculava a imagem de Edmilson e do PT a baderneiros e bagunceiros. Quanto ao fato de ser evangélico, Duciomar, segundo relatos de informantes, é espírita Kardecista. Sua ex-esposa Maria Costa é evangélica da Quadrangular.

poderia obter do Estado. O clientelismo e o fisiologismo se tornaram característicos de políticos evangélicos.

Na Constituinte as concessões de rádio viraram moedas de troca. Alguns constituintes adquiriram concessões para si mesmo. Para conquista dos meios de comunicação os pentecostais venderam seus votos em um pensamento deturpado de meios e fins. O comportamento dos evangélicos foi muito criticado, principalmente na atuação da Confederação Evangélica do Brasil que recebia dinheiro do governo, e doações de políticos. Além de verbas a fundo perdido da LBA, e da Secretaria especial de Ação Comunitária (SEAC), dinheiro este que tinha destino incerto (FREESTON, 1994, p. 72). Desgastada pela crítica do Jornal do Brasil, a CEB foi defendida pela Assembléia de Deus, e até mesmo José Wellington presidente da CGADB⁴⁰ entrou para diretoria com o propósito de salvar a confederação. A partir de 1989, as regionais da CEB fecharam e em 1990, a sede em Brasília foi encerrada.

Os evangélicos tinham aversão à esquerda.⁴¹ Discordavam de propostas como legalização do aborto, e liberdade de escolha sexual, segundo os pentecostais, essas reivindicações feriam os princípios Bíblicos. Também não se alinhavam à direita, e não foram fiéis ao que se chamou de centrão. Destarte se organizavam em blocos para votar em assuntos, que segundo eles feriam a moral e a ética do país, e de suas crenças religiosas. Já em assuntos como reforma agrária cada um votava por si, mas acabou que a maioria votou contra, e para isso receberam contribuições da UDR. Pode-se dizer que, o que ficou conhecido como bancada evangélica, foi mais um balcão de negócios.

O discurso moralizador e triunfalista dos evangélicos ficaram somente em suas frases de efeito. Quanto à ameaça à liberdade religiosa, não houve nenhuma proposta que pudesse prejudicá-los. Houve muito boato, e ao que parece, é prática comum na Assembléia

⁴⁰ Convenção Geral das Assembléias de Deus.

⁴¹ Em entrevistas a maioria dos pentecostais afirmou que votariam em candidatos da esquerda, porém quando perguntados sobre a escolha de um candidato de esquerda com “excelentes” propostas, para beneficiar toda a população, e outro evangélico, de direita, com propostas meramente corporativas, a resposta foi que o voto seria no evangélico, por causa dos “projetos” da igreja, ou ainda por obediência aos pastores. Poucos jovens, nesta pergunta, disseram que continuaria com o candidato de esquerda. A menção aos projetos da igreja envolve práticas clientelistas, vista como coisa natural.

de Deus, à crença de que um dia o pentecostalismo possa vir a ser perseguido,⁴² ou que haja proibições na realização de seus trabalhos, este é um dos motivos de serem antiecumênicos, pois acreditam que quem lidera o movimento ecumênico é a Igreja Católica, e que esta se conseguir seu “intuito”, obrigará a todos a se submeterem à autoridade do Papa.

“Deus já me disse que um evangélico vai ser presidente”, esta foi a frase de Manoel Ferreira, líder da Assembléia de Deus Madureira.⁴³ Modernamente quase tudo pode ser argumentado através de revelações.⁴⁴ A relação entre revelação é a fé, está no pressuposto de que ela é verdadeira, a lógica evangélica diz que crente não mente, porque tem que ser santificado, e se for pastor, que é o caso, mais ainda, pastor é o homem ungido de Deus. Manoel Ferreira⁴⁵ afirmou que Deus teria lhe dito que Íris Rezende seria o presidente da república nas eleições de 1989.

Íris Rezende era ministro da agricultura e era evangélico. Perdeu na convenção do PMDB. A maioria dos evangélicos que o apoiaram, não apoiou outro candidato no primeiro turno, mas no segundo apoiaram Fernando Collor de Mello. Mais uma vez não faltou revelações; de que Collor era o “escolhido de Deus” para governar este país. O medo do comunismo, e de tudo o que isso representava, ainda persiste no imaginário, não somente dos evangélicos, mas em boa parte da população alienada, o que favoreceu a Collor.

Collor soube aproveitar o interesse dos evangélicos por sua candidatura. Fez aliança com a IURD, visitou templos e se dizia temente a Deus, numa alusão clara à idéia de ateísmo atribuído ao candidato Lula. Collor prometeu combater a corrupção, o que agradou aos evangélicos. Diz-se que houve boa participação dos votos evangélicos na vitória de

⁴² No livro de Mateus, capítulo 24, novo testamento, há uma previsão de perseguição à igreja, renunciando a volta de Cristo.

⁴³ A Assembléia de Deus Madureira é uma dissidência da Assembléia de Deus Missão. O fundador Paulo Leivas Macalão era um pregador agressivo e mais apegado a doutrinas do que os próprios pioneiros. Era um líder carismático. O trabalho no bairro de Madureira em São Paulo cresceu muito, e ameaçou a liderança sueca. Macalão continuou vinculado a CGADB, mas seus sucessores esperaram sua morte para se desvincularem de vez, formando uma convenção própria.

⁴⁴ Recentemente descobrimos que uma mulher fundou uma Assembléia de Deus renovada, onde o que impera são as revelações. Ela era quadrangular, e a ênfase na revelação pertence a Deus é amor.

⁴⁵ Alguns pastores para legitimar suas idéias, por mais estapafúrdia que seja, afirmam que conversam diretamente com Deus. Um exemplo é o de Kenneth Hagim, que afirma que foi o próprio Jesus quem lhe revelou, que deveria se valer do poder de suas palavras em vez de confiar somente na providência divina.

Collor. Nas eleições de 1989, o pastor Firmino Golveia deu amplo apoio e incentivou a pastores e crentes a votarem nesse candidato.⁴⁶

Nos Mandatos em que os pentecostais assembleianos fizeram parte, nos anos seguintes, continuou sendo marcado por escândalos e corrupção, envolvendo propinas, falta de ética, falta de decoro parlamentar e muitas trocas de partido. Os evangélicos não são comprometidos com qualquer ideologia de qualquer partido, a sua visão clientelista foi o que falou, e ainda fala, mais alto.

Baptista (2002) em sua dissertação de mestrado, em Belém, discorreu sobre as práticas políticas dos candidatos da Assembléia de Deus, na qual verificou, que na Câmara Legislativa houve um comportamento destoante, no que diz respeito à identidade evangélica. Antes de alcançar o ponto de seu trabalho, buscou na história, as práticas clientelistas da AD em Belém, como as já citadas obras da igreja, que tiveram ajuda do governo, sempre em troca de apoio. Os pastores procuravam convencer os crentes a votarem nos padrinhos. Este autor em um estudo de caso focou a atuação dos vereadores evangélicos, eleitos com pleno apoio da igreja, que estampavam seus rostos no Boletim Informativo da AD, distribuídos no culto do domingo à noite, com tiragem de 2000 exemplares.

O velho discurso de que irmão vota em irmão predominou como principal argumento. Além do discurso de evitar a eleição na Câmara, de ímpios, macumbeiros, homossexuais,⁴⁷ espíritas ou marxistas ateístas, que segundo os pastores iriam trabalhar para o inferno. As propostas dos candidatos evangélicos eram as mesmas da constituinte. Enfrentar a pornografia, as drogas, o homossexualismo, o aborto etc. Em contrapartida prometiam trabalhar para ampliar a “glória de Deus” na terra.

Os evangélicos entre outras coisas queriam reforçar sua identidade religiosa, inserindo símbolos inventados, ou criando espaços como símbolos cristãos, alguns, pela herança protestante. Assim agora em Belém temos o dia do diácono, o dia da Bíblia, ou

⁴⁶ Em uma conversa informal, com um crente de mais de 50 anos, este afirmou ter votado em Collor por obediência ao pastor, na pergunta sobre se votaria no diabo, se o pastor mandasse, a resposta foi afirmativa.

⁴⁷ Os argumentos dos mais velhos, da Igreja, giravam ainda no medo do comunismo, que atribuíam aos partidos de esquerda. Outro argumento era o de que eles votavam nos candidatos apoiados pela Igreja, por obediência ao pastor. Em uma conversa com um crente esse disse que não votava em Edmilson Rodrigues por que este era Gay, nem em Ana Julia Carepa, por que esta era “sapatão” (sic), ou ainda porque o Partido dos Trabalhadores tem um projeto de lei que iria instituir o casamento Gay, e que no futuro os pastores seriam obrigados a casar os homossexuais na igreja (sic).

ainda a Bíblia aberta na mesa da Câmara Legislativa, o dia da reforma protestante etc, houve até tentativas de mudança da rua 14 de Março, para Rua Assembléia de Deus, empreitada frustrada do pastor Firmino. Baptista ressaltou algumas leis de uso geral, aprovadas pelos assembleianos, como, a que estipulou a obrigatoriedade do uso do cinto de segurança, o limite de peso nas mochilas escolares de crianças até 12 anos, e o direito das crianças até 14 anos terem acompanhantes nos hospitais.

2ª PARTE**NEM TERNO NEM GRAVATA.**

2.1 Identidade.

As mudanças observadas no pentecostalismo estão no bojo das mudanças no campo religioso brasileiro. O catolicismo ainda representa a crença hegemônica, embora conviva atualmente com as novas representações do cristianismo, surgidas dos processos de migração, no caso do protestantismo advindo da reforma, e de um crescimento mais observável, com o pentecostalismo a partir de 1910. Assim o campo religioso brasileiro é diversificado, além do catolicismo e suas representações, têm as religiões de matriz afro, as religiões indígenas, os pentecostalismos, com ênfases em um ou outro aspecto, e mais recentemente diversas formas de esoterismo e outras práticas ligadas a religiões orientais.

Cada forma de manifestar o sagrado, ou ainda cada soteriologia, e outras formas de escape e terapêutica engendram representações manifestas no modo de ser, nas maneiras de agir, seja no mundo, para significar subjetividades, seja para o mundo, significando e dando sentido a sociedade atual, ou ainda para esperanças fora do mundo. A pertença às diversas formas de crença, e suas linguagens, estão em constante relação umas com as outras. O modo de ser e a forma de representar a pertença de tal grupo, negando os outros, é o que podemos chamar de identidade.

A identidade é relacional e contrastiva. Ela surge no encontro com o outro, ou na interação com o outro. A identidade nas ciências sociais é uma categoria de análise, que requer um exercício de cognição interdisciplinar, entre sociologia, antropologia e psicologia, uma vez que ela denota a própria contradição entre as forças sociais de coerção em relação ao indivíduo, ao passo que, engendra uma coesão entre eles, mas imbuídos de seus próprios interesses e paixões. Assim por outro lado temos indivíduos que filtram as determinações sociais, representando seus papéis, seja em relação a seus outros significativos, seja de acordo com o seu Eu.⁴⁸

Assim quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. Na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la, à maneira de Durkheim

⁴⁸ Sobre isto conferir Erving Goffman em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana” (GOFFMAN, 2005).

e Radcliffe-Brow, como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade (GOFFMAN, 2005, p. 41).

O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações (OLIVEIRA, 1976, p. 05).

Oliveira ao trabalhar o conceito de identidade, investiga autores da sociologia como Berger e Luckmann, para os quais o objeto da sociologia do conhecimento seriam as representações ideológicas da experiência coletiva vivida, ou o conhecimento do senso comum, gerado pela realidade social do cotidiano (idem, p. 39). A identidade como algo concreto e existente nas relações entre indivíduos, construída em sociedade, é uma categoria de análise que foi percebida como produto da realidade objetiva por sociólogos como Berger ou Goffman, pois sua manifestação se dá em convívio social. *"Identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade [...] Uma vez cristalizada é mantida, modificada ou mesmo, remodelada pelas relações sociais"* (BERGER & LUCKMANN, 1996, p. 228).

Oliveira (1976) cria o conceito de identidade contrastiva, onde as identidades são constituídas em contraste entre duas outras identidades. O conceito de identidade é assim descrito:

Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente (OLIVEIRA, 1976, p. 05).

A Identidade é então, um conjunto de idéias referentes a nós mesmos, que adquirimos em convívio social. Essas idéias determinam as nossas ações na sociedade e nossas relações com os outros. O conceito de identidade contrastiva explica o processo de identificação do indivíduo, dizendo respeito também a própria identidade formada. A identidade possui um conteúdo reflexivo e comunicativo, fazendo parte de um código de

conduta diante dos outros. Oliveira defende a idéia de que a identidade é uma ideologia, uma vez que ela é uma forma de representação coletiva.

Segundo Brandão, a identidade pensada enquanto um conceito aparenta ser real por um recurso metodológico, ou seja, possuindo uma realidade lógica. A identidade não existe na natureza como uma coisa dada (BRANDÃO, 1986, p.158). Ela pode ser sentida, atribuída, reivindicada, ou ainda fazer parte de um conjunto de ações e conhecimentos, que podem ser apreendidos em um processo de socialização ou re-socialização, como nos casos de uma identidade religiosa ou de conversão a uma nova religião.

O conceito de identidade é utilizado pela sociologia na análise das interações sociais de grupos diferentes. O sociólogo Goffman (1988) o utiliza em sua obra “Estigma” para descrever as relações entre indivíduos “normais” e estigmatizados. Goffman alude a noção de identidade social enquanto *status*, assim a categoria identidade social inclui atributos como honestidade e ocupação social. Quanto à identidade pessoal, o autor, a entende como *papel*, cada pessoa introjeta o seu papel e o representa de acordo com os padrões criados em sociedade. No caso da pesquisa de Goffman, sobre o estigma, a identidade estigmatizada, ou seja, o “anormal” e o “desviante” são categorias de pessoas que mostram quem são os normais, declarando assim os papéis dos indivíduos em sociedade, num processo que elimina o outro.

Segundo Goffman (1998) e também Berger & Lukmann (1996), no processo de socialização do indivíduo, o estigma⁴⁹ pode ser uma ameaça à identidade, ou ainda, a forma preconceituosa como a maioria percebe algumas minorias, e as representações criadas, podem funcionar como um reforço de identidade. Algumas ações de indivíduos podem, até mesmo perpetuar a sua imagem de “pessoa diferente”. Goffman cita o exemplo de uma mulher anã que confirma características, trabalhando bem, os trejeitos que se tornaram próprios das pessoas anãs. As pessoas acrescentam à sua própria biografia modos de ser e representações da coletividade, porém, cada pessoa descreve suas próprias biografias.

Outro exemplo de práticas individuais, que servem como reforço de identidade, temos o exemplo de Castells (2006, p. 25), de homossexuais que fazem de seus trejeitos um

⁴⁹ Durante muito tempo a designação crente soou pejorativo. Atualmente a palavra evangélico é usada para denominar protestantes e pentecostais.

instrumento de aceitação e reforço de uma identidade de “bicha louca”. Nos exemplos de Goffman e Castells, percebemos que algumas classes de identidade se reforçam através de uma negatividade que se transmutou de estigmatizante em algo chistoso, desta forma o indivíduo evita o isolamento, se integrando e sendo aceito em diversos grupos. Em nosso caso, nesta pesquisa, algumas formas de representação se tornaram cristalizadas em relação aos pentecostais. Sua linguagem triunfalista, seus jargões, que já se tornaram ditados populares, seu otimismo exagerado, e até de alguns pentecostais que preservam modos característicos de se vestir, ditos como cafona, e de seu comportamento em meio aos grupos dos quais fazem parte.

Berger & Lukmann (1996) ao discorrerem sobre a identidade, a colocam como um elemento chave da realidade subjetiva. Ela é fruto da interação entre um Eu, pessoa individual que problematiza as regras da sociedade, e a sociedade, que imprime em cada indivíduo um conjunto de ações de modo de ser e de agir. Os autores entendem a identidade enquanto papéis sociais, ou seja, como uma internalização da realidade objetiva. O Eu é reprimido pela sociedade que espera que cada indivíduo desempenhe seus papéis da forma como foi construída pelas instituições sociais. As ações dos indivíduos têm que estar carregadas de um sentido que foi dado pelo outro generalizado.

A realidade apreendida pelo indivíduo, ou melhor, filtrada por este, se configura como uma realidade subjetiva que possui uma relação dialética com a sociedade. A identidade e a interiorização da objetividade fazem parte de um mesmo processo, o da socialização. É através da socialização que a identidade é formada, a identidade pessoal é formada na socialização primária. Esta identidade pessoal é para Berger um sentido de ser no mundo que foi engendrado nas relações sociais.

A identidade pessoal assim não pode ser confundida com o Eu, este resiste ao processo de socialização, não é à toa que a socialização é carregada de sentidos simbólicos e com forte carga de emotividade e afetividade, a identidade pessoal reveste-se de posições familiares, ordens na escala de nascimentos, relações entre parentes (BRANDAO, 1989, p. 35). A identidade social é produzida na socialização secundária, nessa os indivíduos resignados pela força da sociedade adquirem características como honestidade e senso de dever. Berger & Luckmann (1971) apontam para o fato de haver uma simetria entre a

realidade objetiva e a realidade subjetiva para que a socialização seja bem sucedida, ou inversamente quando não há simetria a socialização é imperfeita. Um dos motivos dessa imperfeição está na heterogeneidade do pessoal socializador. Destarte o indivíduo participa do processo de construção deste seu “Eu” na sociedade.

Entre psicólogos clínicos e psicanalistas, identidade pode ser um conceito que explique a posse de um *eu*, de uma realidade individual que a cada um de nós nos torna, diante de outros *eus*, um sujeito único e que é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade. A consciência de minha continuidade em mim mesmo (BRANDAO, 1989, p. 37).

A identidade não sendo o Eu, mas uma construção social, pode substituir o Eu. Em sociedade o sujeito dirige suas ações aos outros, ele possui, assim, uma identidade de gênero, uma identidade de pertença à determinada classe social, uma identidade nacional, uma identidade religiosa, e entre outras uma identidade de médico, engenheiro, sacerdote, profissional etc. O indivíduo age no meio social com todas as implicações éticas e morais com que cada uma dessas identidades é significada pelo conjunto de símbolos com que cada uma é compreendida.

Podemos inferir que cada pessoa possui várias identidades, em outras palavras são portadores de vários papéis ou representações sociais, ou ainda, que as identidades possuem os sujeitos. O encontro então, não é entre indivíduos, mas entre identidades, é por isso que a identidade é tida como também uma linguagem, ou conjunto de símbolos, que cada pessoa possui e adquire em convívio social.

Os autores que operacionalizaram o conceito de identidade são unânimes em afirmar que a identidade social e a pessoal se conectam, estando intimamente relacionadas para compor uma espécie de “Eu social”, ou seja, cada indivíduo representa em meio social várias identidades que ele muitas vezes é levado a pensar que fazem parte do seu “Eu” total.

Segundo Berger & Lukmann (1996) a concepção do Eu depende das primeiras imposições que os adultos lhes impõem. São os adultos que impõem os horários que a criança deve comer, dormir e tomar banho e não quando chora solicitando coisas, ou quando têm desejos. Uma vez socializado na realidade objetiva e subjetiva, o indivíduo ao

transgredir qualquer das regras, sente que está “traindo” de alguma forma a seus pais ou as instituições responsáveis pela sua socialização.

A escolha pela categoria de análise, identidade, está no pressuposto de que o pentecostal assembleiano é um modelo de sujeito, que leva consigo não uma identidade, a de crente engendrada na igreja, por seus outros significativos, o que implica em ser além de um modelo de “cristão autêntico”, também de cidadão. Ele seria então, de acordo com o modelo de Berger, um protótipo de socialização bem sucedida. O assembleiano deve, em tese, manifestar sua identidade de crente em todos os âmbitos sociais, na escola, no trabalho, no clube, e mais recentemente na política.

A identidade pessoal e social do pentecostal assembleiano é entendida como fazendo parte do seu próprio Eu, ou seja, o crente, ou a representação do seu sujeito crente, é um tipo ideal de identidade que se realiza na idéia de conexão entre as várias identidades, as quais o indivíduo representa em sociedade. Para Alves (2005) o protestantismo com sua moral representa uma repressão à liberdade dos indivíduos, esse ao transgredir a lei é imbuído de um pesado sentimento de culpa, que o torna um neurótico.

A moralidade protestante tem, inevitavelmente que produzir neuróticos, porque ou o crente aceita a repressão e reprime o desejo, sendo, portanto, justo, ou rompe com a repressão, exprime seus desejos e transgride a lei moral, tornando-o, então presa de sentimento de culpa (ALVES, 2005, p. 245).

Os pentecostais possuíam toda uma cultura, que estava na linguagem, na música e no modo de vestir-se. A representação social que eles próprios criaram, de sua identidade, ainda é pensada da mesma forma. O crente é aquele sujeito pacato, careta, que não se mistura com pessoas de fora da sua congregação, é “honesto” e “trabalhador”, se veste “fora da moda”, e quer convencer e converter todo o mundo ao seu estilo de vida e crença. Essa imagem do senso comum está sendo mudada. O pentecostal está inserido em campos, antes vedado a ele. Seus ritmos musicais, sua forma de vestir, e sua separação do mundo, estão dando lugar a um pentecostal mais participativo da cultura brasileira envolvente. Eles agora jogam bola, são atletas de Cristo, tocam estridentes guitarras e baterias, da mesma maneira e com os mesmos acordes alucinantes dos roqueiros, as mulheres pintam seus lábios, usam argolas nas orelhas, a saia deu lugar à calça comprida etc.

As mudanças mais visíveis dizem respeito ao chamado usos e costumes, porém, há mudanças, a que esse trabalho também se propõe elucidar, como mudanças na forma de culto, com formas híbridas, de práticas rituais e de crenças, antes impensadas, há pelo menos vinte anos atrás. Os pentecostais estão mudando, anunciou Mariano em seu livro (MARIANO, 1999). As mudanças se deram com a entrada de novas igrejas no cenário religioso brasileiro, e com as novas representações do “Eu” produzidos na alta modernidade.

As mudanças têm causado um problema para um grupo de assembleianos, que está na resistência e no conflito entre gerações que foram socializados no quase velho mundo cristão pentecostal, em oposição a uma geração mais jovem, seja de pastores com nível educacional mais elevado, sejam membros que nasceram em um mundo onde há a presença marcante de uma cultura mais global.

A assembleia de Deus, embora esteja, aos poucos, mas em flagrante descompasso, acompanhando as transformações da sociedade, e do movimento pentecostal, ainda consta entre as igrejas que mais interpõe resistência às mudanças nos rígidos usos e costumes [...] Para os propósitos expansionistas da Assembleia de Deus, esses costumes e hábitos, com status de doutrina bíblica, estão se tornando cada vez, mas disfuncionais. Causam tensões e disputa interna, entre a velha e as novas gerações de pastores e fiéis (MARIANO, 1999, p. 205).

Um outro fator que contribuiu para as mudanças nos costumes foi à conversão de pessoas pertencentes a uma camada social mais abastada, ou ainda, pessoas públicas como artistas e jogadores de futebol. A mídia tem um papel importante na divulgação da nova imagem do crente, que ora está em processo. Nas rádios, os hinos evangélicos foram substituídos pelo ritmo Gospel, na televisão jovens cabeludos e tatuados pulam e esbravejam letras de pouca musicalidade e harmonia, e com pouco conteúdo. O som dos instrumentos é o que mais predomina. Pastores promovem curas via ondas de rádio e Tv, determinam, de forma mágica, a bênção via satélite.⁵⁰ O crente não deve mais “carregar sua cruz” esperando recompensas no além vida, mas deve exigir de Deus, a prosperidade, como um filho pede ao pai rico parte de sua herdade, ainda em vida.

⁵⁰ Oral Roberts, um dos pioneiros nas programações evangelística pela rádio, pedia que os ouvintes tocassem no aparelho para receberem a cura através das ondas de rádio.

O padrão austero, percebido na forma de se comportar, de agir e pensar, na indumentária, fez parte de imagens, que Mariano chamou de identidade estética. A linguagem não é mais a mesma, a herança pietista da contemplação e piedade, deu lugar a novas linguagens, signos e símbolos de uma Identidade Reflexiva. No caso do assembleiano uma mudança de identidade, ou melhor, uma identidade que está sendo remodelada pela nova estrutura social que está se configurando na alta modernidade, que vai das representações do Eu, passando pela sua identidade pessoal e social.

Os usos e costumes, antes tidos como sinal de conversão, e sinais de santidade, funcionaram, e alguns, querem que continuem funcionando como sinal de identidade. Vale ressaltar que há pequenas diferenças nos usos e costumes, nas crenças e práticas, dependendo do estado, da cidade, ou até de determinado pastor ou uma Convenção Estadual, como exemplo irmãos que vieram do interior, relataram que, segundo seus pais e avós, os crentes não podiam usar sabonete. Durante muito tempo não houve confronto entre doutrinas e costumes, é tanto que até hoje há confusão entre os leigos, pois muitos ainda não diferenciam essas esferas. Atualmente com as mudanças, há cada vez mais necessidade de diferenciar doutrinas de costumes na AD.

Alguns costumes são recomendados pelo Setor Doutrinário da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), órgão responsável por uma espécie de manutenção e coerência nas doutrinas das AD's no Brasil. Este órgão estipulou a proibição da dança, coreografia e das palmas, além de muitas outras práticas, que têm um caráter de doutrina. Além do que defendem que há doutrinas bíblicas e doutrinas de igrejas enquanto regras, preceitos, normas que fazem parte de uma identidade institucional. Ou seja, há uma tentativa de perpetuar uma identidade pentecostal assembleiana.

Atualmente, as crenças e práticas híbridas presentes na AD denotam uma neopentecostalização do pentecostalismo, em que podemos observar uma forte presença da Confissão Positiva e de sua congênere, a Teologia da Prosperidade. As práticas “estranhas” ao ethos assembleiano e a Teologia da Prosperidade são o que mais incomodam os intelectuais da AD. Segundo Silva (2000), as hibridizações, comuns na alta modernidade, subvertem as identidades constituídas, ao passo que ao mesmo tempo trabalha no sentido de contrapor-se à idéia de essencialismo.

Na composição da identidade pentecostal assembleiana, houve alguns movimentos e construtos que já faziam parte de uma matriz protestante. A Assembléia de Deus herdou do protestantismo suas doutrinas e muitas de suas formas de manifestação do sagrado, como o misticismo, os êxtases, expressões corporais, linguagens e seus legalismos.

2.2 Determinantes da identidade assembleiana.

Os missionários não inventaram uma religião, no máximo criaram uma nova denominação. Eles eram batistas congregacionais, que trouxeram ao Pará a novidade do Avivamento Pentecostal. A novidade era o Batismo com o Espírito Santo, que décadas antes foi propagado pelos *HOLINESS*. O batismo com o Espírito Santo é considerado o ultimo avivamento, e a Glossolalia é o sinal evidente desse batismo. As Línguas Estranhas foi à tônica da pregação no início do pentecostalismo, o qual consiste no diferencial entre os pentecostais e protestantes e batistas tradicionais.

Ora se o movimento pentecostal surge dentro destas igrejas que tem uma determinada cosmovisão podemos deduzir que ele seja marcado por essas características. Como sabemos os pentecostais vão se separar das igrejas constituídas pelo fato de buscarem exercer o dom de línguas, coisa que os movimentos e igrejas não aprovam (NETO, 1994, p. 39).

No que diz respeito às doutrinas e costumes os pentecostais das primeiras décadas estiveram mais perto da herança do Protestantismo, não que hoje seja diferente na AD, esta é uma igreja que mais se aproxima do padrão protestante, com sua ênfase na doutrina da salvação pela fé e no uso da bíblia como regra de fé e conduta. *Em conformidade com a tradição protestante, a confissão de Westminster ensinava que o*

necessário à salvação estava contido nas escrituras de modo suficientemente claro, mesmo para os ignorantes (WEBER, 2002, p. 187).⁵¹ Apesar de que os assembleianos dificilmente, ao falar de suas origens fazem menção ao protestantismo. O mais usual é a origem que de histórica, certamente se tornou mítica, qual seja, a manifestação do Espírito Santo no Pentecostes. Este fato pode ser entendido no pentecostalismo como um todo.

Muitos pentecostais, ao serem indagados da origem do pentecostalismo, farão alusão ao livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2.1-13, que diz: *“e foram vistas por eles línguas repartidas [...] as quais pousaram sobre cada um deles e todos foram cheios do espírito Santo”* (idem., verso 3-4).⁵² Outros até farão uma citação do livro de Joel 2:28 que diz: *“derramarei o meu espírito sobre toda a carne”*. O antecedente inicial primeiro do pentecostalismo, foi o movimento *holiness*, que por sua vez foi um desdobramento do avivamento promovido por John Wesley na Igreja Anglicana. O movimento *holiness*, ou de santificação, se desenvolveu mais nos Estados Unidos e é de lá que o pentecostalismo se espalhou, a partir do que aqui chamaremos; Movimento da Asuza Street.

Afirma-se que, o pentecostalismo nasce no seio do metodismo, e alguns assembleianos fazem alusão a Wesley, se referindo a ele de forma empolgante, outros falam da divisão que ocorreu entre os batistas. É comum algumas pessoas fazerem reducionismos, afirmando ser a Assembléia de Deus uma dissidência da Igreja Batista, não estão totalmente errados, somente que este tipo de reducionismo pode ocultar movimentos importantes, que precederam o pentecostalismo. É importante observar que a identidade pentecostal assembleiana das primeiras décadas não se diferenciava em quase nada da dos batistas.⁵³

⁵¹ Nota de Weber nº 112, cap 4. in A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo

⁵² Em uma tradução da editora Vozes com a editora Santuário está assim escrito: *“e viram, então, uma espécie de língua [...] que se repartiram e foram pousar sobre cada um deles. V.4 ficaram todos cheios do Espírito Santo.*

⁵³ Qualquer um que entre em uma igreja evangélica, seja batista, metodista ou presbiteriana, pode observar ritos fundamentais que precedem o mais importante, e uma das marcas identitárias fundamentais do protestantismo, o uso de hinários; a oração, diferente da dos católicos que possuem rezas prontas; a Prédica, conhecida como a Palavra ou Mensagem. Assim, podemos observar que os cultos sempre se iniciam na seqüência com oração, cânticos, leitura da palavra, testemunhos ou mensagens menores e finalmente a Mensagem Oficial.

A reforma de Martinho Lutero surge em meio a transformações que estavam se dando na estrutura da sociedade européia. A Alemanha de Lutero era o mais rural dos países e a igreja católica era um instrumento nas mãos da classe dominante, servindo de instituição responsável pela ideologia do sistema feudal. Os seguidores de Lutero procuraram diferenciar-se o quanto podia da Igreja Católica, engendraram então uma identidade própria. Apesar de que não havia uma intenção ou um desejo manifesto de Lutero de romper com sua igreja, a igreja mãe,⁵⁴ mas foi inevitável. As 95 teses entre outras coisas, mexeu com aquilo que sustenta até hoje a devoção da maioria dos católicos; a mediação dos santos, o culto a Maria e o purgatório. Com a divisão, o protestantismo rompeu aos poucos com o que havia ainda, de católico em seu meio, como os rituais mágicos do velório. O Movimento Puritano foi o mais combativo em relação ao ethos católico, “eliminando-o” do protestantismo.

Na Inglaterra, onde o anglicanismo se tornou à religião oficial do estado, Wesley propunha reformas que não foram aceitas. A mais importante para compreendermos os primórdios do pentecostalismo foi a ênfase na santificação, o que significava abster-se de jogos, bebidas, bailes e outros entretenimentos, ditos “supérfluos”.⁵⁵

O puritanismo surgiu no reinado de Elizabeth I, para purificar o culto anglicano e calvinizar a Igreja da Inglaterra. Em seu desdobramento foi que o objetivo se ampliou, passando os puritanos à intenção de transformar o mundo, utilizando-se dos seus princípios. Esses encontraram resistência na Inglaterra, porém havia a chance de realização de um Mundo Novo, em um Novo Mundo, esse era o que é hoje os Estados Unidos da América do Norte. “*O puritanismo é um modo de ser, de ver os homens e as coisas, sob o prisma da fé religiosa*” (NETO, 1994, p. 42).

Weber (2002) descreve o puritanismo como um movimento que levaria a uma ação no mundo, à vontade de Deus. Os mandamentos de Deus, que é soberano, deveriam ser impostos aos outros povos; essa idéia serviu de ideologia aos americanos puritanos.

⁵⁴ Os pentecostais, ultimamente, têm se utilizado desse termo Igreja Mãe denotando simbolicamente o lugar onde foi germinado o movimento religioso, ou denominacional.

⁵⁵ Sobre isso conferir “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, de Max Weber, também: “Líderes Evangélicos do Século XVIII”, John Wesley de JC Ryle, editora Clássicos Evangélicos, 1989.

Purificar não somente a sua religião, mas a de todos se preciso, e quase sempre, com o uso da violência. Os puritanos americanos souberam bem mesclar a política, que podemos dizer está em uma esfera profana, e a dominação, que envolve a violência com uma pitada de sagrado, como um mandamento dito evangelizador, ou com a promessa de uma nova Jerusalém.

O pietismo foi outro movimento que ainda está marcadamente presente na identidade pentecostal assembleiana. A devoção pessoal, a fuga do mundo condenando bailes, bebidas, cinemas, teatros. A necessidade de ler a Bíblia, a ênfase na conversão e o dever da evangelização, são suas principais características. Um dos determinantes do surgimento do pietismo, na já constituída Igreja Luterana, foi o fato desta se tornar elitista e intelectualizada, como a maioria das igrejas protestantes históricas de hoje. O pietismo propunha uma religião de sentimentos, de experiência com Deus, uma “Religião do Coração”. Seu principal ícone foi Felipe Jacob Spener (1635-1705). O pietismo segundo Weber (2002) teve início no Calvinismo, na Inglaterra e na Holanda, e posteriormente foi absorvido pelos luteranos através de Wesley e de Spener.

Os avivamentos são outra marca até hoje viva no pentecostalismo, não com a mesma intensidade dos primeiros. Dos grandes avivamentos ocorridos na história do protestantismo, o mais importante, para entendermos o surgimento do pentecostalismo, foi o promovido por Wesley na Inglaterra. “*Nos EUA o primeiro grande avivamento foi liderado por George Whitefield que era missionário metodista*” (NETO, 1994, p. 48), assim, como nos dias de hoje, os avivamentos têm a intenção de manter viva a fé dos crentes, bem como conseguir novos adeptos. A tônica sempre foi à experiência, ou uma nova experiência com Deus, ou seja, uma conversão não somente dos que estão fracos na fé, mas a conversão dos evangelizados.

Para Neto (1994) o avivamento servia para uma certeza da salvação através da conversão. No pentecostalismo além da conversão de novos adeptos, há a busca pelo Batismo com o Espírito Santo e o falar em línguas, o que até um tempo atrás levava o crente a ter a certeza da salvação. No início do pentecostalismo em Belém o missionário Gunnar Vingren, passou sua vida de pastor, e de missionário, enfatizando a importância do

Batismo e do dom de línguas para a vida do fiel, em seus diários é possível observar que ele acreditava, que o Batismo com Espírito Santo reforçava essa certeza da salvação.⁵⁶

Em 1820, houve um primeiro grande avivamento que enfatizava a santificação, que acreditavam estava sendo negligenciada. Esse, além do cunho espiritual, teve uma ênfase em reformas sociais, como a mais discutida na época, a da abolição da escravatura. O segundo grande avivamento da história do século XIX se iniciou por volta do ano de 1870, esse ficou conhecido como movimento de santidade. Esse ultimo carregava os traços que até hoje estão presentes, como: convencer as pessoas de seus pecados e erros, da necessidade de busca de perdão dos estabelecidos, o de proselitismo daqueles que ainda não estavam decididos ao protestantismo, religião de conversão.⁵⁷ Os protestantes prometiam o inferno para quem não se arrependesse dos pecados.

Formado por pessoas mais conservadoras das denominações batistas, metodistas e presbiterianas, ansiavam pela evangelização do mundo. Esse avivamento desembocou com o pentecostalismo iniciado com Parhan, em janeiro de 1900. A língua recebida no início era entendida como uma língua conhecida, e não estranha. Era o fenômeno da xenolalia ou xonoglossia. O pentecostal ao ser batizado recebia o dom de falar a língua de um país estrangeiro, este batizado tinha que descobrir que língua era aquela e a que nação pertencia; e ao descobrir a nação a qual pertencia à língua, saberia que deveria ser missionário nela. Logo depois esta crença foi sendo deixada de lado, pois muitos recebiam o dom Glossolálico, ou seja, uma língua não falada por nenhum povo de qualquer país.

Em meados da década de 80 em Belém, vários missionários e pastores, americanos principalmente, promoveram grandes cultos de cura, nos ginásios de Educação Física e no Estádio Mangueirão. Eram noites bastante esperadas pelos assembleianos, que além de ouvirem uma preleção diferente das rotineiras de suas congregações, presenciavam curas milagrosas, que reforçavam a sua fé. Esses eventos eram comumente chamados de avivamentos, pois era comum haver dias e meses antes desses eventos, muitos profetizaram, sempre com a mesma mensagem “eis que haverá um grande despertamento (avivamento) em minha igreja”. Entre os pregadores que visitaram Belém promovendo grandes encontros para cura divina estavam Morris Cerullo e Tacaiama.

⁵⁶ Cf., Ivar Vingren, Diário do Pioneiro.

⁵⁷ Conversão no sentido aqui de novo convertido.

O que para os assembleianos pode-se chamar também avivamento, era uma prática comum nos anos setenta e oitenta, qual seja, a promessa da vinda iminente de Jesus. A anomia encoberta por um sistema opressor e ditatorial, a guerra fria, e as guerras presentes naquelas décadas, e até mesmo a visita do Papa ao Brasil eram o prenúncio da vinda de Cristo. Um fato curioso foi da visita do Papa, em 1980. Os assembleianos vinculavam a figura do Papa à besta do apocalipse e ao anticristo. Em parte a mídia teve culpa nesse mal entendido, o “Papa Pop Star” e sua personalidade carismática era aquele que vinha restaurar e unir os católicos a Roma. Na escatologia pentecostal o anticristo irá restaurar Roma, não faltavam revelações e interpretações desse tipo.

Outro determinante da identidade assembleiana foi o metodismo. Este forneceu grande parte da teologia e do Ethos, que balizou a identidade assembleiana. O movimento *holiness* (santificação), promoveu o requisito fundamental para o Batismo com Espírito Santo. A Terceira Pessoa da Trindade é tido como uma pessoa independente, um Deus, ou que também é Deus, e não simplesmente uma força ou emanção de Jeová. Segundo Passos (2005) Wesley pouco falava em batismo com Espírito Santo, mas que já havia no pároco anglicano, uma semente do que viria a ser o “último grande avivamento”.

A base da teologia *holiness*, e do protestantismo, está na Justificação pela Fé, que dava ao crente a certeza da salvação. Wesley foi além em sua teologia protestante, propunha que a Santificação pela Fé, que gerava a *Certitudo Sallus*, a qual para Wesley exigia uma espera ascética em Deus, propunha também, uma experiência carismática, ou “pentecostal”, com Deus, uma fé do tipo emocional.

Meu especial desejo, em primeiro lugar, é guardar aqueles que estão apenas começando a voltar-se para o céu [...] do formalismo da religião exterior, que quase conseguiu expulsar do mundo a religião do coração. (WESLEY, *ap.*, PASSOS, 2005, p. 48).

O metodismo na Inglaterra herdou da Igreja Estatal Anglicana o modelo eclesiástico formal, fortemente institucionalizado. No início Wesley criou grupos piedosos entregues à oração e leituras bíblicas, foram pejorativamente chamados de *holy club*, e de

metodistas devido à vida regular e metódica que possuíam.⁵⁸ Os grupos se reuniam em casas, e ainda se identificavam como anglicanos.

O movimento metodista toma fôlego na América do Norte. Sociedades metodistas do Novo Mundo solicitaram pastores próprios. Wesley solicitou ao bispo anglicano da França que ordenasse novos pastores; com a recusa, ele próprio os ordenou com a imposição de mãos. Sendo pietistas condenaram o fumo, a bebida alcoólica, e levaram vida ascética. Seus cultos em nada diferem ao dos pentecostais, somente que são mais comedidos, sem deixar de serem alegres. Bom lembrar que há ramificações no metodismo, desde o início, John Wesley presenciou divisões, e ainda hoje é possível observá-las. Em Belém há três templos metodistas, um desses é pentecostal, são os Metodistas Wesleyanos.

Quanto à herança Batista, os pioneiros do pentecostalismo em Belém eram batistas desde a infância. Nesta permaneceram até 13 de junho de 1911, quando foram excluídos da comunhão da igreja e fundaram um grupo de religiosos ao estilo *holiness*. Assumiram a identidade do movimento da Azusa Street do Pastor Seymour, dando assim o nome da denominação de Missão de Fé Apostólica.

Eles se reuniam na casa da ex-batista Celina Albuquerque, e utilizaram um trabalho de nucleação, já executado pelos batistas. Assim levavam a novidade do pentecostes a outros batistas, se reunindo em suas casas para realizarem cultos com prolongadas horas de oração e propagação da novidade do Batismo com o Espírito Santo. O metodismo, o qual no início fazia reunião nas casas dos crentes, deixou de herança, este modelo que se tornou típico de começos de movimentos pentecostais, como os de Seymour na casa dos Asbery, e o de Vingren na casa de Celina Albuquerque.

Os batistas são protestantes com algumas diferenciações doutrinárias, entre elas o Batismo de Adultos, ou o Rebatismo, já que o ritual do batismo passou a ser não somente uma adesão ao cristianismo, mas uma Confissão de Fé, ritual de adesão à Igreja. As outras doutrinas são comuns ao protestantismo.

⁵⁸ Sobre isso conferir Fernando Melo (1997) e Estevão Tavares Bittencourt (s/a), sacerdotes fundamentalistas e apologistas da Igreja Católica. Cf também Ryle; J.C., John Wesley in Líderes Evangélicos do Século XVIII, 1989.

Doutrinas Batistas

- Condenam o batismo de criança.
- Recusam qualquer estrutura eclesiástica, cada comunidade ou igreja local é autônoma, livre e independente para determinar sua liturgia e organização interna.
- Dos Sacramentos só aceitam o batismo e a santa ceia, que diferentemente da igreja católica não são sinais eficazes da graça, mas ordenações de Cristo para exprimir a fé e a graça já existentes.
- Admitem a experiência pessoal da salvação, esta somente pode vir de Cristo.
- As obras não determinam a salvação, mas manifestam a fé.
- Não admitem imagens, nem a crença de que elas carregam poderes de intervenção no físico, no químico ou na história.
- A mediação se dá somente com Jesus, Maria é apenas mais uma referência, exemplo de fé e confiança na pessoa de Jesus, mas que não pode mediar entre os homens e Deus.
- A ceia é uma simbologia do sacrifício de Jesus, o Cristo, negam, portanto, a transubstanciação da carne e do sangue.
- Negam a crença no purgatório.
- A bíblia é a regra de fé infalível.

O afastamento do mundo, das pessoas não crentes, e uma rígida moral extraída da Bíblia, com regras de comportamento buscadas no testemunho dos apóstolos, forneceram um outro significante que possibilitou uma forma própria de socialização. O outro da identidade crente, que “vive no e para o espírito”, é a carne. Negando os desejos da carne, acreditam fortalecer e alimentar o espírito, aproximando-os de Deus. O Eu crente é simbolicamente ou utopicamente um Eu sagrado.

No início do pentecostalismo, nada indica que já tinham um conjunto de doutrinas e costumes próprios, que o diferenciassem dos batistas. A novidade era o dom glossolálico e xenolálico, como se pode observar na citação abaixo:

Quando, por exemplo, ouvem seus próprios parentes falar em *novos idiomas*, apesar de muitos deles serem analfabetos, reconhecem tudo isso vem de Deus. Em uma de nossas vigílias semanais, Jesus batizou uma irmã com o Espírito Santo. Ela falou uma língua bem clara e nítida, língua que ela nunca havia aprendido (VINGREN, 2000, p. 59).

Os primeiros assembleianos eram batistas, com uma nova característica, ou seja, passaram a acreditar na atualidade dos dons do Espírito Santo, que aqueles não acreditavam serem possíveis em tempos modernos. Os missionários poderiam chamar a nova denominação de outro nome que contivesse o nome batista, como nos vários ramos desta igreja, mas desde o início havia um sentimento de afirmação de identidade, ou de uma nova identidade, daí se identificarem com o movimento de Seymour. A nomenclatura é fundamental para engendrar uma diferenciação, ou o desejo e sentimento de pertença a algo novo, elemento importante para constituição de um sentimento de identidade.

Ainda como movimento que moldou a identidade pentecostal assembleiana, temos o fundamentalismo, que no fundo, foi um movimento de restauração de uma sociedade conservadora, que surgiu no mesmo período do pentecostalismo.

No pentecostalismo, a construção da identidade e a definição da sua natureza são feitas, à semelhança do que ocorre no fundamentalismo, por oposição aos costumes da sociedade, aos princípios de outras religiões, principalmente do catolicismo e das crenças de origem africana, estendendo-se sua oposição também às tradições e doutrinas de outros grupos evangélicos, mesmo que esses professem fundamentos similares aos seus. Cada igreja pentecostal encara as outras igrejas do mesmo movimento como ameaças à sua integridade e procura desqualificá-las afirmando que somente ela possui a “sã doutrina” e é a autêntica igreja de Jesus Cristo (BAPTISTA, 2002, p. 44, 45).

Manuel Castells (1999) ao tratar do tema do Fundamentalismo o insere como afirmação ou legitimação de uma identidade percebida como se deteriorando. Segundo este autor, o homem tem a tendência de buscar consolo e refúgio na religião, esta é capaz de fornecer novos significados e novas representações aos indivíduos, que se identificam com os processos de resistência à dominação, que no caso da obra de Castells, é uma dominação que se dá em novos moldes, o da dominação da Sociedade em Rede, ou globalizada. Em contrapartida, os homens preferem obedecer a determinações de um Deus, representado pelos mediadores na terra, sejam profetas, sejam atores carismáticos, sejam gurus, magos

etc. A obediência às determinações e construções da religião fornece assim ao indivíduo uma identidade que resiste às determinações dominantes.

Para Castells o fundamentalismo islâmico é uma reação ao fracasso dos processos de modernização excludente, de forma mais presente na globalização da economia. É certo que, contraditoriamente, os muçulmanos não prescindem da tecnologia, enquanto ferramenta produtora de bens que beneficiem a maioria, porém, que suas instituições estão alicerçadas em bases tradicionais.

O fundamentalismo cristão norte americano é uma resistência ao federalismo, e ao controle rígido do Estado, também uma resistência às inovações e descobertas científicas, que colocam em cheque crenças e tradições. Um fator decisivo para o surgimento do fundamentalismo é o medo do novo modelo de família moderna, que está sendo estruturado nos tempos atuais, com bases mais livres, ou flexíveis, em relação ao modelo patriarcal. Assim o movimento feminista e o movimento gay representam uma ameaça ao modelo dominante, e aos arquétipos construídos pelo gênero masculino.

Ivo Pedro Oro (1996) em seu livro “O Outro é o Demônio”, faz uma análise do fundamentalismo protestante, para tentar estabelecer um conceito sociológico de fundamentalismo. Este autor percebeu em seu trabalho, além da anomia econômica, moral e social, descrita por Castells, uma forte resistência às descobertas do evolucionismo darwinista. Esse autor enfatizou o Darwinismo como estopim para o surgimento do fundamentalismo americano (ORO, 1996, p.63). Na Assembléia de Deus um dos principais inimigos citados pelos intelectuais é o Darwinismo.

O fundamentalismo no Brasil segue o modelo do fundamentalismo Estadunidense, principalmente no que tange à resistência a uma maior liberdade feminina, oposição ao aborto e ao homossexualismo. No caso brasileiro há características próprias, apesar de estar a reboque de movimentos e transformações globais. A batalha entre criacionismo e evolucionismo, entre a Bíblia e ciência, entre a “verdadeira” e a falsa verdade, entre o profano e o sagrado são reflexos das contradições da Alta modernidade. O fundamentalismo no Brasil está assim, mais relacionado a questões apologéticas, isto talvez explique em parte, o proselitismo das religiões evangélicas, entendida dentro de um mercado de bens de salvação, no qual as igrejas ofertam símbolos, que afirmam serem os

“únicos verdadeiros”, daí a propaganda neopentecostal que enfatiza possuir o “evangelho pleno”.

Destarte o inimigo do fundamentalismo brasileiro não ser o Estado centralizador, tampouco um estado nação que fracassou em sua promessa de legislar para o bem de todos, com promessas de desenvolvimento social, prédica da direita, ou resistência ao processo de globalização, púlpito da esquerda, mas os inimigos do fundamentalismo brasileiro são todas as outras agências de bens de salvação. A diferença entre o fundamentalismo islâmico e o cristão, é que o primeiro é uma resistência ao modelo capitalista de produção, e o segundo uma identidade de legitimação que não contesta a ordem capitalista.

2.3 Este eu sagrado.

O pentecostal é um sujeito que leva sua identidade para outros âmbitos de sua vida. Não é somente na igreja que ele deve ser o crente, com todas as implicações que essa identidade traz. Ser pentecostal é representar em sociedade um ser crente, o ser pentecostal, ou seja, a pessoa do crente é o sujeito crente. Todas as outras identidades são o resultado do substrato da identidade do pentecostal. As outras identidades fornecidas em sociedade estão sujeitas à representação do sujeito crente.

Uma identidade pentecostal é, mais do que a protestante histórica e muito mais do que a católica (fora os casos de pessoas e grupos de militância católica), a afirmação de um modo de ser dominado pela religião. Uma pessoa “crente” é, antes de tudo, a pessoa de um crente, e todos os outros qualificadores de sua identidade – o local de origem no país, o grau de instrução escolar,⁵⁹ a profissão atual, a definição política – são secundários, ou são reescritos, a partir da maneira como o sujeito pentecostal submete todas as dimensões de sua ação social e representação que faz de si, através de tal ação significativa, aos termos e símbolos de sua identidade militantemente religiosa (BRANDÃO, 1988, p.36).

O ser crente é uma pessoa “separada do mundo”.⁶⁰ Sua visão de presente e futuro está baseada em uma teodicéia na qual as compensações pelos bons feitos neste mundo serão recompensadas num além. A visão de mundo do crente é uma realidade ordenada pela igreja a qual pertence. Ou seja, sua subjetividade é subsumida e reprimida, o seu Eu é negado pela Eclésia. Seu Eu não pode ser comum, tem de ser sagrado, separado no sentido de sagrado de Durkheim. A separação do mundo é o requisito básico para uma recompensa pós-morte, ou pós-arrebatamento.

A identidade crente é atribuída e legitimada não somente pela Eclésia, mas pela sociedade envolvente, que se habituou com a presença dos pentecostais. O ser crente é uma realidade subjetivada, interiorizada. A igreja não cria propriamente novas identidades, mas reforça brutalmente as que são representadas pela sociedade envolvente. O pentecostal é

⁵⁹ Em uma entrevista com um pastor aconselhador, este ao ser indagado sobre o grau de instrução, respondeu que sua formação foi o da e na Igreja.

⁶⁰ Na representação pentecostal, separados dos prazeres da carne, e da cultura do mundo.

um exemplo de cidadão de seu país, é um exemplo de chefe de família, de empregado, de político, de contribuinte do imposto de renda etc. No todo o pentecostalismo é uma religião que legitima a ordem maior que o envolve.

A intenção da igreja de criar sujeitos crentes de acordo com os padrões do protestantismo, é uma força socializadora, que por estar ligada a uma teodicéia, estaria ideologicamente livre de falhas. Porém para Berger (1996) o processo de socialização de um indivíduo, ou seja, de ordenação do sujeito em uma realidade objetiva não é cem por cento eficaz. O indivíduo pode exercer seu papel da melhor maneira possível, ou seja, sempre criará seu próprio mundo representando, ou como afirma Goffman sua biografia. O papel atribuído pela sociedade, em nosso caso pela Eclésia, será representado de forma conveniente, assim para seus propósitos de bom viver em grupo.⁶¹

Tanto o pentecostal que nasceu em sua crença, quanto o novo convertido representam sua identidade, ou seja, seu ser crente da melhor maneira possível, ou até mesmo como lhe convém. O indivíduo crente não está totalmente socializado em sua realidade, ele é, ou melhor, não deixa de ser um *ser* que duvida, apesar de se sentir separado, se considerando sagrado, ou buscando sua sacralização, porém essa “realidade” lhe escapa. Bom lembrar que nesta pesquisa estamos apresentando o modelo ideal descrito pela instituição igreja.

O Eu sagrado do pentecostal, que será trabalhado aqui, é um componente essencial para a construção de sua identidade crente. Esta como não poderia deixar de ser, é construída em relação a outras identidades em interação contrastiva. O pentecostalismo é uma teodicéia que é também dualista. Weber ao propor seus quatro tipos de teodicéia, propunha tipos ideais. Objetivamente, porém na realidade podem estar todas em uma única igreja. No caso da Assembléia de Deus, é possível perceber que a promessa de recompensa num além depende do sucesso da guerra espiritual neste mundo, ou seja, da vitória no combate entre as forças do bem e do mal, do sagrado e do profano.

A identidade pentecostal assembleiana é resultado de um processo de criação e apropriação de uma identidade em oposição não somente as outras identidades, como a

⁶¹ Sobre a representação das pessoas em sociedade, conferir Erving Goffman em “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, 2005.

católica, mas no contraste entre identidades de outras igrejas do pentecostalismo. Mas essencial ainda, é uma identidade que tem de ser formada do “enfrentamento ao mundo”, “contra as hostes de satanás”. Quanto ao afastamento do mundo, esta não foi uma regra criada pelo pentecostalismo, nem pelo protestantismo. O sujeito religioso é um indivíduo que está centrado no sagrado. E quanto à luta entre o homem e os demônios, também aqui não há nada de novo, não foram os pentecostais que chocaram o diabo.

Foi a religiosidade hebraica que imprimiu nas consciências posteriores o arquétipo do grande inimigo, construído através de sua evolução histórica; e os hebreus, cuja nação se originou nas muitas tribos existentes na antiga mesopotâmia, foram, portanto, herdeiros naturais de crenças religiosas e para-religiosas estreitamente ligadas ao conjunto de mitos e práticas hieráticas existentes naquela região (NOGUEIRA, 2002, p. 13).⁶²

O Eu sagrado é contraditado imediatamente ao profano, é a negação do Eu subjetivo. “*O leitor não tardará a dar-se conta, de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades do ser no mundo*” (ELIADE, 1992, p. 20). Seus desejos e seus demônios interiores, como a inveja, a cobiça, o ciúme, a mesquinhez etc. deve ser combatida pelo mandamento Paulino que está na carta aos Gálatas, no capítulo 5:19. Os desejos mais íntimos do assembleiano se forem de encontro à doutrina Paulina devem ser interpretados como desejos da carne, ou tentação do diabo.

O pentecostalismo e a identidade de um ser crente, que a igreja oferece aos seus adeptos e membros, é mais uma das muitas ofertas de bens religiosos ofertados, em um país onde a muito é possível observar um mercado religioso. Principalmente com o crescimento de novos seguimentos evangélicos, e com um processo de secularização que contraditoriamente não diminui as representações religiosas. O secularismo indica que a busca do sentido da vida, não é mais somente procurada em uma religião dominante, ou crença hegemônica. No mundo moderno o significado da vida vai além da fé em sistemas

⁶² Os Hebreus herdaram, através da evolução histórica, mitos e crenças da região da mesopotâmia, de onde saíram. Daí a semelhanças entre os mitos de criação hebraica e de povos orientais. Assim como Marduk criara o cosmos com o corpo retalhado de Tiamat, criando o homem com o sangue do demônio Kingu, principal aliado de Tiamat, Javé criou do caos, um cosmos organizado. “A terra estava sem forma e vazia e as trevas cobriam o oceano Gn. 12”. As Trevas é o *Theon = Tiamat*. No cristianismo Tiamat é a Serpente primordial (diabo) que deve ter a cabeça esmagada pelo fiel, que imita o combate primevo, entre o Bem e o Mal. Sobre isso ver Eliade, (1991,1992). e Berger (1985, p. 130).

peritos, está também na busca de terapêuticas diversas, ofertados em um mercado de bens simbólicos. A alta modernidade oferta conjuntos variados de terapêutica, que dê sentido à vida ou que promovam um sentimento de segurança.⁶³

Para Mauss (2003), a idéia de pessoa e assim a idéia de um EU foi o resultado de um processo lento e gradual que se deu na história da humanidade. Mauss em seu trabalho, não afirma que não tenha havido povos que já representassem a idéia de um Eu enquanto indivíduo, ou seja, de um senso do Eu, afinal essa é uma categoria psicológica. Ocorre quando um indivíduo se vê separado de sua mãe. O que Mauss propôs, foi à construção da noção do Eu, que está em um processo dialético com a sociedade. “*O que quero mostrar é a serie das formas que esse conceito assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades*” (MAUSS, 2003, p.371).

Assim para o autor, o senso do EU está em um nível psicológico, mas a noção do EU em interação dialética com a sociedade foi um processo que se deu com base em conquistas nos campos jurídico, religioso e das construções culturais, ou seja, de estruturas de pensamentos e linguagens. Mauss afirma o quanto é recente a construção filosófica do Eu, as aberrações do Eu e o culto do Eu.

Os índios Pueblos e Suni representavam em seus rituais não somente a sua sociedade, ou seu povo, mas cada indivíduo era portador de um nome, outros de máscaras rituais que indicavam a importância de pessoas individualizadas dentro da tribo. Entre os Kwakiutl, tribo do noroeste americano, Mauss observou a mesma relação de posse de nomes e de máscaras rituais. Entre esses povos havia a crença na reencarnação, onde os ancestrais se manifestavam em seus chefes guerreiros. Havia assim um número determinado de espíritos que reencarnavam,⁶⁴ daí um conjunto de nomes que eram atribuídos conforme a idade ou a posição social do indivíduo na tribo, e a esses, a quem os digerissem, poderiam adquirir seus dons, seu poder e bravura, sua máscara ritual, armas, ficar com o seu Eu.

Estas divisões de pessoas nas tribos eram como máscaras, que ao serem usadas diferenciava o papel de quem as usasse, essas utilizações se davam mais especificamente nas

⁶³ Sobre isso ver de Giddens, 2002.

⁶⁴ Em conversa com uma jovem espírita, esta me relatou que os espíritos, daqui da Terra, vieram banidos do planeta Capela, dando a entender, que para o espiritismo, há um número definido de espíritos.

representações de crenças religiosas. Aliás, a presença ou ausência da máscara são antes traços da arbitrariedade social, histórica e cultural (ibid, p. 381).

A palavra pessoa parece ter surgido da palavra latina *persona*, as máscaras rituais possuíam um buraco por onde soava a voz de quem as usava *PER-SONARE*, orifício por onde saía a voz do ator. Mauss alimentava a idéia de que a palavra era Etrusca e não latina, vindo da forma *porsenna* que quer dizer máscara. Os atores do antigo teatro grego usavam máscaras que representavam personagens na peça, e ainda os sucessores do *pater familias* assumiam a identidade do pai representando traços de sua personalidade.

A palavra *persona*, na Roma Antiga, ainda estava ligada a seu sentido primeiro, o de personalidade, de máscara, que cada indivíduo possui, que o diferencia dos demais, mas que seu agir ainda era proposto por uma sociedade, onde a pessoa era o cidadão de uma cidade estado, seu nome era o signo que o ligava a um *ser* grego ou *ser* romano.

A democracia grega, e a formação de cidades-estado engendraram a necessidade de leis que regessem os direitos e as obrigações dos habitantes da pólis, melhor dizendo dos cidadãos. Porém, foi em Roma, com o advento do cristianismo que a noção de sujeito individualizado tomou uma melhor forma. Para isso foi preciso um lento e gradual processo de formação, primeiro da idéia de pessoa passando pela maturação da idéia de indivíduo até ao de cidadão com plenos direitos de cidadania, ou seja, dos habitantes da cidade, a polis. Os escravos da Grécia e Roma eram tidos como não pessoas, não tinham famílias nem nomes.

Segundo Mauss (2003) foi o cristianismo que deu a base metafísica segura da pessoa moral. O cristianismo ao propor uma unidade do homem com Deus, em que este homem não era mais pertencente a uma nação qualquer, ou a uma classe social, mas um ser em cristo, pertencente a um único corpo místico, o corpo de cristo.

Brandão (1986) ao mostrar a gênese da idéia de pessoa, esclarece que nas sociedades primitivas não havia uma concepção de identidade definida. O indivíduo não era um ser único, e sim um grupo, estava agregado a outros, se identificando como grupo. Foi preciso primeiro que surgisse a idéia de pessoa para que se pudesse constituir a idéia de identidade, não tendo assim a identidade uma existência real, ou seja, foi criada e estruturada em sociedade.

Cada pessoa não é ela própria, um eu individual, com os seus sentimentos de valor e honra pessoais. Nas competições tribais e nos rituais de trocas obrigatórias –cada indivíduo não entra e participa em seu nome colocando em jogo o seu prestígio pessoal [...] Ele compete como um personagem de um jogo rito que compromete o clã (BRANDÃO, 1998, p.19).

Da noção do Eu à noção de identidade foi um longo processo. Desde o início de nossa análise deixamos claro que a identidade é um constante processo de construção, modifica-se conforme as transformações na ordem social. A identidade é reflexiva, apesar de nos dias de hoje parecer manter a sacralidade de sua gênese, quando membros de sociedades primevas representavam um personagem de importância no ritual. O pentecostal é sempre um personagem importante, não apenas no ritual do culto, no qual ele canta junto com a igreja, sua oração é individual, e seus grunhidos e uivos interrompem “a ordem do culto” em uma aparente democracia de vários “Eus”. Cada um a sua maneira manifesta seu êxtase.⁶⁵

O pentecostal se pensa importante também no mundo, sua ideologia prega, que são o sal da terra, a luz do mundo. Sua separação do mundo, ou separação dos prazeres da vida moderna, é requisito para sua santificação. O pentecostal sente-se um ser sagrado, ele tem contato direto com a “matéria” mais sagrada, Deus. Não há mediação de santos, nem mártires, a bíblia não é mediação do diálogo direto com Deus, pois no pentecostalismo há as chamadas revelações. Sentindo-se o pentecostal tão perto de Deus ele sente-se sagrado.

Para melhor compreendermos a noção de sagrado, veremos a construção de sagrado em Eliade (1992) e Durkheim (1989). O sagrado para Durkheim são aquelas que os interditos protegem e isolam. O sagrado é aquilo que foi separado, consagrado. No estudo que Durkheim faz em “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (1989, p. 72), as coisas sagradas somente podem ser manipuladas pelo sacerdote, porém, os objetos sagrados são manipulados pelo fiel, como, por exemplo, bater com o fetiche, ou no caso do catolicismo popular virar o Santo Antônio de cabeça para baixo. Assim o crente mantém uma relação de coesão e, por vezes, de coerção com as coisas sagradas, como no caso do neopentecostalismo onde o crente obriga Deus a agir no intuito do benefício singular e individualista dele próprio.

⁶⁵ Algumas manifestações se tornam iguais, como o sapateado, as mãos para cima espalmadas ou em punho, como se estivesse, e às vezes estão, exigindo do alto que venham manifestações estáticas, conhecidas no meio como manifestações de poder.

Para Durkheim, o sagrado está nos interditos, no que lhe é proibido. Em suas análises do totemismo como religião mais elementar, o animal sagrado não poderia ser digerido em algumas tribos. Este autor, como na maioria de seus conceitos, relativiza o limite entre o sagrado e o profano, ambos estão muito próximos e ao mesmo tempo distantes. As coisas profanas são aquelas as quais os interditos se aplicam e que devem manter distância das primeiras, das sagradas (DURKHEIM, 1989, p. 69,70).

Para Eliade (1992), o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, possibilitando uma rotura no espaço homogêneo, também a revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a não realidade do espaço envolvente. A revelação de um espaço sagrado permite a obtenção de um ponto fixo para orientar os homens no espaço homogeneizado e caótico, para este autor o sagrado revela a realidade absoluta, ou seja, funda o mundo estabelecendo uma ordem cósmica. O homem ao ritualizar os mitos, além de perpetuá-los no tempo e no espaço, recria o mundo constantemente, ordenando-o. O homem, assim, através da criação de espaços sagrados engendra um centro, onde há uma rotura que lhe permite o contato com os deuses.

Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é susceptível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania [...] O sagrado sempre se manifesta como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais [...] O homem toma conhecimento do sagrado porque ele se manifesta (ELIADE, 1992, p. 17).

Este autor argumenta que o sagrado é tudo o que se traduz em uma rotura na ordem do homogêneo, ou seja, toda homogeneidade é caótica, o que sai dessa ordem do homogêneo e do cotidiano é o sagrado, o transcendental, ou ainda uma organização da realidade, realidade que como dito acima pode ser tanto de uma coletividade, como de uma individualidade, do sujeito, do Eu.

O homem constrói espaços sagrados, e simbolicamente estes espaços são construídos pelo embate entre os deuses e dragões. No plano humano, o homem repete o embate dos seres espirituais, copiando ou imitando a luta entre o bem e o mal. O homem ao

derrotar o dragão primordial,⁶⁶ está dando significado à sua realidade objetiva, ou seja, refaz sua realidade continuamente derrotando o dragão primordial, a serpente.

A santificação difundida pelo movimento *holiness* era um dos componentes essenciais para a manifestação do Espírito Santo, era a santificação do homem, ou no entender de Eliade, a cosmologização do corpo, ou seja, “*habita-se o corpo da mesma maneira que se habita uma casa ou o cosmos que se criou para si mesmo*” (ELIADE, 1992, p. 144). O pentecostal moderno se considera o centro da benção, o templo do Espírito Santo. A comunicação com o sagrado através do centro retira o homem do lugar profano colocando-o em diálogo com Deus.

O profano seria para Eliade, em primeiro plano, tudo o que se opõe ao sagrado. Esta estrutura de pensamento é facilmente percebida no meio evangélico em geral, e no pentecostalismo de forma exagerada. A batalha espiritual não é um termo criado pelos neopentecostais, esta crença pertence a grande parte das religiões, não podia ser diferente no protestantismo. O primeiro inimigo dos protestantes são as forças que se opõem a Javé, ou ao seu reino, entendendo esse reino tanto no sentido do evangelismo social, quanto no pentecostal fundamentalista, a diferença está na forma de teodicéia, no caso do evangelismo social uma salvação no mundo presente, sua ideologia é baseado no socialismo. Já no caso do pentecostal fundamentalista, e em nosso caso, o do assembleiano, o reino de Deus está no além. Apesar da diferença a demonização do inimigo é fato comum.

Para o assembleiano, o profano é tudo aquilo que vai de encontro, que nega, que subverte, que negligencia o sagrado. O profano para o assembleiano é também o cotidiano. O profano é o ímpio, e os ímpios são todos os que vivem na impiedade e no “erro”. No terceiro capítulo veremos como o pentecostal sacralizou aquilo que tinham como profano a alguns anos atrás, como os ritmos musicais, alguns lugares tidos como lugar do pecado, e a própria magia.

Aquilo que ainda é conhecido como as obras da carne devem ser evitadas, tudo o que é descrito como obras da carne é pecado ou profano. O afastamento do crente dos prazeres do mundo e do mundo tem um significado fundamental para manutenção do seu Eu

⁶⁶ Os pentecostais sempre utilizam a figura da serpente em suas linguagens positivas, “pisar a cabeça da serpente” é derrotar o inimigo..

pentecostal, e a igreja e a frequência a ela, vai além de um espaço de sociabilidade. O Eu não pode sobreviver sozinho, pois tem que estar em interação com outros significativos, isto ocorre pela manutenção do aparelho de conversa cotidiana, que além de perpetuar a identidade pessoal e social, legitima e dá sentido ao próprio Eu.

Para conservar a confiança de que é na verdade a pessoa que pensa que é, o indivíduo necessita não somente a confirmação desta identidade, que mesmo os contatos diários casuais poderiam fornecer, mas a confirmação explícita e carregada de emoção que lhe é outorgada pelos outros significantes para ele (BERGER 1996, p. 200).

O indivíduo isolado não pode manter por muito tempo a noção do Eu, pois não teria diante dele o outro, que lhe dá o significado de sua própria existência, não teria o outro que lhe opõe características de diferenciação, que lhe mostra sua identidade. A legitimação do Eu pentecostal somente pode-se dar junto a seus pares. A teodicéia pentecostal lhe exige uma vida contemplativa, de afastamento do mundo, de uma vida de orações, de retorno prometido, uma salvação no além. Seu agir ético no mundo não transforma o mundo, mas o aceita como um tempo determinado por Deus, que se findará para dar início à eternidade.

As mudanças na estrutura de produção na alta modernidade, conhecida por alguns como, pós-modernidade, trouxeram transformações significativas nas várias esferas sociais, como na economia, na política, na cultura, nas ciências, nas religiões e no Eu, ou nas representações do Eu.

O tema da identidade também foi discutido por Giddens (2002), na obra “Modernidade e identidade”, na qual trabalha com categorias repensadas reflexivamente, como a de identidade, essa em tempos da alta modernidade é uma identidade reflexiva, ou seja, é o Eu entendido reflexivamente. Em uma sociedade onde a noção de risco foi deslocada, sendo agora verificáveis, controlados e evitáveis, e ao mesmo tempo inevitáveis, o homem re-elabora o seu Eu, reconstruindo sua biografia de acordo com os acontecimentos da vida. O indivíduo na alta modernidade tem que se valer da confiança em sistemas abstratos, essa confiança é necessária para diminuir a angústia da sociedade do risco. Para este autor a modernidade deve ser entendida em um nível institucional, ele chama atenção para o fato de que as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam

diretamente com a vida individual. Na modernidade o que predomina são os riscos, a saída seria a fé que o indivíduo têm que depositar nos sistemas abstratos. Giddens trabalha com o conceito de confiança, que ele afirma ser um fenômeno genérico crucial do desenvolvimento da personalidade. A confiança está diretamente ligada à obtenção de um senso precoce de segurança ontológica (GIDDENS, 2002, pp. 24, 40).

Os acontecimentos distantes influenciam em eventos próximos. A ordem pós-tradicional trouxe a necessidade de uma auto-identidade, se para Giddens a auto-identidade é o Eu entendido reflexivamente em termos de sua biografia (ibid, p. 37), a auto-identidade pode ser entendida como um Eu subjetivo se amoldando às rápidas transformações, e aos riscos mais presentes na alta modernidade. Giddens não cria outro conceito de identidade, e sim resgata uma subjetividade que não é social. Berger (1996) argumenta que a socialização não é totalmente eficaz, mas que o sujeito resiste de muitas formas a esse processo, daí a necessidade de manutenção de um aparelho de conversa. Giddens percebe que identidades locais não podem mais ser pensada em quadros locais. A modernidade aproximou pessoas distantes, alocando-as em um mundo único. Giddens argumenta que na modernidade há um contínuo processo de desencaixe, este atuando juntamente com a reflexividade da modernidade produz a auto-identidade.

O jogo dialético entre o local e o global impõe estilos de vida diferenciados daquele da pré-modernidade. Os estilos de vida são promovidos pela mídia, são divulgados de forma global. As pessoas tomam o mesmo refrigerante e comem o mesmo hambúrguer, ouvem a mesma rádio, assistem aos mesmos *clipes*, etc. Vivemos em um mundo de dúvidas, de incertezas e de angústias, para ele, a adesão a uma fé clara pode diminuir essas ansiedades, mas que, mesmo para o mais fundamentalista dos crentes não está livre da dúvida. A fé na religião, ou naquilo que ela oferta é apenas uma das opções para o alívio das tensões da vida moderna, quanto a isso Giddens lembra os livros de auto-ajuda e de terapias diversas.

Não há mais a presença do outro no mesmo espaço. A presença é exagerada, e as interações sociais são mais amplas, o outro da interação está em outro continente, os processos de socialização se dão em esferas desencaixadas, ou seja, na alta modernidade há uma dialética entre o global e o local. O indivíduo constrói uma noção de identidade

reflexiva local e global ao mesmo tempo, uma vez que os processos dissociativos da globalização repercutem na constituição do Eu.

2.4 Conversão e a nova identidade.

O pentecostal possui uma missão na terra. Ele sente e é imbuído de uma força, de um desejo imperativo de anunciar a Cristo como salvador. Jesus é a solução para todos os males. Essa é ainda a mensagem de boa parte das igrejas protestantes e pentecostais. É certo que as mudanças no pentecostalismo promoveram também uma mudança na mensagem que leva os não-crentes para a crença. Houve mudanças na forma como a mensagem é pregada, no conteúdo e na ênfase em alguns conteúdos. Para o pentecostal o evangelho que pronuncia é o conhecimento de uma verdade, de um construto do que entende como o real, de um mundo que é diferente do mundo material. Ele anuncia a possibilidade de uma mudança no Eu, na personalidade na forma de agir e também de conceber o mundo.

Cada crente é um sacerdote com a missão de evangelizar, não importa hoje a forma, ou a estratégia de evangelismo. No início do pentecostalismo havia um trabalho de nucleação, estes deram origem as Casas de Oração, congregações que variavam em tamanho. A doutrina era aprendida nos templos, que eram o lócus da doutrina evangélica. Havia formas de evangelismo pessoal, que consistia em pregar o evangelho ao vizinho, ao colega de classe, ao companheiro de trabalho, etc.

Atualmente há diversas formas de evangelismo. Na Igreja Universal, por exemplo, há todo um complexo da mídia, além das velhas receitas como a do evangelismo pessoal, feitos de porta em porta, nas delegacias, nos presídios, nos bares, nos carnavais. Na AD em Belém há uma maior ênfase para o evangelismo feito pela mídia, outras formas são

preteridas. Os pastores apostam na possibilidade da televisão alcançar um maior número de pessoas não-crentes, apesar da audiência da Tv Boas Novas ser baixíssima, e ser vista quase que apenas pelos próprios membros da igreja. Quanto aos periódicos, são instrumentos de divulgação da ortodoxia e das muitas atividades festivas da Igreja.

Os pentecostais misturam ação social com evangelismo. Argumentam também que manifestações culturais artísticas, como a dança, a música gospel, e as chamadas festas com propósitos, são tidas como estratégia de evangelização. Outro tipo são as Marchas para Jesus promovidas nacionalmente, e em Belém há uma marcha com participação de várias igrejas. A AD, especificamente as promove em alguns bairros, que são marchas menores mobilizando somente a AD. A intenção das marchas é claramente, mais de mostrar a força do pentecostalismo, através do número de pessoas que procuram mobilizar, funcionando como um reforço de identidade pentecostal.

Nas marchas nos bairros, a instrução dada pelos pastores é mais de promover uma oração às famílias residentes nos bairros de baixa renda. Os pentecostais devem, assim, bater em algumas portas e perguntar se os moradores não querem uma oração para que Deus possa abençoar o lar. Tanto nas marchas, como no carnaval, há a distribuição de folhetos com pequenas mensagens, e vez por outra conseguem parar alguém para uma conversa. Algumas igrejas evangelizam durante as festividades do Círio de Nazaré, o que acaba servindo como número da contagem dos participantes no círio.⁶⁷

No geral ao anúncio do evangelho, na Assembléia de Deus, fica a cargo das programações das rádios e Tv. Os templos que um dia foram locais de pregação para converter, são hoje locais onde há o ensinamento, da busca de conhecimento da doutrina para conservação do pentecostal na crença, um espaço de sociabilidade e de reforço da identidade pentecostal, em que se oferece uma Estrutura Especifica de Plausibilidade (BERGER, 1996).

Nos templos da Igreja Assembléia de Deus, não há mais o convite para aceitar a Jesus, espécie de confissão de fé, rito de passagem, em que o “pecador” convencido de sua

⁶⁷ Há dez anos atrás este autor assistiu a missa do domingo do círio à noite, no Centro Arquitetônico de Nazaré, onde o padre em sua homilia pediu aos católicos que não criticassem, ou entrasse em confronto com os irmãos evangélicos, pois esses estavam participando do círio, distribuindo a palavra de Deus, através dos folhetos que entregavam.

culpa se predisponha a uma mudança radical em seu modo de viver. O ato de aceitar a Jesus, como o único e suficiente salvador é o requisito básico para o “incrêdo”, ou prosélito, possuir os direitos celestiais, como a salvação por meio da fé, ou melhor, ser justificado pela fé.

O conhecimento dos outros requisitos para essa pertença a igreja, e futuro lar no céu, vem posteriormente com o conhecimento da doutrina da Igreja e da teologia protestante, que determina não somente toda uma visão de mundo. O trabalho de Rubem Alves, dos anos setenta, é bastante ilustrativo (ALVES, 2005), apesar das mudanças no protestantismo e pentecostalismo, a estrutura de pensamento, e por assim dizer da teologia protestante em suas bases fundamentais não foram ainda revistas o suficiente para provocar mudanças profundas. As principais doutrinas ainda estão vivas, e os preceitos e observâncias de uma moral, ainda são representativos.

O que Alves chamou de Protestantismo da Reta Doutrina (PRD) (2005, pp. 33-42) é um tipo ideal de protestantismo que podemos utilizar em parte nesta pesquisa. Os intelectuais da AD querem conservar a doutrina pentecostal a todo custo, o que Alves chamou de Reta Doutrina na AD é chamada de Sã Doutrina com a mesma finalidade, a de separação do mundo, combate às heresias, a observância das doutrinas, no sentido de normas da igreja. A Igreja Presbiteriana que Alves observou, parece em muito com a igreja Assembléia de Deus de vinte anos atrás. A visão de mundo, o comportamento austero, a eleição de inimigos a serem combatidos, os ideais político de transformação das estruturas injustas via transformação do indivíduo, culpado por carregar em suas costas a maldição do pecado original, o pensamento de que a causa dos males é a falta de moral, provocada por desejos egoísta e festejada pelo inimigo das almas, o diabo.

A conversão é um ato de adquirir uma nova linguagem, que dará sentido a um conjunto de símbolos e signos, os quais são significativos para interpretação de uma nova realidade, de uma nova verdade, de uma visão de mundo. A linguagem é um instrumento essencial e primordial para os aparelhos de conversa, que legitimam a realidade dos indivíduos, lhes fornecendo uma estrutura significativa de representação do mundo.

A linguagem é um instrumento de mediação entre o homem e seu mundo. Não contemplamos a realidade face a face. Desde que nascemos às coisas não vêm a nós em sua nudez, mas sempre vestidas pelos nomes que uma comunidade lhes deu, comunidade que já definiu como é o mundo e que, portanto, sabe o que ele é, este conhecimento do mundo está cristalizado na linguagem (ALVES, 2005, p. 68).

A linguagem pentecostal⁶⁸ já se faz presente em outros meios, seja secular seja em outras igrejas do cristianismo e até fora dele. A linguagem pentecostal dá o significado simbólico as doutrinas e teologias; é um símbolo identificador, apesar de não representar um sinal dominante de conversão ao pentecostalismo, uma vez que alguns clichês do pentecostalismo invadiram espaços seculares, tornando difícil identificar a pertença da pessoa a qualquer igreja do cristianismo. A exemplo do tipo de pentecostalismo atual, que têm bases na teologia da prosperidade, em que há uma predominância da linguagem positiva e triunfalista, da qual Jesus ou Javé faz de todos um vencedor.

O crente é otimista, e sua linguagem é toda dirigida para efeitos de construção de realidades, que objetivamente parece funcionar mais como forma de terapia,⁶⁹ que o ajuda a enfrentar as intempéries da vida moderna. No neopentecostalismo o otimismo é exacerbado ao extremo, não é à toa o número crescente de pessoas que “amarram” tudo. O “Ta Amarrado”, está cada vez mais, sendo utilizado como linguagem mágica. Essa expressão tem a intenção de gerar um efeito de afastamento, congelamento, imobilização, desfazimento de qualquer pensamento, ou atitude negativa. O neopentecostalismo produz, assim o Super Crente, o super convertido.

Destarte no pentecostalismo atual, o sinal primeiro de conversão é a aquisição de uma nova linguagem pelo neófito, antes mesmo da mostra de novas atitudes. A expressão corporal como linguagem do corpo, é também a forma como o convertido se porta nos templos. No trabalho de Alves (2005), deixa claro que para o novo convertido não basta a Confissão de Fé, pelo ato de uma verbalização de um texto. O neoconverso pode mentir, dizer-se arrependido no momento, e não estar de fato, e assim mudar de opinião logo depois. É necessário, então, que ele adquira o conhecimento da Reta Doutrina,

⁶⁸ Linguagens que fazem parte de um universo evangélico.

⁶⁹ Sobre pentecostalismo como terapêutica conferir Bonfatti (2000) e sobre as formas de terapêutica na alta modernidade conferir Giddens (2002).

monopolizada pela interpretação que a igreja faz da bíblia através do livro das confissões. Na AD a Sã Doutrina é vista na Escola Bíblica dominical (EBD).

Além de uma linguagem diária diferente da anterior a conversão, deve haver uma linguagem que demonstre conhecimento da doutrina, e de práticas ascéticas de uma “moralidade infalível”. Ainda nos dias de hoje, como no período em que Alves observou, o converso não sabe a que ele se converteu, há uma ordem a ser seguida, ninguém se converte à doutrina da trindade, ou a doutrina do nascimento virginal, ou da inspiração verbal das escrituras (ALVES, 2005, p. 67). O neófito se converte a Cristo, aceitando a Jesus como seu salvador, este ritual está imbuído de uma emotividade, o indivíduo se entrega, como nas conclusões de Berger, a um processo de re-socialização, na qual há a necessidade de uma forte carga emotiva para convencer, e converter o sujeito a uma nova realidade.

Não é possível a transformação radical da realidade subjetiva (incluindo evidentemente a identidade) sem esta identificação, que inevitavelmente repete as experiências infantis da dependência emocional com relação aos outros significativos (BERGER, 1996, p. 208).

A conversão está muitas vezes ligada a uma crise, doença, morte de um ente querido, etc. Esta crise pode ser existencial, onde as incertezas da própria vida, a exemplo da ansiedade causada pela alta modernidade, ou um destino incerto após a morte. A pregação protestante quer convencer o homem de que ele possui uma culpa, que não está diretamente ligada ao seu padrão moral. A culpa que o condena é a culpa do pecado original, surgida na queda do homem no Jardim do Éden. Alves relativiza a problemática da culpa. Se a culpa é apenas uma experiência emocional, ela pode ser resolvida por técnicas terapêuticas. Ela se revela como transitória e destituída de significação eterna. Se a culpa é um estado transitório de consciência, e a morte é o fim da consciência, logo a morte é também o fim da culpa (ALVES, 2005, p. 80). Se for assim a religião perderia sua funcionalidade. O cristianismo resolve este problema com a idéia de alma imortal, logo a culpa seguiria o homem depois da morte e o atormentaria por toda a eternidade.

Alves argumenta que o inferno do homem, é então, a incapacidade de morrer, pois se não morre o homem com a morte física, a culpa o persegue na eternidade. Segundo este autor, no protestantismo a pregação evangélica não gera a culpa, ela é pré-existente. A

pregação protestante oferta o fim da culpa pela conversão. Aceitar a Jesus é a possibilidade de uma vida após a morte sem culpa. “*Agora, pois nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus*” (Rm 8:1). A conversão é o resultado do colapso dos sistemas de representação do real que se desmorona. A nova realidade não deixa temer, aquele que tem a certeza da salvação. Berger (1996) descreve o processo de conversão como Alternação, que é um processo de re-socialização, em que a realidade subjetiva é reorganizada segundo padrões diferentes e antagônicos em relação aos anteriores. Berger quer mostrar como realidades, quer sejam objetivas - e isto diz respeito ao domínio que a sociedade tem sobre o indivíduo - quer realidade subjetiva - e isto diz respeito à forma como o indivíduo internaliza a realidade dentro de si - pode ser modificada nos processos dialéticos das interações sociais.

A alternância descrita por Berger, pretende uma transformação total de uma identidade a outra. Este tipo de mudança radical é significativamente o tipo de mudança que a conversão religiosa propõe, ou melhor, Berger exemplifica seu conceito de Alternação com o fenômeno da conversão religiosa. Há um requisito para se manter a estrutura da nova identidade adquirida com a conversão. Os novos convertidos além de serem expostos a um conjunto cíclico de ensinamentos sobre as doutrinas da Igreja, e sobre a religião cristã em geral, com base em uma teologia, necessitam de um espaço de sociabilidade que legitime sua nova condição de ser, uma estrutura específica de plausibilidade, e mais, a negação de estruturas anteriores, e até o afastamento de pessoas ligadas a estruturas anteriores.

A nova realidade a que o converso é submetido é assim reificada por uma reorganização do aparelho de conversa. “*Os participantes da conversa significativa mudam. E a conversa com os novos outros significativos a realidade subjetiva é transformada*” (BERGER, 1996, p. 211). Para tanto, são evitadas pessoas que possam ameaçar a nova identidade, com idéias discrepantes das novas definições da realidade. O que Berger chama de Evitação, Já foi prática comum, a uns vinte anos atrás, os líderes da igreja aconselhavam os jovens a selecionarem suas amizades, e que dessem preferência às amizades de dentro da própria igreja, não é à toa que o pentecostal busca divertimento e entretenimento dentro do próprio grupo social a que pertence.

São evitadas sistematicamente pessoas e idéias discrepantes das novas definições da realidade. Uma vez que rapidamente é possível fazer isso com sucesso, quanto mais não seja por causa da memória da realidade passada, a nova estrutura de plausibilidade fornecerá caracteristicamente vários procedimentos terapêuticos para tratar de tendências de apostasia (BERGER, 1996, p. 211).

Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fieis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. Infundem neles o desejo de viver o evangelho de acordo com o mais puro ascetismo de rejeição do mundo, segundo a definição Weberiana, de modo a distanciá-los de coisas, atitudes, valores e instituições do incrédulo, porém tentador do mundo circundante (MARIANO, 1999, p. 190).

A identidade pentecostal, nega a identidade anterior que pode ser o catolicismo em suas várias formas, praticante ou não, oficial ou popular, sincretizado a formas de religiosidades de populações locais, e amalgamadas a práticas mediúnicas. O converso pode ser oriundo de religiões afros ou indígenas, ou ser convertido do ateísmo, sendo que a conversão de católicos ligados à religiosidade popular é o mais comum. O neoconverso deixa a devoção aos santos para ser devoto da palavra, da Bíblia.

No Brasil, o esforço missionário da igreja no sentido de conseguirem conversos pressupunha que, basicamente que converso significa conversão do catolicismo para o protestantismo. O protestantismo afirma existir, portanto, uma descontinuidade radical entre a sua cosmovisão e a visão de mundo católica (ALVES, 2005, p. 94).

A conversão, por estar na maioria das vezes ligada a uma experiência de dor e sofrimento, há assim, por parte do converso o medo de voltar a sofrer. Para que tal não ocorra, ele se pega a sua comunidade. Não basta, portanto, simplesmente a confissão, uma vez que o indivíduo pode representar papéis sociais para fins de outros interesses que não propriamente o religioso, não basta também o conhecimento da doutrina, e estabelecer vínculos com uma nova estrutura de plausibilidade observando todo um amplo e vasto código de conduta, que não está desvinculado do mundo, das leis de um Estado, e da moral laica. É ainda necessário ter a certeza da salvação. “*Não ter certeza, duvidar, é confessar que a crise ainda não foi resolvida*” (ALVES, 2005, p. 100).

A certeza da salvação⁷⁰ é a fé no invisível, é estar seguro de sua permanente justificação pela fé. Nas formas de neopentecostalismo esta certeza da salvação, em nada tem haver com a idéia do pentecostalismo clássico, mas está no fato de que pelo cumprimento das obrigações de dar o dizimo e ofertar, o pentecostal pode ter a certeza que sua benção já está à disposição, basta que ele “tome posse da benção”. Tomar posse da benção entre outras coisas é um ato simbólico de fé, professar que “toma posse” é um ato mágico, uma vez que acreditando o neopentecostal, que professando a posse, o objeto desejado se materializará, e o oposto ao não recebimento desta benção, é sinal de fraqueza, de pecado ou ainda de possessão demoníaca, ou seja, sinal de condenação e não de salvação.

Para Mariz (1994) é possível perceber a lógica pentecostal através do discurso do converso. Em um artigo sobre homens que se libertaram do alcoolismo, a autora inverte o discurso de alguns autores, os quais afirmam ser o pentecostalismo uma religião alienada e subserviente ao “status quo”. A autora afirma que, a causa da bebida é de ordem social, de um sistema opressor e injusto, de uma sociedade viciada na busca de prazeres imediatos e pragmáticos, que os induziram a beber, dando um passo ao vício. Parar de beber, é converter-se a um novo estilo de vida, renunciando o estilo de vida anterior, anunciado pela propaganda, que prega um homem viril e elegante, que ao beber e ao fumar um cigarro, se torna partícipe de uma sociabilidade, fazendo parte de grupos em interação, nos quais para se desinibir, e melhor rir de seus infortúnios, bebem alguma coisa.

Os pentecostais são críticos dos padrões sociais vigentes com os quais rompem. Ao analisar seu discurso sobre as causas do alcoolismo, vemos uma crítica a sociedade que é vista como opressora e contrária a autonomia do indivíduo. Nota-se que para os pentecostais a sociedade mais ampla propicia o alcoolismo. A maior parte dos entrevistados não aponta para nenhum acontecimento ou uma desgraça específica em suas histórias pessoais que os tenha levado a beber (MARIZ, 1994, p. 214).

Os entrevistados de Mariz (1994) relataram ainda; que o novo estilo de vida, o estilo pentecostal, os ajudou a passar por um processo de racionalização em oposição à

⁷⁰ Já foi prática comum na AD, vinda direto dos púlpitos, a confissão da certeza de salvação. O pastor ou dirigente perguntava com veemência: “quem tem certeza da salvação diga amém [...] ou gloria a Deus [...] ou levante a mão” e a assembleia respondia orgulhosa a certeza de sua fé. Esta prática não é mas observada nas igrejas em Belém.

idéia de uma irracionalidade promovida pelo álcool, que se viciado leva à degradação social. A conversão na pesquisa de Mariz é a típica conversão com o nome de libertação, designação mais usual do neopentecostalismo. A libertação independe da igreja que a oferta. O leigo não se importa se a igreja que o “libertou do vício”, é neo, clássica, ou autônoma, o importante é a eficácia da alternância.

A situação de crise provocada pelo vício é sempre feita com a ajuda de familiares. O alcoólatra ao ser convencido da dependência que o escraviza, procura espontaneamente os serviços que as igrejas oferecem. Ao serem libertos do vício sentem que vivem com novas forças.

Vários lembram que já simplesmente ao entrar na congregação sentiam ‘uma coisa diferente’, ou que foram tomados pela “presença de Deus”, como afirmam. Quase todos consideram “a experiência com Deus”, como elemento decisivo para parar de beber (MARIZ, 1994, p. 213).

No pentecostalismo clássico, a pregação do evangelho, para a conversão, estava em uma mensagem inovadora e empolgante, a volta de Jesus e a promessa de falar em uma nova língua, as Línguas Estranhas, era uma mensagem que se opunha ao catolicismo devoto. As pessoas não precisavam mais peregrinar pelas ruas ou “beijar a fitinha”, ou os pés dos santos, representados por pequenas estatuetas. Bastava a fé no sacrifício da cruz, e do perdão das culpas para que o converso fosse partícipe de um “novo mundo”, de uma nova realidade. Era comum no início do pentecoste, como no protestantismo, convencer as pessoas de seus erros e somente depois vir o convite para o arrependimento, como nos mostra o sermão de Wesley:

Tu, ímpio que ouvires ou leres estas palavras; tu, vil perdido e miserável pecador, eu te desafio diante de Deus, o juiz de todos, vai direto a Jesus com toda a tua impiedade. Cuidado para que não destrua a tua própria alma alegando maior ou menor retidão. Vai como alguém totalmente ímpio, culpado, perdido, destruído e merecendo ser lançado no inferno; desse modo alcanças favor de diante de Dele, e saberás que ele justifica o ímpio (WESLEY, *ap.*, RYLE, 1989, p. 35).

No neopentecostalismo a conversão ficou, mais ainda, ligada a uma crise, é tanto que a principal crise que leva o neófito a IURD é a crise financeira, ou seja, ligada à

pobreza, “à falta de sorte”, a doença, falta de emprego etc. Assim pela anomia mais presente, e global, promovida por uma economia e política mundializada. As crises financeiras, sociais e política, e a desordem de valores etc. são tonificados pelo neopentecostalismo, que sabe bem trabalhar a crise sempre existente da sobrevivência da maioria da população, não é à toa a relação causal entre pentecostalismo e pobreza. As igrejas neopentecostais ofertam a libertação do indivíduo, oprimido pelo mal. O mal na igreja Universal do Reino de Deus vai desde a insônia até a dominação total do indivíduo pelo demônio. Em última instância, segundo eles, por trás das estruturas injustas de dominação e opressão está o príncipe das trevas.

Libertar-se, ou converter-se ao neopentecostalismo, é travar uma luta, batalha permanente com forças que promovem o caos. Combater o inimigo, pisar em sua cabeça, ou amarrá-lo, para depois repeli-lo, faz parte do cotidiano das igrejas, e a IURD se tornou o protótipo do neopentecostalismo moderno.⁷¹

A mensagem pentecostal Iurdiana é diferente da assembleiana. Na IURD a linguagem da prosperidade é a mais presente. Não aceitam a pobreza apesar de a maioria serem pobres, não aceitam a doença apesar de boa parte dos membros estar sempre à procura de alguma cura. Seu símbolo de prosperidade é o mesmo do padrão consumidor do homem pós-moderno, é o carro, de preferência importado, é a casa, mas não qualquer casa mas a melhor.

O membro da IURD é mais triunfalista que os da Assembléia de Deus, se sentem sócios de Deus, participantes diretos das riquezas que o criador possui nos céus e na terra, dono do ouro e da prata, dono dos dízimos e ofertas de milhares de membros e usuários dos serviços mágicos da IURD. A bíblia no neopentecostalismo é um livro de oráculos, de promessas de prosperidade, de receitas mágicas. São promessas de libertação de qualquer mal que possa afligir a qualquer pessoa, desde uma “simples”, porque banalizada possessão, até a falta de “sorte” no amor.

O converso das igrejas neopentecostais não precisa se preocupar com rígidos padrões morais e comportamentais. Não há restrição à moda, nem à profissão, não há leis

⁷¹ Nas igrejas de segunda onda, a partir de 1950, já havia sinais de mudanças no que diz respeito a aspectos teológicos e de práticas típicas do que denominamos neopentecostalismo. Como exemplo as igrejas Deus e Amor e Igreja do Evangelho Quadrangular.

de guarda seja do sábado ou domingo, os cultos ocorrem todos os dias, e em vários horários. Além do que o pentecostal da IURD está sempre prevenido com metros de corda para amarrar, seja demônios seja qualquer coisa que denote algo negativo. Ele sempre toma a posse da Bênção seja no primeiro ou no último dia da campanha, da corrente. Ele passa por corredores humanos abençoados, que determinam o acontecimento de bênçãos e milagres. Tomam água do rio Jordão, e temperam suas comidas com sal unguido vindo direto de Israel, a Terra Santa.

O protestantismo dos anos setenta, observado por Rubem Alves, dava ênfase a um padrão moral e comportamental, a ponto de não aconselhar que o crente tivesse como distração aos domingos o uso do rádio, ou o jogo de futebol, e onde eram desaconselhadas profissões que botassem em risco a “integridade” dos membros. Já no neopentecostalismo é possível a presença de modelos e artistas que posam nuas em revistas masculinas.

O neopentecostal sabe de cor, os versículos que dizem que ele será vencedor, que será vitorioso, que receberá a benção, que obterá muitas riquezas. Diferentemente do assembleiano que sabe decorado as passagens que falam do batismo com o espírito santo, que Jesus é o caminho e único mediador. Porém atualmente há entre os membros da AD a ênfase em versículos bíblicos que trazem promessas. Grande parte desses versículos diz respeito às promessas feitas por Javé ao povo hebreu, que não se aplicam à pessoa que lê, mas que ele ao pé da letra a entende como para si.

As mudanças no pentecostalismo encaminham os convertidos a dois modos de interpretar e viver sua crença. Um deles é o velho e funcional jeito de ser do pentecostalismo clássico, em que os membros escutam hinos evangélicos, lêem a bíblia diariamente, e têm sua diversão nas várias programações e festas promovidas pelas congregações. O outro tipo é um tipo jovem, descolado, popular, no qual o membro canta e dança, onde ele é gospel, frequenta boates gospel, pulam carnaval gospel⁷² e dançam freneticamente sob os remixes de DJ's⁷³ gospel.

⁷² Após o culto do ultimo dia do ano, ou em festas de confraternização festejadas no ultimo dia, os jovens depois da meia noite se entregam à dança, com pulos, trezinhos, ou ainda vão para boates de crentes dançar num reveillon evangélico.

⁷³ Uma vez por ano há uma festa crente promovida pelo DJ Pitágoras, aonde os crentes vão dançar.

O novo convertido não precisa mais se preocupar em deixar sua banda de rock. Ele pode inserir qualquer palavra que denote ou se assemelhe a conteúdo religioso, que fica tudo bem. As meninas não precisam, ao se converterem deixar de dançar, elas podem dançar, pular, gritar nos shows do Louvor Norte.⁷⁴ O converso não será mais chamado de careta, de quadrado, não precisa mais saias longas, blusas de manga, nem calça ou camisa social, nem terno nem gravata.

A justificativa dada pelos jovens, as mudanças na cultura pentecostal, é além de outras, é o de criar estratégias para conversão. Estas estratégias não são aceitas por todos, principalmente pelos intelectuais autores de livros e das revistas da Escola Dominical. Estratégias como a inserção do rock, e de ritmos populares como o forró, muito apreciado hoje pelos evangélicos da AD. Estratégias como as festas, chamadas de “festa com propósito”, que são festas dançantes, onde a letra tem algum refrão, que diga que Jesus te fará vencedor. Nestas festas em dado momento, e durante uma hora, há uma preleção por algum pastor.⁷⁵ No final surgem convites para jogar os cigarros, as seringas e as camisinhas no palco, geralmente feitos com empolgação.⁷⁶

Nada garante que na saída da festa voltem a comprar cigarros e camisinhas, o importante é o efeito que causa em alguns, que não desejando deixar de ser badalados, para se tornarem crentes caretas, aceita esse novo Jesus “maluco”,⁷⁷ cabeludo e de jaqueta de couro. O convertido se enquadra facilmente na nova identidade pentecostal que está atualmente se configurando. Alguns preferem a forma resignada e comportada da identidade pentecostal do pentecostalismo clássico justamente o que querem e desejam os intelectuais da CPAD.

O converso não muda o seu jeito de ser e seus gostos para se adequar ao pentecostalismo, é este último que se adequou ao primeiro. Há uma certa dificuldade de se estudar o pentecostalismo, devido ao surgimento de outras vertentes, pois além de haver

⁷⁴ Uma vez por ano na cidade de Belém ocorre um show evangélico, em que os jovens têm a oportunidade de manifestar sua nova identidade pentecostal.

⁷⁵ Fotos no final do capítulo

⁷⁶ Devo estas informações a jovens que frequentam uma Igreja chamada “Comunidade Altar” onde o rock e suas variantes são como dizem estratégias para conversão de jovens. Fotos no final do capítulo.

⁷⁷ Um jovem relatou-nos que um pastor da igreja Comunidade Altar começou sua pregação assim “Jesus era meio leso”

diferenças entre igrejas da zona rural, onde a bola ainda é o ovo do diabo,⁷⁸ e igrejas nas zonas urbanas, onde jovens freqüentam boates gospel, há diferenças entre moradores de bairros centrais e moradores de bairros periféricos, e até mesmo diferenças entre crentes de uma mesma igreja,⁷⁹ cada crente é uma igreja.

Nas entrevistas, os pastores afirmam que se amoldam ao tipo de Igrejas a que estão pastoreando. Se estiverem em uma Igreja no interior, é incitado a disciplinar um membro por dançar ou jogar bola, se é pastor de uma Igreja em Belém, em um bairro central, admite em sua igreja a coreografia, a dança, seus filhos jogam bola e torcem por times de futebol, e suas filhas são tientes de bandas de rock pop gospel e secular. Os pastores podem assim representar o papel de líder liberal ou de conservador. *“Finalmente encontramos com freqüência atores que alimentam a impressão de terem motivos ideais para assumir o papel que estão representando”* (GOFFMAN, 1995, p. 49).

⁷⁸ Obtivemos informações de filhos de pastores que acompanham os pais nos trabalhos de pastorado nas zonas rurais. E ainda de jovens que tem parentes em interiores do Pará. Onde ainda há a proibição de jogar futebol.

⁷⁹ Em uma igreja observada, encontramos um membro homossexual, outro que é a favor da liberação das drogas e outros a favor da pena de morte e aborto etc.

2.5 Usos e costumes de identidade.

Há algum tempo atrás, era possível identificar um assembleiano pela sua identidade estética, a austeridade da roupa nos homens, o rosto sem pintura e cabelos compridos para as mulheres. O crente da AD não seguia a moda, que denominavam de mundanismo. Atualmente o pentecostal assembleiano não vê mais problemas em acompanhar as tendências da moda, ditados pelo gosto e inventividade dos estilistas. A moda faz parte do que podemos chamar de usos.

Na AD os usos e costumes não estão somente ligados à identidade estética.⁸⁰ Não é somente na roupa, pinturas e adereços, mas no comportamento e em alguns rituais componentes do culto. Alguns costumes são comuns ao protestantismo como um todo. Para Weber o uso será chamado “costume” se o habito vier de longa data (WEBER, 2002, p.51) é o caso dos componentes litúrgicos do pentecostalismo. Quanto às restrições estéticas, é o que Weber chamava de uso condicionado, uma vez que a ação das partes é orientada a fins, com expectativas idênticas, havendo um interesse próprio por parte dos indivíduos (ibid, 51).

Os usos e costumes atualmente se tornaram desculpas para querelas entre pastores dos diversos ministérios e convenções da Assembléia de Deus. É também desculpa para divisões entre as igrejas como no cisma que deu origem ao Ministério de Madureira. Durante muito tempo na AD, houve nas sextas-feiras, nas congregações, e as segundas-feiras no Templo Central, o chamado Culto de Doutrina, nas congregações os Dirigentes⁸¹ e Presbíteros ministravam a doutrina, que ou era um estudo em relação à conservação de usos e costumes, ou eram mensagens direcionadas a algum membro que se achasse em falta com os padrões éticos, culturais e doutrinários da Igreja. Era comum a prática de alguns membros irem até à frente, próximo ao púlpito, pedir perdão à congregação.

⁸⁰ Mariano (1999) utiliza o termo “identidade estética” para descrever a forma do pentecostal se vestir.

⁸¹ Líderes de congregações, na sua grande maioria leigos, com pouca instrução secular e teológica, mas verdadeiros devoradores da Bíblia.

No Templo Central a metodologia era a mesma das congregações, com uma diferença, o pastor presidente lia os nomes das pessoas que eram disciplinadas, afastadas por um período, da participação na Ceia. Essa prática foi abandonada com a chegada do pastor Samuel Câmara, atual pastor presidente da AD em Belém. Nas igrejas os líderes ao ministrarem a doutrina não as diferenciavam dos usos e costumes, todos os ensinamentos eram dados como doutrinas bíblicas, pois os argumentos estavam no livro sagrado.

Atualmente passaram a diferenciar uma coisa da outra, pois surgiu um novo modelo de pentecostalismo, que se deu com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular e do surgimento do neopentecostalismo. A IEQ é liberal em relação a usos e costumes, e sempre quando surgem igrejas novas propiciam o trânsito religioso, ou seja, atualmente as igrejas sempre contam com a participação de clientes, nos cultos de campanha na AD foi possível observar crentes de outras denominações. O trânsito religioso é uma das causas das trocas de idéias.

Com as mudanças no pentecostalismo, o culto de doutrina na AD passou a ser conhecido como Culto de Ensino, no qual a discussão dos usos e costumes é tratado com um maior refinamento e problematidade, agora os pastores relativizam, afirmando que os usos e costumes variam de país para país, estado para estado, entre municípios, bairros e até entre classes sociais. Nos interiores o culto de doutrina é dado ainda à questão dos usos e costumes, já na cidade não é muito fácil de observar.

Autores como Freston (1996) e Mariano (1999) enfatizaram os usos e costumes apenas relacionando-os a roupas, adereços, músicas e entretenimento. Mas há um conjunto bem maior de práticas que fizeram parte do ethos da igreja, que também descreviam a identidade dos assembleianos. Faremos aqui uma análise de uma pequena cartilha escrita pelo Pastor Antonio Gilberto de 70 anos. Este é considerado um ícone do tradicionalismo, muito respeitado, é o consultor doutrinário da maioria das lições da revista da Escola Dominical e dos artigos do jornal Mensageiro da Paz.

O livreto de Antonio Gilberto tem por título “Doutrinas Usos e Costumes”, no qual esclarece as diferenças entre estas esferas. A doutrina das Assembleias de Deus são todas baseadas na bíblia, o cristianismo é uma religião do livro, em que a Bíblia é a regra de fé e conduta. Não há igreja do cristianismo onde não se faça ao menos uma mimese de

algum escrito bíblico. Assim a hermenêutica que os pastores fazem dos livros da bíblia são tidos como verdades incontestáveis. Muitos ensinamentos estão baseados em versículos ou passagens isoladas, o que propicia o interesse da instituição ou o conforto do líder. A Bíblia é relativizada quando o escrito contradiz o discurso e a prática dos Pastores e líderes.⁸² Antonio Gilberto define a doutrina bíblica como:

Doutrina estritamente falando, é o ensino bíblico normativo, terminante, final, derivado das sagradas escrituras, como regra de fé e prática de vida, para a igreja através de seus membros [...] a doutrina bíblica [...] expressão prática na vida do crente, e isso inclui as práticas, usos e costumes (GILBERTO, s/a, p. 04).

A Bíblia traz alguns costumes observados ainda nos dias atuais, como de festas e comemorações, ou seja, de dias a serem guardados, que na legislatura de Moisés⁸³ eram leis. Trás também costumes como saudações, a bênção apostólica, ósculo santo,⁸⁴ e a própria frequência à igreja em dias determinados. Muitos costumes dos primeiros cristãos foram “ressuscitados” por algumas igrejas, como a reunião nas casas dos crentes, convencionalmente conhecidas como núcleos,⁸⁵ e costumes judaicos como a comemoração da Festa dos Tabernáculos, a guarda do sábado, etc.

Os costumes, para Antonio Gilberto, são mundanos. O que ele chama de “bons costumes” são as observâncias éticas e comportamentais, que tanto aparecem na literatura do pentecostalismo. “*Os bons costumes são: formas de expressões, do porte, postura e comportamento social da pessoa ou congregação, confirmando ou comprometendo a doutrina bíblica, a moral e a ética cristã*” (GILBERTO, s/a). O autor sustenta que os

⁸² Sobre isso conferir Religião e Repressão de Alves (2005)

⁸³ Personagem bíblico que livrou Israel do cativeiro do Egito.

⁸⁴ O ósculo santo é uma prática da Congregação Cristã do Brasil, igreja do pentecostalismo clássico. Sobre o beijo santo Cf. Rm 16.16

⁸⁵ No início da AD o crescimento se deu também por um trabalho chamado de nucleação, onde havia núcleos, reuniões em casa de particulares. Hoje, esse trabalho é desenvolvido pelas igrejas chamadas “igrejas em célula” ou “Igreja de Visão Celular”. A diferença do trabalho de nucleação para o de célula é que no primeiro a intenção é de abrir uma igreja nas redondezas, e no segundo, a célula, é uma reunião para fins de conversão dos vizinhos e parentes, mas longe de tornar a célula uma igreja. Muitos assembleianos leigos usam nomes genéricos para reuniões em casas, para oração e leitura da Bíblia, se a reunião for para orações intensas dá-se o nome de monte, se for para oração leitura da palavra e discussão de assuntos bíblicos alguns chamam de célula, sem saber que essa designação está ligada a um método de evangelização que é muito criticado pela AD.

costumes da igreja devem ser diferentes dos costumes do mundo, ou seja, os crentes devem ser contra-culturais.

Na igreja do senhor, os costumes devem ser diferentes, porque a igreja do senhor é um povo diferente em tudo, do mundo infenso a Deus [...] Ora se a igreja foi chamada por Deus, para deixar o mundo e pertencer a ele, como será ela um povo diferente para Deus, tendo os mesmos costumes e práticas do mundo? [...] Era a igreja que devia influenciar nos padrões de vida e costumes do mundo, porque ela o “sal da terra” e a “luz do mundo” (Mt. 5:13, 14), mas o que vem ocorrendo é exatamente o contrário [...] Um povo santo deve ter costumes bons e santos, como vemos principalmente no livro de Levítico, nos evangelhos e nas Epístolas. O povo de Deus deve ser um povo diferente do mundo, no sentido espiritual, moral e social [...] Há constantes ocasiões e situações na vida do crente, em que a melhor maneira (às vezes, é a única) de falar de cristo, através da vida, do caráter, dos atos e do porte, ao invés de falar, cantar orar, etc. (GILBERTO, s/a, p. 05).

Nas entrevistas com membros da AD, ao serem indagados sobre usos e costumes fazem sempre menção ao uso da calça comprida para as mulheres, assim como pinturas e adereços. As mulheres na igreja, assim como na sociedade, sempre foram vítimas de discriminações e de sanções diversas. A mulher levou a culpa desde o Éden, foi ela que cedeu à serpente, foi ela que teve a dor aumentada, e é sobre ela que mais pesa, as observâncias da Igreja. Quanto aos costumes ainda é aconselhado que as jovens solteiras não se detenham muito em conversar com homens casados, mesmo que esse seja da própria igreja, e as mulheres casadas não devem receber em casa, visitas de homens casados ou solteiros, sem que o marido esteja presente, mesmo que seja para uma atividade da igreja. Para algumas mulheres casadas ainda é vedado que participem de passeios, onde somente haverá presença de solteiros etc.

Se para as mulheres a calça comprida, a pintura e adereços estão “liberados”, ainda não podem provocar escândalos e nem despertar a libido dos homens, este é o discurso dos Pastores. Porém, não é difícil observar na Igreja o uso de mini saias, de calças comprida coladas etc. As que são adeptas do uso da calça comprida, alegam que a calça cobre mais do que a saia, e que o uso de saias longas não traz santidade. Algumas entrevistadas se irritaram na hora de defender a calça comprida. “Ela é mais confortável que a saia, possibilita subir o degrau do ônibus, possibilita correr na hora da chuva, cobre mais o corpo do que a saia, que deixa metade da perna de fora”, afirmaram muitas.

Antonio Gilberto em seu livreto, não menciona se as crentes da AD são terminantemente proibidas de usar ou não calça comprida, e nenhum pastor, hoje em dia, se atreveria a este disparate. O discurso gira em torno da roupa moderada, assim uma saia dependendo do seu tecido e corte pode parecer mais sensual do que a calça comprida.

Mas de onde surgiu à polêmica da calça comprida? Os pastores e “doutrinadores”⁸⁶ se baseavam no livro de Deuteronômio capítulo 22:5 que diz: “*a mulher não usará roupa de homem*”;⁸⁷ “*a mulher não deverá usar artigo masculino*”⁸⁸; “*a mulher não usará veste de homem*”.⁸⁹ No contexto desta passagem bíblica há várias ordenações e repetições da lei mosaica. Foi deste versículo que foi tirado a proibição do uso da calça comprida durante mais de 50 anos. Textualmente é possível inferir que se trata da proibição do travestismo, onde o que segue no texto é a proibição para o homem não usar roupa feminina.

Entenderam os pastores e dirigentes que a proibição da mulher usar roupa masculina, estava textualmente na bíblia, a proibição então foi tida como doutrina na AD. Com o passar do tempo, o que foi entendido como Uso, hoje é uma ordenança contestada seja como doutrina ou costume. Esta é uma típica passagem que sofreu mudança de interpretação, ou melhor, recebeu a interpretação devida, o versículo então foi colocado em seu contexto.

Onde está escrito na bíblia, que calça comprida é roupa de homem? [...] Quando eu era jovem fui disciplinado por jogar bola na rua [...] não podemos exigir que as irmãs se vistam como se vestiam as mulheres dos anos cinquenta (conversa com um pastor líder da mocidade do Templo Central).

Esse mesmo discurso é usado pelas jovens da AD. A argumentação não tem sentido, pois nos tempos bíblicos não poderia mesmo haver a possibilidade de tal afirmação, assim também como a proibição do fumo e da freqüência a bailes. A relação que se fazia era, e ainda é, com a divisão daquilo que pertence a usos específicos dentro de uma divisão de gênero.

⁸⁶ Dirigentes de congregações e presbíteros.

⁸⁷ Retirado da bíblia de estudo esperança, editado pela editora Vida Nova em parceria com a SBB.

⁸⁸ Retirado da bíblia católica edição pastoral.

⁸⁹ Bíblia católica da Editora Vozes.

Quanto a homens usarem pulseira e anéis extravagantes, ao que parece não havia problemas. Alguns pastores ostentam pomposos anéis, pulseiras e cordões de ouro. Na parede da biblioteca do Seminário Teológico da AD, há uma foto de um dos seus diretores, na qual ele está de costeletas, o cabelo grande penteado para o lado e cobrindo toda a testa no estilo Beatles.

O que Antonio Gilberto ainda defende é a observância de bons costumes na Assembléia de Deus, o que vai desde a educação, etiqueta, o que ele chama de postura, até o cuidado para que nem a mulher nem o homem provoquem “escândalos” na Igreja, com roupas, cabelos e jóias extravagantes. Pode-se dizer que para o Pr Gilberto; não é o crente se vestir como um “ET”,⁹⁰ usando a moda de trinta anos atrás, mas que não deve usar a moda do mundo, ou o que está em moda no momento.

Em um trabalho de Freston publicado pela UNIPOP, em 1996, esse asseverou que o uso da roupa social, e o não uso da moda tinham uma função, a de fazer com que as famílias assembleianas, na sua maioria pobres, não estourassem o orçamento familiar gastando com a moda. Para outro autor os usos e costumes perderam sua funcionalidade facilitando à conversão da classe média ao pentecostalismo (Mariano, 1999, p. 205).

Weber discorre sobre ser a ação social o objeto próprio da sociologia, e os usos e costumes são tipos de ação social (2002, p. 51). Num entendimento sociológico os pentecostais da Assembléia de Deus estão aos poucos se enquadrando a uma cultura social envolvente, deixando que essa modifique seu ethos cultural. Afirma-se que estão deixando uma característica sectária, ou ainda desejam serem iguais, e não mais fazerem parte de um grupo estigmatizado.

Vale ressaltar, que não é uma decisão da Instituição como um todo. Os pastores não se reuniram e decidiram afrouxar os laços sociais. Há um conflito entre uma ortodoxia liderada pelos intelectuais do Setor Doutrinário da CGADB, e os jovens influenciados por uma sociedade de consumo, e pelo neopentecostalismo. Concomitantemente há uma ênfase, maior ao crescimento da Igreja, em que, se por um lado a igreja cresceu muito era inevitável a mudança, por outro, se querem que a igreja continue crescendo necessitam se adequar ao novo modelo de pentecostalismo, no qual os laços sociais são frouxos. Nas

⁹⁰ Expressão usada por Ricardo Mariano e seus entrevistados.

entrevistas foi comum a afirmação de que o pastor Samuel Câmara está mais preocupado com questões maiores e de maior relevância, do que ficar medindo o tamanho das saias das irmãs.

Na Convenção fala-se muito sobre isto. Aliás, é sobre o que mais se fala. Acho que usos e costumes impostos pelos homens não resistirão ao tempo. Decência e modéstia, ensinados pela Bíblia têm o aval do ES⁹¹ que nos santifica em toda verdade. Lamento quem faz de usos e costumes bandeira para massacrar a fé (Samuel Câmara)

As igrejas neopentecostais deram uma nova formatação à identidade estética evangélica. O próprio Antonio Gilberto admite, que há cobranças exageradas⁹² dos Usos e costumes em detrimento da conservação da doutrina pentecostal. A busca de conservação da identidade pentecostal assembleiana gira atualmente no combate aos “modismos e heresias” presentes na AD.

Quem está mudando são os membros da AD. A maioria dos Pastores entrevistados relatou que a Assembléia de Deus não liberou nada, se não liberou, os pastores se tornaram tolerantes, ao que antes eram intolerantes, e os próprios membros estão presos a muitas contradições, por exemplo às mulheres reivindicaram o uso de adereços como brinco e argolas, mas condenam o uso pelos homens de brincos e tatuagens.

De fato não é possível ouvir qualquer pastor da AD pregar dizendo que as mulheres estão liberadas para usarem o que quiserem. Há pastores que argumentam que é o Espírito Santo quem deve falar às irmãs o que é certo e o que é errado. Assim, ao Espírito Santo está à responsabilidade da conservação ou não da estética pentecostal. Mais ao que parece o Espírito Santo condena a moda em algumas mulheres, mas não em todas, o que podemos inferir do seguinte relato.

⁹¹ ES: Espírito Santo. Entrevista enviada por email.

⁹² Segundo alguns informantes, que vieram do interior do Estado, anos atrás, havia a proibição do uso de sabonete na AD, qualquer coisa que cheirasse demais era considerado vaidade. Atualmente na Igreja Deus é Amor as mulheres não podem cortar os cabelos e os homens não podem usar bermuda nem camisetas. Na Igreja Batista Missionária da Amazônia o rapaz que não trabalha não pode namorar, porque o namoro é para o casamento e não podem beijar na boca antes do casamento. Os jovens devem entrar num propósito que chamam de “Corte”.

Deus age diferente com cada pessoa, se Deus ver que o uso da moda é pra se amostrar o Espírito Santo pode proibir [...] Sempre tive vontade de usar calça [...] Tem gente que é metida à santarrona. (S.F.N, 20 anos, regente do coral de mocidade, filha de pastor).

Quando eu dou estudo sobre isso para a mocidade eu nem falo em usos e costumes em calça e brinco e nada, o que chamo atenção é para o fato de os crentes observarem o verdadeiro desejo de seus corações (entrevista do dia 16/10/207).

Em relação a esse ultimo relato. Se o desejo do coração de uma crente, ao usar uma calça comprida Santropê, ou uma blusa de alça ou mini saia, não é causar sensualidade, então ela não estará faltando com a doutrina da Igreja, pois sua intenção no coração não é esta. O que era atribuição dos pastores e dirigentes, baseados na bíblia, ficou a cargo de cada membro e de sua intimidade com Deus, ou seja, devem contar com a revelação do Espírito Santo, ou guiados pelo coração.

Acho que só vale à pena fazer e observar o que vem da Bíblia, e agrada ao Espírito Santo de Deus. Jugo criado e imposto por seres humanos só dificultam a caminhada da fé (Pr. Samuel Câmara, 50 anos).

Acho que tanto faz. Acho que a mulher né, ela usar [...] mas não aquelas calças bem apertadas né, dentro da igreja, que têm vários tipos de calça, aí tem umas que são assim extravagantes. Acho que essa mais é, tanto faz. Não digo assim, da mulher não usar né, mas evitar né, de vir à igreja (Elias Nascimento, adolescente de 14 anos).

É isso aí é independente né, independente de qualquer pessoa. Isso aí não deve ser algo imposto por alguém, entendeu, não deve ser algo padronizado. Depende muito do que a pessoa gosta [...] Eu acho que depende muito do que a pessoa pensa né, de como é o caráter dela (Ezequias Nascimento, 18 anos).

Max Weber ao trabalhar a noção de uso e costume traz o seguinte conceito:

Uma probabilidade realmente existente de regularidade numa orientação de ação social será chamada de “uso” [...] onde o uso estiver determinado pelo fato de que toda a ação das partes é orientada a fins, com expectativas idênticas, será chamado de “uso condicionado por uma situação de interesse próprio por parte do indivíduo” (WEBER, 2002, p.51).

Para Weber (2002) o uso é uma ação social que não se configura em uma casualidade, mas sim numa regularidade, essa ação é dotada de sentido, não somente daquele que pratica, como daquele que diretamente está em interação com o sujeito que a praticou, se não fosse assim a ação não seria social. Os usos observados e ainda alguns preservados pelos pentecostais da AD é o que pode ser chamado de Uso Condicionado, pois sua observância se dá pelo conjunto do grupo social. As ações dos assembleianos estão significadas identicamente pelos outros membros, ou seja, possuem um fim, que é o de mostrar os sinais de sua conversão, e mais ainda, elementos definidores ou caracterizadores de um grupo. A saia, o rosto sem pintura, e o comportamento recatado, seriam então, sinais visíveis não de santidade, mas de identidade pentecostal.

O fato de o pentecostal procurar observar um conjunto de práticas, ações éticas e comportamentais está intimamente relacionado com aquilo que ele, enquanto indivíduo participante de um grupo significa em harmonia com o seu Eu. Os indivíduos não se submetem a uma religião legalista por que são alienados ou sem cultura, por pertencer a tal classe social, ou por ser de um país cuja maioria professa alguma religião ou crença em divindades, mas porque encontram no grupo outros significativos que estruturam a sua realidade.

Dentro do modelo de análise Weberiano podemos afirmar que, a ação dos pentecostais no mundo têm um interesse que lhe é próprio. Se o uso é uma probabilidade de regularidade, o costume, é para Weber, um uso que vem de longa duração, o que não significa que ele necessariamente tenha que se cristalizar, a exemplo do uso constante de saias pelas irmãs.

Um uso recente em algumas congregações é a manifestação conhecida como o sapateado. O sapateado consiste em que, no momento do êxtase pentecostal, a pessoa sapateia batendo os pés no chão. Essa manifestação seria em tese uma consequência do estado de êxtase de alguns membros, mas que ultimamente é possível ver todos em uma igreja, sapatearem ao mesmo tempo, assim se uma pessoa em estado de êxtase possuía outra reação, com a prática geral do sapateado se popularizando, passará a praticá-lo também. Isso pode ocorrer por exemplo com outras práticas como: o riso, as palmas, o

assobio, o falar em línguas etc. O que era a manifestação do êxtase de alguns se transformou em uso, e se perdurar por longo tempo, será tido como costume.

Das igrejas de periferia para o Templo Central, o sapateado é hoje conhecido como o *reteté*. Alguns chegam a se referir, de maneira jocosa, aos “crentes assembleianos da igreja do *reteté*”. Observamos esta prática no Templo Central, com pastores que costumavam pregar de forma comedida. Essa prática, ou uso com vias de se transformar em costume, foi mais uma das práticas copiadas da IEQ. O *reteté* não é exatamente a prática dos Quaker, seita protestante, estes últimos se jogavam no chão e começavam a tremer freneticamente. O *reteté* requer equilíbrio e leveza, uma vez que ele é acompanhado com idas e vindas com o corpo para um lado e para o outro, para frente e para traz.

Durante a pesquisa foi possível observar práticas que estão se tornando usos, e usos que não fazendo parte dos cultos assembleianos estão sendo contestados. As palmas para acompanhar os corinhos ou as palmas para Jesus é a discussão do momento. Na Convenção Geral de 2007, foi colocado em pauta a questão da dança e das palmas. Foi feita uma eleição para proibição dessas duas práticas, a maioria votou pela proibição.⁹³ As palmas foram proibidas porque são glorias destinadas a homens, e as danças porque podem provocar sensualidade, além de quebrar a serenidade e a ordem do culto.

As palmas e as danças foram copiadas da IEQ. Nesta igreja há grupos de dança e grupos coreográficos. Tivemos a oportunidade de observar um grupo de Dança de Rua (Street Dance) evangélico da IEQ. O organizador do grupo ao final da apresentação, em um anfiteatro,⁹⁴ falou que dançavam para louvar a Jesus, e fez uma pequena prédica pentecostal. Além da IEQ os jovens são influenciados por grupos americanos, que cantam e dançam nos cliques apresentados na RBN.

O fato é que depois de algum tempo sendo as palmas praticadas na AD, se tornou motivo de discussão na Convenção. Logo depois da reunião da Convenção, observando os cantores gospel brasileiros na Tv RBN, alguns grupos deixavam de dançar

⁹³ Os pastores entrevistados negaram a proibição, disseram que a CGADB solicitou que a coisa fosse deixando de ser praticada até que desaparecesse.

⁹⁴ A apresentação foi no anfiteatro do Memorial dos Povos em Belém. O street Dance secular é uma cultura politizada, que denuncia as estruturas injustas da dominação capitalista, além de criticar o racismo, a violência, os desmandos do Estado, e outras mazelas.

como de costume, porém a Tv continuou a transmitir grupos norte americanos que cantam e dançam em clipes nada distantes dos clipes seculares.

No livreto do Pr Antonio Gilberto há uma lista de costumes que não fazem parte, segundo ele, dos costumes da Assembléia de Deus, entre eles: o bater palmas, dançar, uso de árvores de natal e ovos de páscoa, pregar falando em línguas, este ultimo livremente praticado, nunca foi pauta de discussão, uma vez que tem uma funcionalidade muito grande, qual seja, o de legitimar o pregador como “cheio do Espírito Santo”, e o de crer que sua pregação seja verdadeira, pois está falando a língua do Espírito e este não mente. Além do que esta prática é uma espécie de pavio, para que todos que falam em línguas, comecem a falar também. Observamos cultos, nos quais o pregador lia um versículo da bíblia e falava em línguas estranhas durante um bom tempo.

3ª PARTE

RETENDO O QUE É BOM?

3.1 As outras igrejas.

A prática de diferenciar e de sustentar a noção de uma identidade através da busca distintiva de variados aspectos é bastante comum, basta que o outro da relação possua características marcadamente distintas. Este fato não se dá somente no caso da religião, propósito deste trabalho, mas também em classificações como as que delimitam os períodos históricos, a exemplo das designações de povos agrafos, primitivos ou bárbaros em relação aos civilizados. A religião é um exemplo mais palpável do interesse que os homens têm de se distinguirem. Todas elas buscam mostrar como as outras são para numa atitude propagandista estabelecer sua identidade, que em linguagem religiosa dá-se pela apologética.

“Os outros são assim, e estão equivocados”, ou “são hereges”, ou ainda “servem aos demônios”. “Quanto a nós, somos melhores, e pertencemos ao verdadeiro Deus”. Essas idéias podem retratar a forma diacrítica da relação entre as religiões. Produzem-se ainda desdobramentos do tipo: “Em nossa igreja há solução para todos os problemas”, ou “Aqui a solução vem mais rápido”. Assim a delimitação entre o nós e os outros produz a identidade, essa então, é sempre construída em um processo contrastivo, sendo que sua manutenção é um processo reflexivo.

A propaganda tem um papel de suma importância na delimitação às vezes tênue das diversas ofertas religiosas do mundo moderno. Ela é sempre feita da mesma forma, ou seja, tem uma estrutura lógica, assim ela rechaça negativamente a outra oferta, ou a mostra como algo de pouca eficácia. Enquanto isso, apresenta a oferta mais eficaz, aquela que proporciona soluções imediatas. Os clientes possuem opções variadas, e a relação serviço satisfação pode não estar simplesmente no melhor produto, ou em sua utilidade, mas na forma como ele é apresentado, na maneira como o vendedor o apresenta, ou no tratamento do vendedor e no conforto que a loja proporciona.

De forma sutil, ou agressiva, as igrejas disputam espaços, reconhecimento social, e conquistas em esferas do poder, sendo esta última uma estratégia de intensificação das

duas primeiras. A forma de alcançar os objetivos das igrejas seguem a mesma lógica do capitalismo. O que antes poderia ter sido apenas delimitação de identidades, na Alta modernidade ultrapassa intenções primordiais, pois as igrejas não somente querem oferecer a salvação, mas participam de uma acirrada disputa pela hegemonia no mercado de bens simbólicos.

Na busca de ofertar o melhor serviço salvacionista, as igrejas que antes satanizavam as outras e suas práticas, hoje utilizam as práticas ditas “satânicas”, o discurso muda conforme a necessidade da oferta no mercado. A semelhança cada vez maior entre as igrejas deixa difícil à primeira vista, perceber as características identitárias das mesmas, a não ser por suas doutrinas, que no fundo aproximam as diversas igrejas do cristianismo. A delimitação da identidade pode ser percebida pelas mediações entre o fiel e o sagrado, ou naquilo que melhor as igrejas oferecem, nas ênfases de uns ou outros serviços, que vão desde uma simples oração intercessora, até um lugar na cidade celestial.

Não precisa muito para que uma igreja, procure colocar as outras em desvantagem. No caso aqui, a Assembléia de Deus critica a sua irmã rival, a Congregação Cristã no Brasil, com fatos de pouca relevância, se levarmos em consideração o todo doutrinário do cristianismo, que está mais alicerçado em doutrinas como: a trindade, o nascimento virginal, a morte e ressurreição de Jesus etc.

Antes de analisarmos a forma como a AD apresenta as outras denominações faz-se necessário discorrermos um pouco sobre elas, que na visão da AD são igrejas que apresentam heresias; erros teológicos, ou visões deturpadas do cristianismo; para depois compreendermos o fato de a AD ter copiado as práticas e crenças de suas concorrentes. As publicações de livros e revistas editados pela CPAD vez por outra lançam edições com títulos “Seitas e Heresias”, “Heresias e Modismos”. Nos quais contêm a refutação as outras igrejas. A análise deste material é importante para percebermos aquilo que a AD copiou, rechaçou, voltou a copiar e aparentemente, e contraditoriamente, continua a condenar.

A identidade assembleiana é uma identidade reflexiva e apologética. A forma que a AD tem de apresentar as outras igrejas para os seus membros, mostrando os equívocos e heresias, nem sempre pode ser entendido como reforço contrastivo da identidade, mas também de evitar que os membros se sintam influídos por outras ofertas, numa tentativa de

eliminação de possíveis rivais, e ainda de inibir que líderes possam pretender copiar as práticas condenadas. Assim a AD através de suas publicações procura mostrar os “erros” de religiões que não exatamente ameaçam sua identidade, ou representem concorrências por espaço, no mercado de bens de salvação.

Para iniciarmos nossa discussão temos a Congregação Cristã no Brasil. Esta igreja foi fundada em 1910 por um imigrante italiano, no bairro do Brás, em São Paulo. Esta igreja pentecostal herdou do calvinismo presbiteriano a Doutrina da Predestinação, não possui pastores, não obriga a dizimação, não busca erudição bíblica, muito menos secular, não faz uso dos meios de comunicação, seu evangelismo é do tipo pessoal, quase não crescem em números, não se envolve em política, fazem uso do osculo santo, etc.

Na Congregação Cristã no Brasil, tudo começa com muita serenidade. As pessoas vão chegando se ajoelham e oram, as mulheres de um lado usando véus na cabeça, de outro lado homens de cabelos curtíssimos. Um hino é proposto, todos cantam, outro hino é entoado e até que chega o momento em que um ancião ou qualquer outro membro inspirado pelo Espírito Santo comece a pregar.

A CC é caracterizada pelo “iluminismo” religioso, há uma preponderância da inspiração direta. *“O papel da biblia é pequeno sendo mais um livro de oráculos, do que uma revelação a ser meditada sistematicamente”* (LEONARD, *ap.*, FRESTON, 1904, p. 104). Os membros da CC até para viagens, negócios, casamentos, buscam a “revelação” de Deus. Todas as decisões na CC devem ser confirmadas por revelação. Os sermões nunca são preparados, nem se sabe de antemão quem vai pregar; Deus revela na hora. *Toda literatura cristã é rejeitada, pois a cultura é inútil para a fé; “outras luzes não queremos”* (RESUMO DA CONVENÇÃO DE 1936, *apud* FRESTON, 1996, p. 104).

Até a década de 50 a CC era a principal concorrente da AD. Segundo Freston a primeira teve um crescimento inicial rápido,⁹⁵ mas foi ultrapassada pela Assembléia de Deus no final dos anos 40. Na literatura assembleiana, mais especificamente as revistas da Escola Dominical, as informações sobre a CC, estão sempre apontando seus “equivocos” doutrinários. As revistas antigas de forma mais agressiva fazem uma performance negativa da CC. Essa

⁹⁵ Na pesquisa de Freston, este afirma que a CC é sobretudo uma Igreja interiorana, e no exterior já iniciou trabalhos em vários países da América do Sul e Europa, e em 1992 enviou um nissei para o Japão (FRESTON, 1996: 103).

igreja já representou ameaça à AD, pois ambas faziam proselitismo entre elas. Na prática do evangelismo pessoal da Congregação Cristã, os membros ao se depararem com um assembleiano, esforçavam-se para atraí-los à sua igreja. Até recentemente é possível verificar esse tipo de acusação, como na revista da Escola Dominical de Jovens e Adulto do 2º trimestre de 1997, há uma acusação pertinente de que os membros da CC se preocupam mais com o evangelismo dos crentes de outras denominações, em detrimento do anúncio do evangelho.

Algumas críticas que os assembleianos fazem aos congregacionais são características do protestantismo como um todo, como na questão do proselitismo, o uso do vinho alcoólico e no uso ou não uso da Bíblia “correta ou incorretamente”, e outras críticas sem menor importância, como o uso do osculo santo, do casamento na igreja, apresentação dos recém nascidos, uso do véu, entre outros. Outras acusações são polêmicas como o da predestinação, ordenamento de mulheres a cargos, e a questão da desteologização do pentecostalismo muito criticado também pelos protestantes históricos.

Aquilo que os assembleianos ainda criticam, talvez tenha sido muito útil para a própria AD, uma vez que a CC ao não fazer uso do pastorado, da não cobrança do dízimo, do não uso dos meios de comunicação e a doutrina predestinacionismo, enfim, foi, segundo Freston (1996) a causa do pouco crescimento dessa igreja, deixando de ser uma ameaça às outras, como um dia fora para a AD. Assim as críticas a CC deveriam se transformar em elogios, uma vez que em uma compreensão do paradigma no mercado de bens de salvação, esta igreja não ameaça ninguém. A crítica que a AD faz, do não pastorado e da não coleta sistemática do dízimo, servem no fundo, para argumentar que a CC contradiz a bíblia em relação aos dois aspectos, e assim os autores da AD fazem apologia à liderança, que deve ser respeitada, o pastor é o ungido do senhor, e ao dízimo sem o qual a igreja não sobreviveria.

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi a principal onda pentecostal que representou ameaça à Assembléia de Deus. Não há dados estatísticos do número de assembleianos que migraram para a Quadrangular. O atrativo mais forte foi o afrouxamento do laço, que controla as atitudes, comportamentos e as maneiras de apresentação dos pentecostais. A IEQ não faz nenhuma restrição a usos e costumes, não acusam ninguém de

pecado, dançam, batem palma, seus hinos são sempre mais ritmados, e desde o início apresentaram uma cultura musical que agrada mais aos ouvidos dos jovens.

A IEQ é a única igreja pentecostal, de grande porte, fundada por uma mulher, e que até os dias de hoje possui um significativo efetivo de mulheres, em diversas formas de liderança e até de pastoras.⁹⁶ A Internacional Church of the Four-Square Gospel, nasceu em Los Angeles, no ano de 1920. “*Aimee nunca deixou de ser polêmica [...] Era jovem, bonita e distante da imagem tradicional da mulher pentecostal. Não é por acaso que a IEQ é menos repressora no tocante a roupa e aparências femininas do que outras igrejas pentecostais*” (FRESTON, 1996, p. 111).

A fundadora da IEQ, além de adoecer fisicamente, entrou em conflito com aquilo que muito incomoda os pentecostais, principalmente os da AD, no que se pode observar em sua literatura: o famigerado evolucionismo, inimigo ideológico do fundamentalismo. Juntamente com a enfermidade e posterior cura, foi o estopim para o início da cruzada de Aimee McPherson. Em Los Angeles seu público veio da classe média baixa, de migrantes rurais brancos. Aimee pregou em reuniões da Ku Klux-Klan, diferentemente da missão Azusa Street,⁹⁷ na Quadrangular houve segregação racial, pois após uns doze anos de funcionamento, a FourSquare Church tinha apenas 25 membros negros, organizados separadamente dentro da igreja. (ANDERSON, *ap.*, FRESTON, 1996, p. 111).

No Brasil a Quadrangular foi fundada por um ex-ator de filmes de *far-west*. Este chegou ao Brasil em 1946, e em 1951 fundou a igreja em São Paulo. Após um período de depressão,⁹⁸ Haroud Edwin Wilhams convidou seu amigo Raymond Boatright, também *ex-cowboy*, que com sua camisa xadrez e sua guitarra elétrica atraiu multidões, com o método americano de evangelismo em tendas. Uma característica marcante dessa igreja foi o fato dos pastores e membros evitarem serem classificados como crentes, protestantes ou ainda serem chamados de pastores. A IEQ era conhecida como a Igreja do missionário. Essa,

⁹⁶ No trabalho de Freston (1996) temos os seguintes números de mulheres no pastorado, segundo a IEQ, 35% são mulheres, deste número temos ainda 22% de pastoras titulares.

⁹⁷ Afirma-se que a forte segregação racial a época, foi à causa da Missão Azusa ter se dividido, porque os brancos não aceitavam uma liderança negra. Ao que parece o fato de ser um movimento organizado por negros, acabou chamando a atenção da imprensa, que diferente da intenção serviu de marketing para a missão.

⁹⁸ Marga Rothe em sua pesquisa consultou fontes que afirmaram que vários líderes quadrangulares sofrem de depressão (ROTHER, 1998, p. 113).

assim, procurou desde o início trabalhar eficazmente uma identidade própria, uma identidade contrastiva, mostrando quem eram os quadrangulares em relação às outras igrejas do pentecostalismo. Os missionários apresentavam sua missão como mais um avivamento, o que atraiu pessoas de outras igrejas em busca de curas milagrosas.

Em Belém do Pará, a IEQ chegou como um empreendimento, e em uma prática de culto a personalidade. Josué Bengtson foi anunciado como Apostolo da Amazônia. O historiador oficial da igreja Julio Rosa descreve Bengtson, como um homem que nunca entrou em uma empreitada para perder.⁹⁹

O conteúdo da pregação era conhecido, pois a cura é uma prática mais que comum no pentecostalismo, o que diferenciou Bengtson foi o marketing via rádio, também a maneira como ele se apresentou, sua entonação da voz e expressão facial, juntamente com sua aparência de missionário norte americano,¹⁰⁰ fez da mensagem pentecostal que já era conhecida, um sucesso.

O povo aplaude o que já conhece. Uso de algumas expressões conhecidas, costuma provocar “aleluias” e “amens” bem audíveis da platéia [...] estas e outras manifestações emocionais permitem também á liderança de uma igreja avaliar instantaneamente, o sucesso do investimento na novidade (ROTHER, 1998, p. 137).

Para atrair um público católico, a IEQ utilizou o catolicismo popular, como: das novenas e de canções bastante conhecidas, cantadas nas igrejas católicas. A IEQ é até hoje conhecida pela sua oração da prosperidade (prece poderosa),¹⁰¹ criada por Josué Bengtson. Esta oração pode ser repetida todos os dias, semelhante à reza da igreja católica.

Eu conheço muita gente de lá que faz essa oração todas as manhãs [...] é pra proteção [...] o pastor Josué inicia o programa com esta oração [...] é na FM liberdade 95, 9, todos os dias as sete da manhã, e muita gente acompanha, eu não estou orando porque esqueço, falta de tempo. (Ana Cristina, 35 anos).

⁹⁹ Sobre isso conferir Rothe, 1998. p. 36

¹⁰⁰ Rothe (1998) relata em seu trabalho que foi bem recebida na IEQ, por causa de sua aparência.

¹⁰¹ O programa da Igreja Quadrangular pela rádio Liberdade 95, 9, inicia todos os dias com a Oração da Prosperidade (Prece Poderosa).

A Quadrangular no início trocou farpas com a Assembléia de Deus. Os assembleianos invadiam as tendas e igrejas entregando folhetos e peitando a nova denominação que representava ameaça. O mais comum era a crítica aos costumes liberados, e ao tipo de liturgia onde no momento da oração sempre havia a fórmula “em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo”, estratégia para arregimentarem católicos, mas para os assembleianos, que juntamente com os usos representava um desvio. Enquanto isso a quadrangular criticava os assembleianos pelos costumes rígidos e pelo tipo de pregação que ameaçava o pecador com as dores do inferno.

De uma ex-funerária no bairro da abolição no Rio de Janeiro para o resto do mundo. A Igreja Universal do Reino de Deus iniciou seus trabalhos em 1977, com cinco minutos de rádio. O líder da nova igreja instituiu o episcopado em 1981, sendo elevado à posição bispo por Augusto Lopes. Esta igreja logo fez parte da esfera política, pois em 1986 elegeu um deputado federal constituinte. Apostou no poder da mídia, tanto que, em 1989 adquiriu a Rede Record. O bispo Edir Macedo foi funcionário da Loterj, atualmente é proprietário da segunda maior rede de televisão em audiência, e talvez a primeira em tecnologia de equipamentos.

O culto e a liturgia são o que têm de mais diferente em relação a qualquer Igreja protestante. O culto pode se iniciar pelo ofertório, pelo canto, ou leitura de passagens bíblicas. Os pastores têm liberdade de criar liturgias e rituais de acordo com as crenças regionais. O modelo pentecostal sincretizado já havia sido estabelecido pela IEQ, a IURD somente exacerbou o modelo inserindo uma infinidade de rituais, muitos desses retirados das religiões afros.

A IURD nasceu da Igreja Nova Vida, de onde retirou sua forma de governo eclesial. Sua principal marca é a Confissão Positiva e a Teologia da Prosperidade, com ausência de legalismos. Têm sua ênfase na batalha espiritual e no combate ao diabo. Esta última característica é comum à grande maioria dos pentecostais. Essa igreja faz uso exagerado dos simbolismos de textos isolados da bíblia, fornecendo argumentos para uma linguagem triunfalista como nas frases: “ta amarrado”, “queima”, nas promessas de prosperidade, e nos mais variados sólidos, líquidos e plantas, que não foram propriamente criação da IURD, mas do amalgama de tradições e crenças religiosas populares existentes no

Brasil. A expressão corporal que também é comum a qualquer comunicador, na IURD é específica, marcando a identidade iurdiana. Os pastores utilizam uma entonação de voz que procuram se aproximar ao do seu líder maior, Edir Macedo.

A IURD de tanto que foi pesquisada por diversos autores, atualmente proíbe seus pastores de darem entrevistas. Contraditoriamente, apesar do receio dos iurdianos, eles utilizam as próprias pesquisas para fazerem marketing de seu sucesso enquanto empresa especializada em bens de salvação, enquanto religião promotora e mediadora do sagrado. É possível observar no Jornal Folha Universal matérias que fazem menção a Ricardo Mariano e sua pesquisa, menção a Weber e sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

O sucesso da Universal talvez esteja na bem argumentada teologia de Edir Macedo, que baseada na confissão positiva e na Teologia da Prosperidade, formam um construto teológico semelhante a uma complexa máquina com muitos botões e engrenagens. A teologia de Macedo parece ser um conjunto coerente, no qual não há peças sem função, todas se encaixam e se explicam. O consumidor dos produtos iurdianos não tem direito à garantia, se alguma coisa der errada, foi por que o consumidor não usou a mercadoria de forma correta. O defeito assim não está no produto, mas naquele que o consome, seja por um pecado hereditário, seja pela falta de fé. As soluções dos problemas costumam se dar num passe de mágica.

Não constitui exagero afirmar que a Universal estabeleceu deliberadamente, com pleno conhecimento de causa, um sistema de magia organizado, por sinal, bem elaborado. Mais e melhor que qualquer igreja pentecostal ela institucionalizou denominacionalmente práticas e crenças mágico-religiosas de inspiração cristã. Isto não deriva automaticamente de sua posição como intermediária do poder divino, até porque todas as religiões em maior ou menor grau postulam tal prerrogativa. Decorre, acima de tudo, do fato de ela se propor, na qualidade de mediadora dos poderes divinos, a resolver todos os problemas terrenos dos fieis. (MARIANO, 1999, p. 57,58).

Quem não recebe a benção e a vitória foi porque não creu, que todos os tesouros do mundo estão a sua disposição basta que ele tome posse.¹⁰² Para Wilson Gomes (1996) a posse da benção é o elemento que une os três elementos que atraem as pessoas a Igreja

¹⁰² Tomar posse da benção é se apoderar de tudo aquilo que foi materializado com o poder da mente, que se objetiva pela declaração ou determinação em voz alta.

Universal, quais sejam, primeiro: os demônios, a IURD oferece o afastamento do demônio das pessoas, principal causador, se não o único de todos os males; segundo: as ofertas, que são os dízimos e ofertas em suas varias formas, como a oferta de sacrificio e a oferta de amor em que o fiel ao dar, receberá em dobro; e terceiro: a idéia de cura, e promessas de prosperidades que além de vida longa e saúde, um cabedal de bens materiais, simbólicos, humanos, psicológicos e sentimentais. Estes bens são geralmente descritos como elementos indispensáveis para aquilo que se pode qualificar de uma vida digna e feliz: saúde, prosperidade e amor. (GOMES, 1996, p. 231).

A teologia da universal, como afirmou Mariano, é bem organizada e coerente. Edir Macedo busca argumentos onde aparentemente não vemos nada além de um relato da criação. Faremos aqui uma digressão,¹⁰³ utilizaremos um discurso de Macedo, que foi um sermão do bispo num domingo pela manhã, pela TV Record. Também dos discursos nos livros publicados pelo Bispo, como na coleção “Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus” editados pela Universal Produção. Esclareceremos cada item do parágrafo que no todo pode resumir a Teologia da Prosperidade do tipo iurdiano.

Tudo começou quando Deus criou a natureza com o poder de suas palavras. Disponibilizando ao homem o governo da terra, e assim todas as riquezas que a terra pode produzir, do alimento ao ouro. Até que o homem peca, sendo ludibriado por satanás. O homem perde tudo. Vem Jesus e morre na cruz para devolver tudo ao homem, disponibilizando todas as coisas de volta, está tudo aí, basta que o crente tome posse da benção (Sermão de Edir Macedo).

Deus criou a natureza com o poder de suas palavras: a teologia da prosperidade prega, através da idéia e prática da confissão positiva, que as palavras têm poder, pois foi com a palavra que Deus criou a natureza. E disse Deus haja luz. E houve luz Gn 1.3 (Bíblia Sagrada Revista e Corrigida). Sem ação de dizer, a fé é praticamente inútil. Tiago diz que sem obras ela é morta: porque assim como o corpo sem espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta (Tg 2. 26) sem obras, ou sem ação, ela é morta (SOARES, 2001, p. 67).¹⁰⁴

¹⁰³ No sentido de um recurso literário utilizado com o fim de esclarecer o assunto em questão.

¹⁰⁴ RR. Soares quer forçar uma exegese, afirmando que obras no texto bíblico está também no sentido da ação de dizer, de falar, de afirmar positivamente. O texto fala em obras como ações éticas diante da sociedade

Disponibilizando ao homem o governo da terra e assim todas as riquezas que a terra pode produzir, do alimento ao ouro: Deus deu ao homem o controle de toda a terra, tanto que até o nome dos animais foi dado por Adão. “*E todo o animal da terra, e toda ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde lhes será para mantimento*” Gn 1.29-30, “*e o ouro desta terra é bom, ali há o bdélio¹⁰⁵ e a pedra sardônica*”¹⁰⁶ (Ibid., 2.12). Para os teólogos da prosperidade é inadmissível que um crente passe fome, ou esteja na miséria, pois Deus disponibilizou tudo para ele, desde o melhor ouro, os melhores perfumes e até o vidro muito usado na moderna arquitetura de casas e prédios. Este texto também serve de argumentação para afirmar a veracidade da Teologia do Domínio.

Até que o homem peca, sendo ludibriado por satanás: O pecado original do homem é a desobediência. Ao comer do fruto proibido o homem caiu, ou seja, pecou e foi expulso do Jardim do Éden, onde ele tinha tudo, agora ele não é mais possuidor de nada. Tudo que tinha foi roubado por satanás que veio para matar roubar e destruir. O homem passou a viver na miséria. “*Multiplicarei a tua dor*” Gn 3. 16 b; “*espinhos e cardos também te produzirão*” (ibid verso 18 a).

Vem Jesus e morre na cruz para devolver tudo ao homem, disponibilizando todas as coisas de volta: segundo a Teologia da Prosperidade a morte de Jesus na cruz e o derramamento de seu sangue foi o preço pago para a restituição de todos os bens ao homem. Verdadeiramente, ele (Jesus) tomou sobre si as nossas enfermidades (que são os espinhos e cardos dados a Adão como castigo, e a sua descendência, todos os homens), e as nossas dores, levou sobre si (as dores da vida de miséria) e nos o reputamos por aflito, e ferido de Deus e oprimido (nos o julgamos coitado e desamparado por Deus), mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades (não devemos tê-lo por coitado sua morte teve a função de pagar pelos nossos erros).

como: a não fazer acepção de pessoas, de obras sociais ou filantrópicas etc. Isolar ou forçar o texto a dizer o que o teólogo quer, é prática comum no neopentecostalismo.

¹⁰⁵ Material ceroso, avermelhado, de cheiro agradável, obtido como exsudação da *Balsomodendron africanum*, usado em perfumaria. (Aurélio século XXI, eletrônico) Deus deu os melhores materiais para fazer os melhores perfumes.

¹⁰⁶ Tipo de sílica que serve para produção de vidro.

Verdadeiramente, ele tomou sobre si nossas enfermidades e as nossas dores, levou sobre si; e nos o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados (Is 53. 4,5).¹⁰⁷

A partir de uma terra sem forma e vazia, Deus planejou construir o Seu Reino com a ajuda da sua criatura; tentou isso fazendo aliança com o primeiro homem, Adão, mas este falhou porque deu ouvidos ao diabo. Tentou com outros homens, porém falharam também. Finalmente, Deus enviou o seu próprio filho para o sacrifício, afim de que todo aquele que tomasse esse ato como definitivo, bem como aceitasse a Sua palavra, fazendo da mesma uma norma de vida, estaria automaticamente em aliança perpétua com Deus, para a construção de Seu Reino na Terra (MACEDO, 2000, pp. 66-67).

Disponibilizando todas as coisas de volta, está tudo aí basta que o crente tome posse da benção: com a nova aliança firmada com a morte de Cristo, e entenda-se aliança como sociedade, Edir Macedo afirma que o homem é sócio de Deus, tudo o que Adão perdeu Jesus recuperou ao homem, as riquezas que o mundo oferece, o melhor ouro, o melhor perfume, a melhor casa com a melhor arquitetura, com vidros fumê, o melhor carro.

Tomar posse da benção¹⁰⁸ é recuperar aquilo que foi destinado ao homem, desde a fundação do mundo, conforme o modelo descrito acima. A posse de tudo foi recuperada pelo sacrifício de Cristo na cruz. Tomar posse da benção é um ato mágico que se dá no pensamento, semelhante à magia na Igreja Católica onde o padre diz “o senhor esteja convosco”¹⁰⁹ é imediatamente Deus se faz presente à reunião, e a assembléia responde, tomando posse das palavras do padre, “ele está no meio de nós”. O ritual de tomar a posse ou confirmar o que foi dito, é necessário para que a magia se efetive. Na AD os crentes modernos quando ouvem alguém lhe dizer qualquer coisa positiva, esse diz “eu tomo posse”.

Quem não toma posse da benção não está fazendo a vontade de Deus, que foi imposta ao homem desde a criação, que é dominar sobre a terra. Não tomar posse da benção é querer levar a vida com todas as mazelas possíveis, da falta de alimento e roupas até a doenças e possessão demoníaca.

¹⁰⁷ Bíblia sagrada Revista e corrigida, SBB

¹⁰⁸ Atualmente não há um culto na AD, onde um dos pregadores ou cantores não pronuncie esta frase “tome posse da sua benção” sem saber exatamente o que isso significa, ou saber que esta frase está ligada a uma crença de outra igreja.

¹⁰⁹ O padre determina a presença da divindade.

Uma recente concentração de fiéis da Igreja universal tinha o sugestivo *slogan*: venha tomar posse do que você perdeu. Tomar posse, não significa outra coisa senão realizar aquilo para o qual você está destinado. As coisas são *nossas* enquanto Deus as fez para nós, para dela fluirmos, portanto, significa bem mais uma reintegração de *posse*, um ter à disposição aquilo que nos é devido por direito de criação (GOMES, 1996, p. 231).

Mas se assim é, esta receita poderia ser seguida em qualquer igreja, bastaria que esta com seus membros seguissem passo a passo esta teologia. Mas para tomar posse da benção é necessário expulsar o demônio que está impedindo a pessoa de tomar a posse da benção, afinal ele não quer perder aquilo que roubou de Adão e Eva, a terra e toda sua riqueza. É aqui que entra toda a perspicácia de Edir Macedo, pois a teologia da prosperidade do tipo iurdiana, argumenta que somente na IURD é possível tomar posse da benção, é somente lá que as pessoas podem encontrar o evangelho pleno.

Segundo o construto teológico da IURD, a benção que é tomada pela posse daquilo que sempre foi do pentecostal, somente pode ser obtida da seguinte forma: Em Primeiro lugar pensemos o consumidor, ou cliente, que procura os serviços da Universal. Esses pertencem às classes desprivilegiadas da população. Pela sua falta de recursos financeiros, e o indesejável atendimento público nos serviços de saúde, esta população também está doente, sejam distúrbios orgânicos, sejam psicossomáticos, este ultimo causado pela própria pobreza, pela falta de emprego, pela própria busca de melhoria de vida, da corrida contra o tempo, pelo stress causado pela poluição sonora etc. O cliente pode ser de outra religião ou outra denominação, que não vê em sua igreja as mesmas ofertas da IURD.

Não que o usuário dos serviços da igreja do bispo Macedo, só a procure porque tem um algum problema. As pessoas que por curiosidade entram na Universal acabam descobrindo e sendo convencidas de que possuem um problema qualquer, que vai desde a falta de dinheiro até a impotência sexual. Ou ainda, que seus clientes vejam nela uma religião na qual encontra um pouco de catolicismo popular, um pouco de crenças e práticas ligadas aos cultos afros, esoterismo, superstições ligadas a crenças diversas, além de magia. A magia traz soluções imediatas, ela é realizada através da manipulação de espíritos e objetos diversos. Destarte além da matriz sincrética brasileira a IURD se valeu daquilo que veio dos EUA para compor o caldeirão sincrético: o pentecostalismo triunfalista, que faz do pentecostal um filho de Deus, um cidadão do céu, ou no caso da IURD um sócio de Deus.

Em segundo lugar, diante do problema manifesto, ou latente, a Universal oferece a solução que é obtida pelo exorcismo. É preciso expulsar o demônio que está segurando a benção, bem material, ou bem simbólico. Mais para se expulsar o demônio não basta apenas obrigá-lo a desalojar do corpo ou do objeto “em o nome de Jesus”, tem que dar o dízimo, a oferta e o sacrifício, para evitar que o demônio volte. O demônio pode ser expulso do corpo das pessoas de uma só vez, é quando a pessoa é liberta, ou pode ser exorcizado gradativamente, primeiramente desfazendo o mal que o demônio fez das seguintes formas: levar uma flor ungida da universal para casa, ela atrairá todo o mal; levar para a igreja uma camisa amarrada um nó, a camisa é exorcizada, levada de volta para casa onde o nó é desfeito; ou leva-se o lençol da cama para ser abençoado, no caso de impotência, ou falta de interesse pelo sexo, o nó é desfeito na igreja, lugar da benção, e pronto, esta feita à magia eficaz.¹¹⁰

O argumento para que o fiel contribua varia de acordo com cada pastor. Os argumentos são assim expostos: “*quando você contribui faz raiva pro capeta*”; “*ao ofertar você faz um sacrifício, pois quando não tem a oferta pedida e ao fazer o sacrifício a pessoa recebe em dobro da mesma forma como Abraão ao ofertar a vida de seu filho, recebeu mais que triplicado, pois se tornou pai de nações*”; “*ao ofertar você exorciza o diabo que quer fazer você gastar seu dinheiro com vícios*”; “*a oferta sustenta a obra missionária*”, entenda-se da IURD, e como o crente não quer que serviço acabe contribui.

Deus não precisa do nosso dinheiro, porque dele é a prata e o ouro. Mas ele precisa que nos o obedeçamos, para que possa nos abençoar. Há uma íntima relação entre dar e receber. Quanto mais damos, mais recebemos (RODOVALHO, apud MARIANO, 1999, p. 160).

Quando damos nossas ofertas para a obra de Deus, estamos nos associando a Ele em seus propósitos. É maravilhoso saber que Deus deseja ser nosso sócio e que podemos ser sócios de Deus em sua missão de salvar o mundo. (Ser sócio de Deus significa que nossa vida, nossa força, nossos dons e nosso dinheiro passam a pertencer a Deus, enquanto suas dádivas como a paz, alegria, felicidade e

¹¹⁰ De tempos em tempos há uma re-elaboração dos rituais na IURD, no início desta pesquisa era o sal grosso, meses depois o sabonete, mas um pouco, o banho do descarrego, veio a flor, e ultimamente é a camisa dada um nó ou lençol da cama, ou outra peça de roupa qualquer. Há semanas que são todas de uma vez, ou uma a cada dia. Assim o conteúdo das pregações é sempre o mesmo o que muda são as centenas de rituais que alimentam a fé do povo e quebra a monotonia do discurso repetitivo.

prosperidade passam a nos pertencer (SOARES, apud, MARIANO, 1999, p. 161).

O argumento mais importante, e o que sustenta e fecha o círculo para a compreensão da Teologia da Prosperidade Iurdiana é assim descrito: Dando dinheiro a Deus o fiel se torna seu sócio, Deus é espírito, e o dinheiro é administrado pela igreja, que realiza sua obra. A pessoa dá o que tem para Deus, e este vai retribuir com aquilo que ele tem.

Macedo parece se contradizer em seus discursos. Se tudo é nosso pois foi resgatado por Cristo, e se as formas de receber aquilo que já é nosso, é crer no poder de nossas palavras, ou crer na eficácia dos rituais mágicos, por que a coisa não acontece?, ou ainda se nos tornarmos sócios de Deus ao dizimar, então por que temos de exigir dele aquilo que precisamos? Por que Deus fica trancando as coisas lá no céu? Macedo assevera que o crente tem que fazer a parte dele, que é deixar o emprego e montar um negócio próprio, deixando claro ao membro que a sociedade com Deus se dá em um nível simbólico, Deus somente irá ajudá-lo, abençoando o seu negócio. Assim há centenas de testemunhos de pessoas que de empregados tornaram-se patrões.¹¹¹

Nos ensinamos as pessoas a cobrar de Deus aquilo que está escrito. Se Ele não responder, a pessoa tem que exigir, bater o pé, dizer ‘tou aqui, tou precisando’(MACEDO, *ap.*, MARIANO, 1999, p. 162).

Você pode ter uma casa grande com piscina e carro do ano. Mas tem que se mexer. Não adianta só dar o ‘sacrifício’[uma oferta especial para a igreja] e ficar acomodado. Tem que dar o ‘sacrifício’ e pedir a conta no emprego, abrir um negocio qualquer. Como empregado você nunca vai ficar rico (sermão na IURD, apud., FRESTON, 1996, p. 131).

Podemos pensar que a receita da IURD, poderia ser usada em qualquer igreja, e de fato poderia, tanto que as outras a imitam uma ou outra de suas práticas, crenças e linguagens. Porém segundo a mídia da IURD, a prosperidade somente pode estar lá. É na

¹¹¹ Os membros da IURD são estimulados a abrir “micro empresas”, e aparecem os testemunhos na mídia, somente que não há como dizer quanto desses negócios vão adiante. Em um programa da Record, “Repórter Record” foi todo destinado a exemplos de pessoas que ganham muito dinheiro, montando seu próprio negócio, o exemplo do próprio Macedo foi mencionado, como empresário de sucesso. Foi um caso claro de uso da mídia para divulgação da ideologia iurdiana.

IURD que a magia é executada, o sal, a flor, o sabonete, o lençol, a camisa dada um nó, enfim, devem ser levados à igreja em dias determinados, é só assim que a coisa acontece. A igreja é o lugar próprio da magia.

Unindo crenças de outras religiões e de outras denominações do cristianismo, a IURD fala à linguagem que o povo sabe e quer ouvir. A IURD crê e ensina a crer naquilo que o povo acredita, não obstante a maioria dos pastores dessa igreja não se diferenciarem da grande massa que a compõe, principalmente no que tange à escolaridade, que é baixa, e ainda mais, a preparação para o sacerdócio se resume a um curso rápido de seis meses, resta a eles imitar seu líder que tem o monopólio teológico da IURD.

O principal produto ofertado pela IURD, dentro de uma lógica de mercado de bens de salvação, é a sua Teologia da Prosperidade, que resolve os problemas dos homens, primeiro lhe esclarecendo, que ele foi criado para ser próspero em todos os sentidos. Segundo, lhe convencendo de que a prosperidade é um direito seu, e que Deus não quer que ninguém viva na miséria. Simbolicamente os rituais de exorcismo reproduzem os conflitos sociais, exorcizando reordenam o caos causado pela serpente, o grande dragão, dando significado ao real, a identidade.

3.2 Copiando o que é dos outros.

Alguns pastores e muitos membros da AD têm incutido práticas híbridas nas igrejas. São novas formas de manifestação do sagrado observado em rituais. São novas simbologias, que se dão com novas linguagens e metáforas bíblicas. Além de novas mediações entre o leigo e Deus, novas relações entre a bênção e a fé. Essas práticas não eram vistas na AD de tempos atrás.

Uma das características do novo pentecostalismo que podemos observar, é a constituição de uma identidade porosa, na qual há espaços para inserção de práticas e crenças, que vão desde superstições locais e regionais, mediações rituais, até de crenças semelhantes as da Nova Era. Há também um afrouxamento do laço social que proporciona uma maior participação na cultura secular envolvente.

Os teólogos que escrevem para a revista da Escola Bíblica Dominical, bem como de outras publicações evangélicas, denunciam as práticas sincréticas na igreja, chamando-as de modismos, e as crenças tiradas de outras tradições religiosas de heresias. Por modismo, queremos nos valer do significado que o dicionário Aurélio nos fornece, qual seja: *Aquilo que está em moda, tendo, portanto, caráter efêmero*, e heresia: *Idéia ou teoria contrária a qualquer doutrina estabelecida* (FERREIRA, s/a).

São poucos os assembleianos que admitem haver sincretismo na AD, assim como o diabo sempre é os outros, sincréticos são os outros. Os pentecostais assembleianos possuíam uma cultura própria, eram ritmos musicais, costumes, crenças, teologia, mensagens de púlpito e ênfases evangelísticas próprias. Se em um primeiro momento o pentecostalismo estruturou uma identidade contrastiva de total ruptura com outras tradições religiosas, mais especificamente com o catolicismo, hoje é possível observar um processo difuso de homogeneização da soteriologia religiosa brasileira, também presente na AD.

A palavra sincretismo é uma palavra que ainda incomoda, ela própria soa pejorativamente como uma coisa suja, ou seja, que está em lugar errado, uma heresia que não devia estar misturado ao sagrado. O sincretismo de ação dos atores sociais religiosos, se

tornou categoria de análise. Outro grupo crescente no Brasil resiste ao uso de tal categoria pelo lastro de dominação que historicamente a legitima, pelo uso ideológico que dela fizeram as elites e as ortodoxias e pelo caráter estigmatizante que acabou assumindo (SANCHIS, 2001, p. 09).

Em uma imagem comum, e como categoria de análise, o sincretismo é pensado como uma chave que abre a compreensão da religiosidade popular ou leiga, em oposição a uma religiosidade oficial. A palavra tem um sentido positivo em seu aparecimento. Na ilha de Creta, ao sul da Grécia, havia grupos rivais que sempre brigavam entre si, mas quando toda a ilha se via ameaçada por um inimigo externo, os Cretenses se uniam para combater o inimigo comum, era o *sin-cretismo*, união do povo cretense. Tinha assim o sincretismo um sentido político (CANEVACCI, 1996, p. 15).

Ao passar para um sentido religioso, se transformou em uma coisa “feia”, “indesejável”. O sincretismo religioso, mais conhecido de nós brasileiros, se deu quando da vinda dos negros africanos, para servirem de mão-de-obra escrava ao sistema de monocultura extensiva. Os africanos em seus países de origem possuíam suas religiões, e se serviam de um considerado panteão de deuses, na sua maioria ligados a fenômenos da natureza.

Os escravos, para manter suas crenças, maquiaram seus deuses em santos católicos ou ainda como resistência a um sistema opressor, resolveram perpetuar suas identidades, de homens livres, é até mesmo de reis e príncipes, utilizando a religião de seus opressores, ou ainda tiveram que adotar na íntegra a religião dos colonizadores. Para a coroa portuguesa não era somente uma questão de cristianizar o negro, mas de subordiná-lo mais facilmente, pelo enfraquecimento ou negação de sua religiosidade. Dominando sua forma de pensar o sagrado e assim subordinando sua cultura, mais facilmente dominariam suas mentes e corpos.

A religião do negro africano representava uma ameaça ao branco europeu, uma vez que se constituía em um fator de coesão e sociabilidade, e desta coesão e sociabilidade poderiam surgir formas de organização propiciadoras de revolta e motins.

Canevacci (1996), antropólogo italiano, em seu livro, “Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais” elege o sincretismo como uma ferramenta

metodológica, para entender as transformações que estão se dando nos processos de globalização e localização, transformações típicas de uma sociedade pós-moderna. Estas transformações são visíveis pelo aprofundamento, ou exacerbação de características postas na modernidade, como por exemplo, o descentramento, o deslocamento e a contingência. Este autor afirma que as transformações proporcionadas pela globalização arrastam os modos tradicionais de produção de cultura, consumo, comunicação de um contexto feito de arrancadas e confusões, que Canevacci prefere chamar de *desordem comunicativa* (CANEVACCI, 1996). As análises deste autor terão importância neste trabalho pelo seu conceito de sincretismo mais abrangente.

O sincretismo refere-se –quer como processo, quer como resultado - a todos os níveis dos sistemas socioculturais de tipo voluntário e coercitivo, explícito e implícito, inovador e renovador. Ele diz respeito àqueles trânsitos entre elementos culturais nativos e alheios que levam a modificações, justaposições e reinterpretções, que a cada vez podem incluir contradições, anomalias, ambigüidades, paradoxos, erros (CANEVACCI, 1996, p. 22).

Este conceito pode ser usado tanto para o sincretismo religioso como para o cultural, ele é aberto, não se fecha, é ambíguo, retrata um momento atual e contingente. O autor exacerba as conseqüências do sincretismo, afirmando que “*o sincretismo atropela, dissolve e remodela a relação entre os níveis alheios e familiares, entre níveis da elite e da massa das culturas contemporâneas*” (ibid., p. 13).

Afirma-se que o pentecostalismo clássico era contracultural, produzindo sua própria cultura, que representou uma forma de resistência à dominação da cultura religiosa e secular envolvente. Atualmente os assembleianos estão cada vez menos contraculturais, como afirmou Mariano, eles podem ser considerados como um grupo que aos poucos vão se adaptando a uma cultura social, política, econômica, artística e musical, envolvente, da cultura do brasileiro, e de uma cultura global.

Alguns fatores que propiciaram o afrouxamento do laço foram: a conversão de pessoas e de famílias pertencentes à classe média, a oferta cultural global de estilos de vida, principalmente a musical, midiático e tecnológico, também o trânsito religioso, fatores que acabam forçando o afrouxamento dos mecanismos de controle, modificando os sinais de pertença, assim como os símbolos de identidade religiosa.

Ao ser constatado o sincretismo, vem à tona outra questão complicada, como o da busca da pureza, pois autores podem cair em armadilhas ao tentar analisar e compreender o sincretismo enquanto troca de conteúdos antagônicos. Para Canevacci o sincretismo é um processo que se dá, entre outras coisas, pelo trânsito entre idéias. Um dos fatores que contribui para o processo de sincretização no pentecostalismo é o trânsito de membros entre as igrejas do pentecostalismo, e destes com outras religiões e tradições.

Mariano (1999) argumenta que o sincretismo das Igrejas neopentecostais é proposital, que não é feito de forma inocente. Ao descrever as práticas sincréticas da Igreja Universal afirma que esta se aproveitou de símbolos, que com o tempo foram se misturando na mentalidade dos brasileiros, fazendo estes parte do que foi convencionado chamar de matriz religiosa brasileira.

No afã de tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religioso brasileiro, a Universal incentiva relação de troca com Deus, promete bênçãos, milagres, poder e autoridade divinos para combater o mal e “acata” o panteão dos deuses das religiões inimigas [...] Com isso, rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas dos adversários. Tal reapropriação sincrética é intencional, estudada, encerra claro propósito proselitista. A liderança da igreja tem plena consciência da eficácia dessa estratégia. Há até mesmo quem explicita de modo apurado, o que revela seu caráter pragmático, para não dizer claramente manipulativo. (MARIANO, 1999, p. 135).

Ricardo Mariano ao fazer uma análise sociológica do novo pentecostalismo, percebe práticas mágicas amalgamadas no seio evangélico. Estas novas práticas e métodos, tidos como rituais mágicos, estão sendo cada vez mais contestado por teóricos da Assembléia de Deus, que alertam para o cuidado que pastores e membros devem ter, para não assimilarem essas práticas, que apontam para um afastamento cada vez maior do “verdadeiro evangelho”.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) ao analisar a identidade e a diferença, descreve também aquilo que subverte a identidade. O sincretismo seria um fator que contribuiria para subverter a identidade. “*A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas*” (SILVA, 2000, p. 88). Esta afirmação está ligada ao processo de diáspora dos povos africanos. Canevacci (1996) afirma ser o sincretismo um produto inevitável da diáspora. “*A diáspora é*

a mãe do sincretismo” (CANEVACCI, 1996, p. 8). No Brasil o sincretismo se tornou um dom. O sincretismo é um componente da Matriz religiosa brasileira, muito bem trabalhado pela Igreja Universal.

Pierre Sanchis (2001, p. 19) afirma que o sincretismo brasileiro faz outras tradições religiosas vindas de fora, se moldar a este aspecto que já compõe o modo de significar a religião no Brasil, cita uma fala de Anaisa Vergolino em um depoimento oral, de 1997, onde esta antropóloga afirma o seguinte “*mais pesquiso, mais me parece que a grande matriz religiosa brasileira é o catolicismo*”, na continuação da nota de rodapé está a idéia de Bitencourt (1996, p. 45): “*a matriz religiosa brasileira constitui um substrato religioso cultural mais amplo que o cristianismo*”. (BITENCOURT, *ap* SANCHIS, 2001, p.19).

Nas análises sobre o sincretismo, diversos autores desdobraram o significado da palavra, assim temos os termos sinônimos ou espécie de sincretismos: empréstimo mistura, justaposição, colagem, hibridismo, bricolagem, etc. Na Assembléia de Deus, o trânsito¹¹² religioso, proporcionou o empréstimo. O sincretismo na AD se constitui nos empréstimos de idéias, crenças, linguagens, rituais, e até formas de êxtases, como o sapateado.

A AD, não poderia escapar a um processo de sincretização. Com a chegada das igrejas da segunda onda pentecostal, mas especificamente a Igreja do Evangelho Quadrangular, iniciou-se um processo de empréstimos de rituais, crenças e linguagens. A assembléia de Deus, sobretudo, tomou de empréstimo a musicalidade da IEQ com ritmos marcados pela guitarra e bateria, a prática de realizar novenas. Copiou componentes culturais como a apresentação de grupos coreográficos em cultos, o sapateado, que na assembléia de Deus recebeu o nome popular de “reteté”.

A Igreja do Evangelho Quadrangular, ao chegar ao Brasil logo percebeu que deveria utilizar os símbolos cristalizados da religiosidade popular. Assim tomou de empréstimo do catolicismo popular uma devoção mais ligada ao espaço da igreja, onde o sagrado se manifesta, onde as coisas acontecem. As práticas do catolicismo adotadas pela IEQ foram entre elas: as novenas, as palmas ritmando as canções, a fórmula de iniciar da oração em “nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” e as repetições de orações, como a oração da prosperidade, mas próximo de uma reza supersticiosa, para afastar o mal e a

¹¹² O trânsito religioso é comum, em um país onde se mistura monopólio com mercado.

miséria, semelhante às rezas no catolicismo. Além de um culto à personalidade, dirigida a seus missionários, semelhante à devoção católica aos santos, e as representações do imaginário católico em relação ao papa que é pensado como representante de Deus na terra.

As campanhas na IEQ são chamadas de novenas com os mesmos sete ou nove dias característicos do catolicismo popular, a IEQ comemora ainda a Semana Santa, com as mesmas designações dos dias. Marga Rothe, em seu trabalho de 1998, já havia percebido formas sincréticas do pentecostalismo quadrangular com o catolicismo popular, além da Teologia da Prosperidade e da Confissão Positiva.

Na AD as novenas receberam uma nova roupagem, foram re-significadas, passando a se chamar Cultos de Campanha.¹¹³ Consiste em freqüentar nove ou sete terças feiras para que a benção ou a graça seja alcançada, a linguagem empregada é a mesma do catolicismo, os assembleianos falam em “correntes”, se o pentecostal faltar um dia, dos sete ou nove, que são estipulados, a corrente se quebra, e a benção não será alcançada.

As campanhas deixaram de ser executadas por um tempo, na AD, mas até o final desta pesquisa percebemos que esta prática voltou com força total. Até o início de 2006 em Belém do Pará, as campanhas estavam quase que restritas aos bairros periféricos, como os de Canudos e Terra Firme. Em uma AD, da terra firme, as quintas feiras são realizadas campanhas com diversos temas, como “Amarrando o Valente”, alusão ao “ta amarrado”. Nesta pequena congregação quase todos falam em línguas estranhas e praticam o cair no Espírito Santo.

Num dos dias de campanha na Igreja da Terra Firme, um jovem pregador ex-macumbeiro, relatou que chorou na barriga da mãe, sinal que diz que tal pessoa terá poderes¹¹⁴ diversos, como o de cura. Afirmou que o diabo havia o enganado levando-o para a macumba, ao se converter descobriu que foi Deus que o fez chorar na barriga da mãe, dando lhe poderes desde o seu nascimento. O pregador em sua compreensão do fenômeno de chorar no útero da mãe sincretizou idéias, uma vez que na pajelança cabocla os caruanas,

¹¹³ A campanha como tipo de sincretismo com o catolicismo e outras práticas, a muito é denunciada por um pastor chamado Rives Lopes da AD em Belém, que não conseguimos localizar para uma entrevista.

¹¹⁴ Nos trabalhos do antropólogo Heraldo Maués (1990, 1995, 2000), e segundo o relato de seus informantes os caruanas fazem o pajé adoecer, e este oferece curas, a quem os procura. No caso do jovem pregador, em seu relato afirmou que seus caruanas eram procurados para provocar doenças e outros feitiços nas pessoas (sic).

espíritos, não é Jeová, e mais, durante a pregação e oração, ele fazia gestos como, projetar o corpo para frente com as mãos para trás flexionando totalmente o tronco, ou passando a mão no chão imitando, como que com um facão cortasse algo, ou flexionando o tronco com os braços para trás e as mãos espalmadas para cima abanando-as como se fossem asas. Gestos pouco usuais em pregadores, talvez os tenha aprendido em sua passagem pelos cultos afros.¹¹⁵

São nas campanhas que mais podemos perceber os sincretismos na AD, com alguns rituais mágicos. Nesta programação é permitido levar fotos dos familiares enfermos, carteiras de trabalho de desempregados, e roupas de enfermos ou desempregados. Sobre esse material é feita uma “oração forte”¹¹⁶ para provocar uma magia simpática. Em outra igreja observamos cadernos de vestibulandos serem levados, estes rituais poderia garantir ou influenciar na promessa de bênçãos e vitórias a serem alcançadas.

Práticas como ungir¹¹⁷ e orar por objetos, como os dos materiais do culto, chaves de casas, automóveis etc. se assemelham à prática de benzer da igreja católica, alguns objetos benzidos, ou unguídos servem como mediadores para a fé como o óleo ou o lenço unguído distribuído em algumas congregações. Os objetos materializam a fé tão difícil de ser crida.

Não, em si mesmo não. Nada disso tem. Isso é apenas meio de contato, a fé é em Jesus [...], mas às vezes nos fazemos alguns atos, que nós chamamos de atos religiosos. Vou te dar um exemplo: Jesus quando curou o olho de uma pessoa, ele cuspiu no chão aí colocou no olho para ser lavado. A bíblia não diz por que ele fez isso. A minha avaliação de experiência é que em cada pessoa existe um método. Ele poderia ter curado imediatamente aquele olho? Claro que poderia. Então por que ele fez isso, vai te lava e tal? É porque especificamente aquela pessoa precisa de uma percepção concreta de coisas para expressar sua fé. Tem gente que é assim, tem gente que se você disser ta curado ela absorve aquilo. Tem pessoa que diz me unge, pois ela acredita que é através desse ato. Por exemplo, Naamã procurou um profeta e disse eu estou com lepra, ele disse vai e te banha sete vezes no Rio Jordão. Por que ele disse sete, por que não três não quatro? Por que ele não curou logo? Significa que agora nós vamos

¹¹⁵ A cunhada deste autor, evangélica, relatou que em uma igreja, na cidade de Paragominas, um irmão “muito usado nas mãos de Deus (sic)” chupava a doença das pessoas, e em sua boca vinha ensangüentada a enfermidade.

¹¹⁶ Este termo é usado para indicar a ênfases nas palavras do oficiante, com técnicas de entonação da voz ou voz embargada e chorosa, gestos, pulos, agachamentos, batidas de pé no chão, e caretas diversas.

¹¹⁷ É bem verdade que houve uma ordenança de Moises para que os sacerdotes Hebreus ungissem os objetos do templo.

mergulhar sete vezes no Jordão? Não. Significa que aquela pessoa precisava passar, talvez, pelo um processo de humilhação. Aquele ato em si foi salutar. Então o que digo: muitas vezes esse negócio de óleo, sal, de não sei quê para determinados grupos de pessoas precisam disso. Você tem de dizer Jesus te cura, mas a pessoa quer o sal pra levar talvez por causa de toda uma história ou talvez por que a pessoa é assim mesmo. Tem outros não, que tem o coração de fê, que dizem que não precisam de nada disso, que não precisam de moeda da sorte, que não precisam de não sei o quê (Pr.Cláudio Pires, titular do Vale da Benção).

Na IEQ, na AD e no catolicismo popular, observamos leigos que crêem em superstições diversas, como: a de que a leitura do salmo 91 livra a pessoa de qualquer mal, ou a abertura da Bíblia neste salmo possa guardar a casa. Outra passagem bíblica é usada para efeitos mágicos: o salmo 23, se lido três vezes antes de sair de casa trás proteção, superstições como o de que braços cruzados impedem a benção chegar, pois assim se estaria trancando ou fechando o corpo.

Em algumas reuniões de grupos jovens, ensaios de corais e bandas, na AD, que visitamos, na hora de uma pequena mensagem, alguém é escolhido para ler uma passagem bíblica e explanar por alguns minutos o que compreendeu do texto, geralmente outros contribuem na pequena prédica. O jovem escolhido tem que abrir a bíblia, e no exato local onde sua vista der, ali deve ler, sem antes ter lido o texto em casa durante o dia ou na semana. Os jovens, apesar de quererem ser modernos, acreditam que a bíblia é a palavra de Deus, assim onde quer que haja um escrito bíblico ali é Deus quem esta falando.¹¹⁸ Certo dia em uma reunião de ensaio do conjunto coral de jovens, um deles foi escolhido para ler uma passagem, ele abriu a bíblia onde havia um papel marcando, e os jovens disseram que não valia, pois Deus teria de falar naquele exato momento o que eles precisavam ouvir. É comum no neopentecostalismo o uso da Bíblia como livro de oráculos e suas centenas de versículos seriam espécies de búcios, ou cartas de tarô.

Copiadas, estas práticas das diversas tradições religiosas, o pentecostalismo sincrético acaba separando o leigo do intelectual ou teólogo da CPAD. Os leigos, ou aqueles mais próximos às massas empobrecidas, são também clientes de outras igrejas. Os leigos estão mais próximos a crenças simpáticas e mágicas. Weber, em Ensaio de Sociologia

¹¹⁸ Os jovens da AD costumam ler livros de auto-ajuda. Esses ao serem indagados sobre o assunto, afirmaram que esses livros citam muitas passagens bíblicas.

(1963), afirmou que a magia está muito próxima das camadas menos intelectualizadas da população.

A magia representa uma resposta mais imediata às dores do povo, ela aconselha, diz como deve ser a ação no mundo, dos que dela se utilizam, ela descobre coisas do passado e prediz o futuro. Práticas mágicas afastam as igrejas pentecostais da herança do protestantismo. O protestantismo com os primeiros puritanos combateram toda forma de magia, chegando a radicalizar, proibindo qualquer ritual fúnebre de seus seguidores (WEBER, 2002, p. 80). Os pentecostais em sua manifestação mais presente no Brasil, desde o início buscou afirmar sua identidade por contraste, ou seja, *“num primeiro momento, foi seu caráter de ruptura com as tradições religiosas brasileiras que marcou sua visibilidade”* (SANCHIS, 2001, p.14). Atualmente o pentecostalismo clássico torna-se quase que indistinguível do neopentecostal.

No Vale da Benção, é possível observar todos os sincretismos possíveis. O Vale da Benção está localizado a Augusto Montenegro Km 03,¹¹⁹ 1802. A construção em alvenaria tem arquitetura semelhante a uma tenda, com capacidade para 2000 pessoas sentadas. Os obreiros usam uniforme e há cinco reuniões diárias. O formato de tenda e o uso do uniforme são usos copiados da IEQ. Quanto às reuniões diárias em vários horários copiaram da IURD.

O Vale da Benção tem seu próprio Boletim Informativo, nele estão contidas as programações, que são as seguintes: segunda feira: Restauração Espiritual; terça feira: Guerreiros e Guerreira de Deus; quarta feira: Corredor dos Milagres; quinta: Reunião dos Empreendedores; sexta feira: campanhas diversas, com temas como: "Minha Família no Altar de Deus"; sábado à noite: "Noite da Glória"; domingo: Escola Bíblica e o culto de celebração à noite.

Na quarta-feira, assim como nos demais dias da semana, são muitas as pessoas que, ao final do dia operoso, acorrem para o Vale da Benção. Cansadas, o que se pode ver nas feições. Como na maioria das igrejas o que predomina são mulheres. Verifiquei que uma irmã ainda estava de crachá da empresa em que trabalhava, outra com uniforme da empresa "Panamá". Aos poucos as pessoas vão chegando ao Vale, crentes membros e flutuantes. No Vale da Benção, há uma música, de

¹¹⁹ Augusto Montenegro Km 03, 1802 – cep 66000.00 –Belém Pará/ e-mail: valedabenção@uol.com. br.

fundo, tocada no órgão, executada antes do culto, criando um ambiente agradável, a música recebe os irmãos. Uma mulher, antes de começar o culto, se levanta do banco e se dirige ao púlpito com um bilhete na mão, o deixa sob o altar, ou seja, debaixo do púlpito em forma de torre. Esse bilhete se soma aos demais que ali estavam, aliás, soma aos demais pedidos do dia todo. Portanto, ali no altar há várias necessidades e, com certeza, o Círculo de Intercessão irá orar em prol de cada bilhete. A reunião inicia, e o diácono faz uma breve oração, não de joelhos, mas em pé, possivelmente compensando o atraso de dez minutos do culto. Logo em seguida ele convoca os irmãos a baterem palmas para Jesus. Dificilmente, um cliente não se identifica com algumas necessidades citadas na oração do diácono. Ele apresenta os enfermos, os que têm depressão, os desviados e os que estão à busca de uma “porta” de emprego. Ele afirma que hoje é dia do milagre, da solução dos problemas. Uma espécie de “pare de sofrer!” Iurdiano. Termina convidando mais uma vez a igreja para uma salva de palmas para Jesus. Como qualquer liturgia assembleiana, entoam-se hinos da harpa cristã (175 e 193). Enquanto isto a Igreja continua a encher de pessoas de vários tipos. Hoje é o dia do “Corredor dos Milagres” (Diário de campo, dia 06/02/08. Vale da Benção).

Se o pietismo se esforçou por retirar todos os rituais mágicos do protestantismo, as práticas neopentecostais trouxeram de volta os rituais, no caso da IURD muitos foram inventados. No Vale da Benção há uma programação chamada Corredor dos Milagres, copiado da IURD, ocorrem as quartas feiras e tem a seguinte dinâmica:

Os obreiros em fila saem de trás do templo, perto do púlpito eles se dividem de forma ordenada, fazendo um círculo ao redor dos bancos, isto é feito no início da mensagem oficial, quando essa está perto do fim, eles formam duas filas no corredor principal, este é o corredor que dá para o púlpito. De forma sincronizada, eles entram abeirando os bancos, são dez obreiros de cada lado do corredor. Eles se posicionam de forma alternada estrategicamente pré-definida, ou seja, uma mulher de frente para um homem, desta forma totalizam-se vinte, as vezes 10 homens de um lado e 10 mulheres do outro. O Pastor fez questão de frisar que estes estavam em jejum e oração durante o dia todo. Todos os obreiros, pastor e auxiliares, sem exceção, usam camisa branca (ou blusa, no caso das irmãs) e calça escura (ou saia, no caso das irmãs). Um uniforme ao caráter do dia.

Em seguida, os crentes são convocados a passarem pelo “corredor dos milagres” a partir da entrada do corredor que dá para a rua, formando também duas filas. Depois de todos passarem, os homens e obreiros seguem para um lado, e as irmãs e obreiras concomitantemente para o outro, de modo que os obreiros façam um semicírculo, com os membros dentro dele. Com esta formação inicia-se novamente um forte clamor, puxado pelo Pastor, apresentando a Deus as necessidades dos irmãos ali presentes. Por fim durante a

oração, os obreiros e obreiras novamente fazem imposição de mãos, os obreiros nos homens e as obreiras nas mulheres. No final do ritual o pastor pergunta se alguém sentiu algo diferente da parte de Deus. alguns irmãos se manifestam, os quais outrora estavam com alguma dor, ou qualquer outro problema que aqui não vem ao caso.

Ilustração do Corredor dos Milagres. Os obreiros na cor vermelha, os membros em azul, de marrom o púlpito e os bancos.



O ritual do “Corredor dos Milagres” empréstimo da IURD, na AD vai além, pois tem toda uma representação teatral, na qual os obreiros são os mediadores da benção. O ritual é uma imagem simbólica de um corredor mágico, em que as pessoas entram com todos os tipos de problemas, e saem com os problemas resolvidos, entram como velhos homens e mulheres e saem renovados.

No Vale da Benção, além desse ritual há ainda o uso de práticas mágicas, que não fazendo parte do script são realizados pelas “Guerreiras de Oração”, grupos de mulheres, fardadas com uma roupa metade camuflada, como em um exército. Essas irmãs praticam alguns rituais que não foram confirmados pelos pastores e pelos obreiros homens. Um exemplo é o uso do sal grosso, muito usado na IURD e na IEQ. Quem quiser pode levar sal grosso, elas oram consagrando o sal, que pode ser depois usado na cozinha ou jogado pela casa, as pessoas podem também levar água, onde esta recebe, pela oração, poderes mágicos de operar a cura. Outros materiais podem ser deixados com essas senhoras por uma quantidade de dias, de acordo com o propósito¹²⁰ do proponente.

¹²⁰ Propósito em linguagem pentecostal é o ato de propor uma espécie de promessa, que se alcançada tem que ser paga, geralmente em formas de ofertas.

3.3 A Teologia da Prosperidade.

A Teologia da Prosperidade tem sua base filosófica construída no sincretismo de diversas crenças. Tudo começou com Phineas Quimby (1802-66) que formulou a filosofia do “Novo Pensamento”. Quimby teve como base para suas idéias o espiritismo, o ocultismo, a hipnose e a parapsicologia. O Novo Pensamento (New Thought) deu origem às “Seitas Metafísicas”, uma delas a “Ciência Cristã”, foi formulada por Mary Baker Eddy, que foi influenciada, e curada por Phineas Quimby.

Mary Baker Eddy influenciou Essek Willian Kenyon (1867-1948). Kenyon era escritor, foi pregador batista, metodista, e pentecostal. Foi um dos pioneiros do televangelismo. Ele foi pastor de diversas igrejas na Nova Inglaterra e fundou o *Instituto Bíblico de Dudley*, Massachusetts. Em 1923, fundou a *Figueroa Independent Baptist Church* em Los Angeles. Este pregador itinerante tinha como ênfase a cura divina e a confissão positiva (MARIANO, 1999, pp. 151,152), Kenyon nunca pregou sobre prosperidade, mas suas idéias sobre o pensamento positivo e poder das palavras deram origem à confissão positiva no meio pentecostal.

A difusão da Teologia da Prosperidade está relacionada com a expansão do televangelismo. Quem difundiu a Doutrina da Prosperidade e a confissão positiva foi Oral Roberts, este criou o termo “vida Abundante”, passando a dar maior ênfase a tal mensagem a partir de 1954, quando ingressou na Tv. A concorrência entre os televangelistas, fez com que os custos dos programas aumentassem consideravelmente (MARIANO, 1999, p. 152). Com as despesas aumentadas, Roberts passou a solicitar contribuições e ofertas para manter o programa no ar. Prometendo a seus contribuintes, que Deus daria retorno centuplicado. Assim os televangelistas passavam boa parte da programação pedindo dinheiro.

Pressionados pelas despesas crescentes de seus projetos, que foram se tornando cada vez mais ambiciosos, os televangelistas refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à teologia, que, entre os anos 50 e 60, passou a absorver os ensinamentos de Hagin. Deste modo, as exigências econômicas do

veículo de transmissão da mensagem religiosa acabaram por integrar e, em parte, moldar o seu conteúdo (MARIANO, 1999, p. 152).

“Os adeptos do Novo Pensamento crêem que o pensamento cria e modifica a nossa experiência no mundo” (SOARES, 2006, p. 71).¹²¹ Os seguidores de Quimby criam no poder da mente, negavam a existência da matéria, negavam a existência do pecado, e afirmavam que as doenças não são reais. Estas crenças fazem parte de doutrinas orientais como a Seicho-no-iê, que ensina que o mal e o pecado não existem, e do budismo, que afirma que a dor não é real, que não devemos aceitá-la, e da Perfect Liberty, que ensina que o ser humano faz parte da divindade.

As crenças orientais estão amalgamadas a crenças difusas e sincréticas dos adeptos da Nova Era, e juntas com o pensamento positivo fazem parte de crenças esotéricas, que por sua vez, servem de base “filosófica”, também, aos escritos de auto-ajuda.

Na mesma época em que Oral Roberts propagou a confissão positiva pelas ondas do rádio, Kenneth Hagin anunciava incansavelmente a cura de enfermidades. Hagin foi curado aos 17 anos, era portador de uma doença rara no sangue e no coração. Segundo ele mesmo relata, em vários de seus livros, Deus revelou¹²² para ele o capítulo 11 e verso 23 do livro de Marcos, que diz “*porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crê que se fará àquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito*” (MARCOS, 11. 23).¹²³

A crença no poder da palavra, ou na confissão positiva, anunciada por Hagin, está baseada em uma leitura invertida. O texto bíblico diz que é a fé em Deus o princípio básico para fazer as coisas acontecerem. Hagin, em seu livro “A Fé Para Remover Montanhas”, afirma que temos que ter a fé do tipo de Deus. Segundo Hagin Deus teve que ter fé para fazer o mundo, assim pela fé em suas próprias palavras trouxe a existência todas às coisas.

¹²¹ Autor da Lição Bíblica do 2º trimestre de 2006 “Heresias e Modismos: combatendo os erros doutrinários”. Revista da Escola dominical editada pela CPAD, Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

¹²² No pentecostalismo, as revelações podem se dar por meio: da profecia, visões, audições do próprio pensamento de quem as têm; audições audíveis da voz de Deus; por meio da abertura da Bíblia em algum lugar qualquer; ou pela hermenêutica de uma passagem, capítulo, livro ou a Bíblia inteira; pela palavra do pastor, que vem do púlpito, ou ainda por uma palavra ou frase proferida por um irmão qualquer.

¹²³ Bíblia Sagrada Revista e Corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil.

Segundo Hagin, Jesus afirmou que devemos ter a fé do tipo de Deus. Ele se baseou em uma tradução alternativa onde no verso 22 de marcos 11, está escrito “*tende a fé de Deus*”.

A fé do tipo de Deus é o tipo de fé em que uma pessoa crê no seu coração, e então diz com a sua boca o que crê no coração. E Jesus explica que, neste caso, o que ele afirma pela fé. Este é o tipo de fé que Deus usou para criar os mundos no principio. Ele simplesmente creu que aquilo que Ele dissesse aconteceria, de modo que disse: “haja uma Terra”. E houve uma Terra. Então ele disse “Haja animais”. E houve animais. (HAGIN, s/d. p. 09).¹²⁴

Hagin argumenta que a fé tem que ser liberada através das palavras de nossa boca. Este pastor dizia que conversava pessoalmente com Jesus, uma forma de tornar suas idéias críveis. Segundo ele, Jesus e Deus lhes falavam de outras formas, como na revelação de Mc 11.23. Assim foi o próprio Jesus quem lhe disse que deveria dar ênfase à palavra “disser”, no texto de Marcos, pois na passagem bíblica a palavra “disser” se encontra quatro vezes, ao passo que a palavra “crer” apenas uma. Hagin é confuso, hora diz ser a palavra o fator essencial para trazer a existência tudo o que se quer, outra, diz que é a fé. A solução para a confusão que Hagin faz, talvez esteja no fato dele afirmar que precisamos ter fé naquilo que dizemos, fé do tipo de Deus. A fé, então, não é em Deus, mas nas palavras ditas. Destarte fica resolvido o argumento do poder mágico das palavras, pois temos que depositar em nossas próprias palavras à mesma fé que Deus teve para fazer a natureza.

Em seguida Jesus me falou dentro do meu espírito: “você vai ter que pregar e ensinar três vezes mais a respeito da parte do ‘dizer’ do que da parte do ‘crer’, para levar as pessoas a verem esta verdade [...] examinemos marcos 11.23 de novo. Note que está escrito [...] e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz [...] trata-se de crer no coração que se fará aquilo que se diz [...] as coisas que você diz são palavras [...] Jesus completou suas palavras nesse versículo, dizendo [...] tudo o que disser lhe será feito. O que Jesus disse que seria feito para você? Aquilo que você creu? Não. Muitas são as pessoas que dizem se eu crer suficientemente que vou receber algo, assim acontecerá. Mas, realmente, estão falando com incredulidade (HAGIN, s/d, 97)”.

¹²⁴ A fé para remover montanhas.

A crença de que as palavras têm poder é o principal pressuposto para a confissão positiva. O poder das palavras podem ser usado tanto para gerar positividade, criando realidades materiais, para o conforto e luxo do fiel, quanto para maldizer qualquer coisa ou pessoa. Os teólogos da prosperidade se baseiam ainda na passagem de Marcos capítulo 11, onde a historia relata que Jesus estando com fome foi até a uma figueira, para apanhar figos, quando viu que não tinha nenhum,¹²⁵ mandou a figueira se secar, e foi o que ocorreu. Segundo esses teólogos Jesus amaldiçoou a figueira. Mas para que a coisa se concretizasse Jesus teve que falar em voz alta. Ele então confessou negativamente. Na passagem bíblica Jesus manda que a figueira seque, mas não usa a palavra maldição, quem disse que ele a amaldiçoou foi Pedro.

A crença nas maldições é tipicamente neopentecostal. Esta crença influencia o crente fazendo com que eles acabem acreditando em mau agouro, e em agoureiro. Os pentecostais exageram a crença em maldições acreditam que qualquer palavra negativa possa se transformar em maldição concreta. Até mesmo em uma relação inevitável de causa e efeito, eles tentam eliminar o resultado através do abracadabra, que é o “Ta amarrado”, por exemplo, se alguém disser a um deles: “se você dirigir sem cinto de segurança vai ser multado”, logo pensam que estamos o amaldiçoando, ou agourando; ou ainda se dissermos a seguinte sentença: “se você cuspir para cima pode cair em seu rosto” podemos ouvir também um “Ta amarrado”, muito usado para qualquer coisa que para eles pareça negativo, para eliminar a relação inevitável da lei da física, que diz que para toda ação há uma reação de igual força. Para o pentecostal que professa essas crenças, a coisa não acontece pela inevitabilidade das leis físicas ou de um país, mas porque nos a confessamos negativamente.

Jesus fala isso né. Jesus fala que não da pra vencer o valente sem primeiro entrar na casa, manietá-lo [...] é amarrá-lo. É o que eu digo, tudo é essa [...] quando você vê um texto bíblico, pega este e amplifica, então o que te digo, quando a gente fala por traz dessa afirmação, o que a gente quer dizer “ta amarrado”. Se o contexto é que Jesus, ele amarrou o valente, ou que seja amarrado, nesse caso, acho que tem sentido. Só que usamos isso tão largamente hoje que perde a essência do que Jesus quis dizer né, mais ou menos isso (Pr Cláudio Pires do Vale da Benção).

Só como força de expressão. Melhor repreendê-lo e expulsá-lo (Samuel Câmara).

¹²⁵ Não era tempo de figos.

Este é um chavão, é uma força de expressão, pela palavra você pode conseguir tudo, a palavra em si ela se apodera, ela tem poder. Talvez não para amarrar, essa questão é puramente figurada, mas de repente tem (Pr Ageu, que dirige o culto do corredor dos Milagres).

A teologia da prosperidade prega que o crente pode alterar realidades por meio da palavra proferida com fé [...] era um lugar comum das obras do Novo Pensamento assinalar que os homens criavam a riqueza, a saúde e a felicidade mediante a prática de uma higiene mental. Mediante o pensamento os homens manipulariam suas próprias circunstâncias e o mundo. Essa crença parece estar na raiz de parte da literatura esotérica e de auto-ajuda que invadiu os EUA, a Europa e o Brasil nas últimas décadas [...] Por indicação da professora Dr^a Maria Lucia Montes, verifiquei semelhanças entre a teologia da prosperidade e o esoterismo exposto no livro *Alegria e Triunfo* (com primeira edição recheada de citações bíblicas). Do escritor Lourenço Prado, morto há vários anos, que dirigiu o Centro Esotérico de Comunhão e Pensamento. É impressionante a similitude de doutrinas da Teologia da Prosperidade com as do autor paulista, baseados em trabalhos esotéricos norte americanos (MARIANO, 1999, p.153).

A confissão positiva só funciona se a pessoa confessar em voz alta. Hagim argumenta que em Mc 11, 23 Jesus não disse “qualquer que pensar” mas, “qualquer que disser”. Macedo prega o mesmo. Destarte, para os teólogos da prosperidade foi o próprio Jesus quem lhes ensinou a Doutrina da Prosperidade material, Macedo afirma que é Deus quem deseja que o homem seja muito rico.

[...] O grande poder da fé, consiste em trazer a existência às coisas que não existem; tudo o que nossa boca determinar será feito; a partir do momento em que a pessoa investe na fé, toma posse da autoridade divina para determinar tudo aquilo que deseja e quer (MACEDO, *ap.* Mariano, 2003, pp. 242-243).

RR.Soures¹²⁶ fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, escreveu um livro intitulado “Os Segredos para a Vitória” (2001), plagiado do livro de Hagim “A Fé Para Remover Montanhas”. Soares difere de Hagim ao criticar o pensamento positivo (SOARES, 2001, p. 103), mas se contradiz quando confirma a necessidade de dizer o que se quer em voz alta, para Soares dizer o que se quer, é uma ação, ele argumenta que o ato de dizer, falar, é uma obra, não basta ter fé tem que fazer obras, falar é uma ação uma obra. “*Sem a ação de*

¹²⁶ Saiu da Igreja Nova Vida para junto com Edir Macedo para fundar a IURD. Nos três primeiros anos RR. Soares era o principal pregador desta igreja.

dizer, a fé é praticamente inútil” (SOARES, 2001, p. 67). Soares critica a IURD pelo pesado fardo das ofertas (ibid: 34-35), e critica ainda a maldição hereditária.

Porém, Soares segue os princípios básicos da Teologia da Prosperidade, que é confessar em voz alta, crer que a coisa já foi disposta em um plano espiritual, por Deus, mas que somente é liberada pela força da palavra. Também é adepto da idéia de que o pentecostal tem que determinar, exigir de Deus, tomar posse da benção, e agradecer aquilo que crente já recebeu, apesar da coisa não estar ali visivelmente. Ele afirma que temos que crer naquilo que dizemos, temos que crer no poder de nossas palavras. No programa deste pastor pela Rede Bandeirante canal 13 de Belém, em horário nobre, ele não faz referência à fundamentação teológica da confissão positiva, mas é possível perceber em seus livros.

A quarta atitude em direção à vitória nos informa que temos de crer naquilo que dizemos. Se afirmarmos algo, é porque a palavra nos ensina que aquilo é nosso e, assim, estamos cumprindo o primeiro segredo, que é crer em Deus e agir na palavra. O quarto segredo nos ensina a crer em nossas palavras (SOARES, 2001, p.139).

Nas entrevistas, com os membros da AD, ao perguntar sobre Teologia da Prosperidade, a resposta esteve quase sempre dentro daquilo que os assembleianos pensam a respeito. Ou seja, os leigos pouco ou quase nada conhecem da Teologia da Prosperidade apesar de praticarem aquilo que é pertinente a ela. Alguns externavam opiniões conforme a idéia comum na AD, a de que todos têm o direito a viver uma vida digna e confortável. Assim o crente não deve fazer apologia à pobreza, mas também não deve desejar riquezas a ponto de esbanjar, esquecendo-se de Deus. Como afirmam; “o dinheiro não faz mal a ninguém, o que faz mal é o amor ao dinheiro”.

É outro conceito que eu acho desnecessário na Igreja, igual à confissão positiva. Eu acho, como tudo na bíblia a prosperidade, eu vou desconhecer o conceito, mas deixa eu falar sobre prosperidade, a prosperidade como todas as coisas na bíblia, as promessas, se consegue pela fé, por exemplo, ser curado. Por exemplo: por que todo mundo não é curado? Existem várias razões. Eu acho que a pessoa não acreditou, não creu, porque a pessoa não é salva? porque ela não acreditou. Neste caso eu sou meio luterano que acha que tudo se justifica pela fé, então a prosperidade, também, não é automática a todos os crentes. Na minha ótica Deus promete isso. Existe caso como isso na bíblia no Salmo 112 que diz assim: “prosperidade e riqueza na casa do justo”, independente da teologia em si, está escrito na bíblia. Então significa que ser crente é ser milionário? Nada disso. Mas

o que é prosperidade, prosperidade é você ter o suficiente para viver, para você ter dignidade, ter suas contas em dia. Como afirma em Eclesiastes: ‘nem ser rico e nem ser pobre (Pr Cláudio Pires, titular do Vale da Bênção).¹²⁷

Eu acho que o crente tem que ser abençoado. Eu acho que tem gente que só é uma bênção se ficar pobre. Eu acho que em determinadas ocasiões a doença traz muita bênção na vida de uma pessoa. Deus que direciona (Cláudio Pires).

Deus sempre quis que o seu povo fosse prospero, isto não quer dizer que agente não passe privacidade. O senhor Jesus nos ensina, que no mundo teríamos tribulações [...] tem gente que quer tirar as tribulações, e querer só bênção [...] quanto mais tesouros agente guardar aqui nessa terra, mais o coração da gente [...] quanto mais posses nos temos, mais ocupações nos temos com essas posses, e esquece o lá de cima, esquece a vida futura, e aí? [...] mas existem aqueles que adotam a prosperidade como primazia na sua vida [...] não você tem que ter carro novo [...] zerado [...] do ano, pra que? [...] há quem chegou comigo, pastores varias vezes que diziam, rapaz tu já devia estar num Eco Sport (Pr.Samuel Nascimento).

Acho certo, concordo [...] agora é como eu te digo, tudo o que é levado ao exagero é errado, as árvores grandes, elas só caem, por que elas estão acima das outras, se der uma corrente de ar, pega elas e derruba [...] toda teologia seja qual for [...] se ela tiver exagero, ela é errada [...] acredito num Deus que não quer agente mendigando, se Deus quiser agente mendigando, então eu largo ele, então eu acredito na Teologia da Prosperidade, mas sem exageros (Pr. Ageu, estudante de psicologia).

O exagero é o termômetro do pentecostal assembleiano. O que chamam de “não exagerado” explica também até onde vai a liberação dos usos e costumes. Em perguntas sobre isso, a maioria dos jovens falava em decência e ordem, reproduzindo os discursos dos pastores. Decência está relacionada a usos, e ordem está relacionado a costumes e rituais. Decência e ordem podem também ser o limite de praticas atuais, como a dança, o “reteté”, o cair no espírito, e uma infinidade de outras coisas.

Os pentecostais aprendem os discursos, e os repetem de forma surpreendente. Um exemplo disso está na questão da dança, todos sem exceção relataram o fato de Davi e Miriam terem dançado, no velho testamento. Em relação aos ritmos musicais todos relataram que foi Deus quem criou todos os ritmos, o diabo os teve por um tempo mas os pentecostais tomaram de volta. Muitos dos entrevistados davam respostas evasivas, talvez por temer fornecer respostas subjetivas, pensando que estariam falando mal da igreja, que eles têm

¹²⁷ Entrevista do dia 12/02/08

como instituição sagrada, ou por temerem estar falando mal de pastores, que acreditam serem ungidos do senhor, e por isso não serem passíveis a críticas.

A maioria dos jovens não soube responder sobre a teologia da prosperidade. Ao perguntar sobre a IURD, relataram o que já ficou cristalizado no senso comum, em relação às religiões brasileiras, citando o exagero no pedido de dinheiro.

Otávio Velho (1997, p. 53) aponta as relações sincréticas da pós-modernidade, percebendo as práticas de pentecostais com doutrinas da Nova Era e a literatura Esotérica e de auto-ajuda. A Teologia da Prosperidade pode ser entendida como um elemento religioso componente, resultante e legitimador de um mundo global, e de uma cultura, sociabilidade e ideologia pós-moderna.

Essa hipótese, se comprovada, emprestaria nova dignidade, por exemplo, à ênfase na prosperidade. A prosperidade seria sinal de uma libertação que se confunde com libertação prática, não ascética, da legitimidade da fruição dos bens mundanos, indicativa de uma benção e, mesmo, em certas circunstâncias, de uma aproximação - e eis outro dualismo da questão - entre o humano e o divino (VELHO, 1997, p.52).

Em uma das congregações do Bairro de São Brás observamos que muitos jovens lêem livros de auto-ajuda, ao serem perguntados sobre o que trazia esses livros, responderam basicamente a mesma coisa: “os livros dizem que o poder está dentro da pessoa, e que o sucesso só depende delas”, “você é um Deus”. Os jovens que lêem este tipo de literatura têm entre 15 a 25 anos. Em visitas as casas dos irmãos foi possível observar que possuíam livros de Hagin e de Benny Hinn, além de livros de Augusto Cury, autor que cita versículos bíblicos em seus livros de auto-ajuda, a citação de versículos bíblicos é suficiente para alguns autores conseguirem a confiança de alguns evangélicos. As crenças sincréticas na AD são resultado, também, da leitura desses livros.

Prosperar financeiramente, não adoecer nunca, decretar, exigir, não aceitar a doença, dizer que toma posse ¹²⁸ da benção na esperança que isso vá surtir um efeito mágico, amarrar o diabo ou qualquer ação material ou de pensamento negativo, etc. são linguagens e práticas, que cada dia mais, se tornam comuns nas Assembléias de Deus.

¹²⁸ Ter vitória, tomar posse da benção é o principal tema das mensagens de púlpito de algumas igrejas.

No Vale da Benção é clara a crença na prosperidade material, toda quinta feira há o Culto dos Empreendedores, onde podemos ouvir os diáconos prometerem restituição em dobro se o crente der tudo o que tem na carteira. No Templo Central há realização de campanhas também voltada para empresários. Em uma das congregações também adeptas, dessa prática, um auxiliar ao ser perguntado, se não seria uma discriminação realizar um culto específico para empresários, lojistas e pequenos comerciantes? a resposta foi que todos os membros deveriam participar, pois Deus queria que todos fossem ricos.

A busca da prosperidade no pentecostalismo, é elevada ao campo do simbólico, de forma natural, mas seu efeito tem que se dar no campo material. Os pentecostais tendem a transformar o real em simbólico e o simbólico em realidade material. A prosperidade é entendida enquanto um direito do crente. Ser próspero é envergonhar o inimigo é vencê-lo, derrotá-lo, amarrá-lo. A busca da prosperidade no pentecostalismo reflete o conflito entre as classes sociais que querem se beneficiar das possibilidades produtivas, ou seja, daquilo que o homem produz, do que a natureza e a tecnologia podem lhes oferecer. O conflito que se dá em um plano espiritual, qual seja, exorcizar o inimigo, e decretar a vitória financeira, é um reflexo do conflito social, da construção de uma realidade em oposição ao caos.

Os pregadores da doutrina da prosperidade, primeiro convencem o neófito de que ele possui um problema, se o problema for da ordem da estrutura produtiva, o causador é o diabo, e se for da ordem do psicopatológico o causador também é o diabo. O diabo é o devorador que veio para matar roubar e destruir. A receita para afastar o diabo, é dar as ofertas e sacrifícios à igreja. Este discurso é a forma de convencer as pessoas a doarem, ofertarem, oferecerem sacrifícios à igreja. O neófito pode se transformar em sócio de Deus, ele dá o dinheiro para a igreja fazer as obras de Deus na Terra, e Deus em troca lhe retribui em dobro aquilo que ofertou.

Na AD a prosperidade é pensada enquanto uma promessa de Deus aqueles que dizimam como diz no livro do profeta Malaquias 3,10 "*Trazei todos os dizimos a casa do tesouro [...] e fazei prova de mim [...] repreenderei o devorador para que não consuma o fruto da terra*". A Confissão Positiva é bastante viva na AD, e a Doutrina da Prosperidade, da forma como a entendem os neopentecostais é presente em algumas práticas e crenças, como nos cultos dos empresários, e nas crenças como no fato de os pastores pregarem que

quem não dá o dízimo atrai toda sorte de tribulações. Assim na AD a Teologia da Prosperidade é presente enquanto linguagens e crenças, mas não faz parte de seu conteúdo doutrinal.

Os intelectuais da igreja que escrevem para a EBD condenam a Teologia da Prosperidade e a confissão positiva, além de outras crenças sincréticas. O pastor presidente da AD em Belém, não a considera como Teologia, Samuel Câmara diz ser um modismo, forma de chamar as inovações e o sincretismo na AD.

Não considero como uma teologia. É antes de tudo um movimento uma onda, uma moda. Teologia é mais consistente e permanente [...] Acho que só vale à pena fazer e observar o que vem da Bíblia e agrada ao Espírito Santo de Deus [...] Graças a Deus que isso não é predominante, É exceção (Pr.Samuel Câmara).

3.4 A procura da Pureza Doutrinária.

Os intelectuais da AD são os teólogos e pastores, autores das Lições Bíblicas. Essas lições estão dispostas em uma revista com cerca de 64 páginas, editadas pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus, órgão diretamente ligado à Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Apesar das diferenças entre as congregações, sua base doutrinária tem de estar de acordo com as doutrinas impostas pela Convenção, que através de seu Corpo Doutrinário possuem e dominam o conhecimento teológico balizador das Doutrinas da AD, da mesma forma como na IURD Edir Macedo detém o monopólio do conhecimento teológico e da doutrina de sua Igreja. A diferença é que na AD são vários os autores, dos quais Antonio Gilberto é o principal.

Nas congregações a prédica, ou mensagem principal, parte mais importante do culto, é uma identidade que aproxima a AD do protestantismo advindo da Reforma, que tem a ênfase na palavra. Apesar de atualmente as mensagens pouco explanarem as doutrinas básicas do cristianismo. Durante esta pesquisa, e de anos de participação, não foi possível ouvir uma pregação a respeito da Salvação Pela Fé por meio da Graça, por exemplo. Não vem do púlpito, com frequência, qualquer pregação que explique sobre a Teologia do Batismo com o Espírito Santo, ou da Doutrina da Cura Divina e até mesmo da Trindade.

Outros assuntos são tratados na pregação, mas o mais visível é uma pregação neopentecostal, sem conteúdo, em que as palavras vitória, bênçãos e posses das promessas bíblicas são predominantes, ou seja, são mensagens que os pastores relacionam a prosperidade. Sem prejuízo das pregações do tipo lições de vida, baseadas nos apóstolos, com seus feitos e palavras, que são trazidos para os dias atuais. O tempo da prédica, que um dia variou de quarenta minutos à uma hora, reduziu-se a uma variação de 10 a 15 minutos, salvo quando vem pregador visitante.

O louvor tomou conta da maior parte do culto. Nas Assembléias de Deus têm: Conjunto Coral, Conjunto de Mocidade, Grupo de Louvor composto por jovens, Conjunto de Adolescentes, Conjunto Infantil, além de cantores locais, que são chamados para louvar.

No geral possuem vozes afinadas e ensaiadas, mas os louvores tomam a maior parte do tempo do culto, o que também é observado e criticado pelos autores da EBD.

A Escola Dominical, com suas revistas, é o mais importante meio para a discussão das doutrinas e de sua base teológica. Nela os leigos podem tirar suas dúvidas com relação a temas polêmicos, diferentes da pregação dos cultos à noite, no qual o discurso é um monólogo. É na EBD que os assembleianos conhecem as doutrinas da Igreja. A Escola Dominical funciona basicamente assim: após rituais iniciáticos,¹²⁹ é realizada uma hora de explanação do assunto das revistas, pelos professores, como são conhecidos. Esses são na sua maioria leigos, pouquíssimos fizeram um curso teológico com duração de um ano, do qual se orgulham e relatam ser este o único curso que possuem.¹³⁰ Poucos professores da Escola Dominical são bacharéis em teologia, licenciados em pedagogia, psicologia, filosofia e sociologia.

Semelhante a maioria dos brasileiros, os evangélicos da Assembléia de Deus não possuem o hábito da leitura, até a Bíblia é considerada pela maioria dos leigos, um livro penoso de ser lido na íntegra, funcionando atualmente, mais como um livro de oráculos com poderes mágicos, e cheio de promessas que alimentam o desejo de continuar dando sentido a vida. Alguns membros universitários são adeptos de leituras de auto-ajuda, de onde retiram crenças da nova era e da confissão positiva.

Partimos do pressuposto de que a Revista da Escola Dominical é uma literatura acessível, de fácil leitura, sucinto, e por isso lido por grande parte dos pentecostais assembleianos, ou seja tendo acesso aos ensinamentos doutrinários da Igreja, deixariam as práticas mágicas e sincrética em busca do que estamos chamando de pureza doutrinária. Este termo não é usado pelos intelectuais da AD, que utilizam mais o termo preservação da Sã Doutrina. As lições das revistas de jovens e adultos depois de publicadas e estudadas voltam a circular nas revistas dos adolescentes e pré-adolescentes, com os mesmos temas imbricados com outros de interesses típicos destas faixas etárias.

¹²⁹ Em quase todas as programações na AD, o início dá-se com três hinos da harpa, leitura da palavra e uma oração.

¹³⁰ Alguns não entendem e afirmam possuir curso superior. A intenção do curso básico de um ano é para formação relâmpago de obreiros, devido à necessidade provocada pela expansão da igreja. O SETAD está em processo de legalizar o bacharelado em teologia frente ao MEC, para isso além dos quatro anos do bacharelado fazem mais um ano de disciplinas, o que é totalmente diferente do curso básico de um ano para obreiros.

Não é somente uma busca de pureza doutrinária, ou de apologia a sua igreja, que consideram a legítima em detrimento das outras, mas de um resgate de costumes prescritos, e que ficou na tradição da AD, hoje considerada perdida pelos vários modismos copiados de outras igrejas do pentecostalismo, e até de empréstimos de tradições judaicas, e de crenças ligadas à nova era. Nos últimos anos as revistas têm trazido temas que combatem a neopentecostalização do pentecostalismo assembleiano.

A apologia à fé assembleiana demonstra a afirmação de uma identidade que se dá por contraste mostrando os erros, heresias e equívocos das outras igrejas, significando uma identidade assembleiana, além de tentar inibir a entrada de práticas que não condizem ao pentecostalismo. Os autores das revistas também são contra aquilo que chamam de cultura popular, que é a inserção da cultura envolvente no meio pentecostal como, as músicas em ritmos populares, como o Rock, Funk, o Brega, e as crenças supersticiosas diversas.

Os pentecostais sempre foram conhecidos pela sua auto-estima, pelo seu modo de pensar positivo, e pelo triunfalismo, que segundo o Dicionário Aurélio é: “*Sentimento exagerado de triunfo. Atitude daqueles que, na Igreja [...], tendem a não lhe ver as falhas históricas, ou suas deficiências em geral*” (FERREIRA, s/a, eletrônico) Nos últimos anos o triunfalismo evangélico, passou a ser visto como uma prática típica das igrejas neopentecostais. A confissão positiva exacerbou um sentimento de invulnerabilidade. O crente se sente imaculado, separado do mundo, poderoso, pois “o senhor é a sua fortaleza”, porque o crente tudo pode naquele que o fortalece.

O triunfalismo assim parece um fantasma, agora aterrorizante, que é combatido pelos autores da EBD. O que eles chamam de triunfalismo são as crenças na invulnerabilidade do crente, na qual esse pensa não poder adoecer, ficar desempregado ou passar por outras intempéries da vida. O triunfalismo está na linguagem mágica, como a do abracadabra pentecostal que é o “ta amarrado” e ainda na confissão positiva, que se dá na forma da determinação da benção, e da imagem simbólica mágica do “tomar posse da benção”.

No início do pentecostalismo assembleiano os conhecidos crentes já eram chamados de triunfalistas, pelo fato de crerem que iriam subir para o céu quando Jesus

voltasse, acreditando estarem salvos do pecado, lavados no sangue de Cristo, e diziam ter a certeza da salvação.

Tudo o que é da carne está separado de Deus por um golfo intransponível, e merece dele apenas a morte eterna, a menos que Ele tenha deliberado diretamente, para a glorificação de sua majestade. Sabemos apenas que uma parte da humanidade será salva, e o resto será condenada a supor que o mérito ou a culpa humanos desempenhe um papel na determinação de seu destino, que seria considerar que os decretos divinos, absolutamente livres, e estabelecidos para a eternidade, fossem passível de mudanças pela influencia humana, que é uma contradição impossível (WEBER, 2002, p.78).

Atualmente há outros triunfalismos na AD. Alguns são condenados pelos intelectuais teólogos da CGADB, o tema do triunfalismo foi discutido na Revista de Jovens e Adultos do 2º trimestre de 2006. Nas revistas da EBD há um tópico chamado Ponto de Contato, informação que está somente na revista do professor, surpreende-nos com a seguinte passagem.

Tema presente em muitas igrejas evangélicas do Brasil – o triunfalismo. Não estamos falando de uma denominação, grupo faccioso ou seita, mas de um modo de pensar e viver que considera o cristão um super crente, esse super crente não aceita qualquer tipo de infortúnio, crise financeira, doenças e liderança. Ele foi chamado segundo pensa para ser cabeça e não cauda ele “amarra e desamarra o diabo”, “pisa na cabeça da serpente”; “determina” a cura, a aquisição da casa própria; profetiza restituição de bênçãos e vitórias e toma ‘posse’ de todas as bênçãos. Muitos, em função de valorizar a forma em vez da essência, o luxo no lugar da simplicidade, tornam-se vítimas de suas próprias concupiscências. Não há qualquer problema em o crente adquirir seu imóvel próprio, em levar uma vida saudável e desfrutar de certas comodidades materiais, mas não deve reduzir a essência da fé cristã e da pregação do evangelho às bênçãos materiais. O triunfalismo é um dos principais ramos dos ensinamentos da Teologia da prosperidade. O fundamento teológico de tal ensino, portanto, encontra-se nas mesmas fontes do Movimento da Fé. Há duas realidades concernentes ao triunfalismo que precisam ser destacadas. A primeira, de caráter sociológico, diz respeito ao atual contexto sócio financeiro do povo brasileiro e o espírito consumista alimentado pela mídia. Os líderes triunfalistas abusam desta realidade social a ponto de não prometerem apenas o necessário, mais o luxo, o sobressalente, o espetacular. A segunda está relacionada à teologia da falsa concepção de espiritualidade. Ensinam os homens a se aproximarem de Deus pelo que Ele concede e não pelo que ele é (SOARES, 2006, p.78-82).

Na introdução da lição de número 11 do segundo trimestre de 2006, Ezequias Soares discorre sobre as práticas triunfalistas, ligando-as a Igreja Universal. Afirma que eles

usam os mesmos recursos e técnicas do marketing para persuadir o povo com técnicas mercadológicas.¹³¹ Soares critica a IURD alegando que os tais, usam os meios de comunicação para atacar a teologia e o estudo sistemático da palavra de Deus.

O autor descreve o triunfalismo como sendo um movimento de igrejas neopentecostais, principalmente da IURD, os subitens da lição trazem os seguintes títulos: “Os mercadores da palavra de Deus”; “A prática da simonia” e “Formas bíblicas de levantar recursos financeiros”. O autor, também deixa claro que essas práticas são observáveis e correntes na Assembléia de Deus.

O abracadabra, amarrar o diabo, é um sincretismo lingüístico que foi retirado dos cultos afros. Na AD se tornou corriqueiro as pessoas amarrarem quase tudo. Outra linguagem triunfalista é “pisar a cabeça da serpente”. Nas congregações chega a ser motivo de diversão, funcionando como uma dinâmica, semelhante à de grupos terapêuticos. O pregador aos berros grita do púlpito “*pise na cabeça da serpente ai meu irmão*”, “*eu não escutei a serpente gritar de dor*”; “*pisa mais forte*”, “*de novo que é pro diabo não voltar mais*” e a assembléia bate com o pé no chão fortemente.

Ezequias Soares critica também as fórmulas mágicas, pelas quais o fiel determina a “vitória” e tomam a posse da benção. Esta nova linguagem se tornou cristalizada na AD. O autor da lição condena tais práticas, argumentado que o cristão moderno faz uma eisegese da palavra, em vez de uma exegese. Segundo o autor, na eisegese, é quando o leitor injeta na Bíblia um sentido que ele quer e considera ser o correto, diferente da Exegese onde é o texto que fala e se explica.

Em um culto, um testemunho contado por uma micro empresaria ficou marcado com suas palavras: “*Eu não aceito*” dizia em relação às dificuldades pelas quais estava passando, disse ela: “*Eu determinei na minha vida*”; “*eu disse pro senhor eu não quero ser cauda eu quero ser cabeça*”; “*o crente tem que ser cabeça e não cauda*” essas confissões positivas são típicas do triunfalismo neopentecostal. A senhora em seu testemunho deixou

¹³¹ A alusão ao mercado parece se referir ao paradigma do mercado de bens de salvação, pelo conteúdo da lição é possível que o autor Ezequias Soares tenha lido o trabalho de Ricardo Mariano (1999).

claro, não aceitar passar por dificuldades, e determinou isso para Deus, fazendo deste um mordomo sempre apto a servir.¹³²

Soares utiliza Paulo Romeiro dissidente da AD, e líder da Igreja Evangélica de Vila Mariana. Paulo Romeiro é autor do livro *Super Crentes* (1993) e do livro *Evangélicos em Crise: decadência doutrinária na igreja brasileira* (1999). Em *Evangélicos em Crise*, Romeiro explana sobre as práticas da confissão positiva, e da Teologia da Prosperidade, que além da promessa de riquezas sem fim, lançam mão de heresias condenáveis por qualquer cristão sensato, argumenta o autor (ROMEIRO, 1999. pp. 34-49).

Este autor critica os irmãos leigos por terem na figura do pastor, um ser intocado, um “ungido do senhor”. Poucas pessoas se aventuram a criticar um pastor na Assembléia de Deus, nas lições da revista da Escola dominical e nos púlpitos há sempre pregações sobre a obediência aos líderes, isto vale também para toda e qualquer autoridade do estado. Este fato facilita a entrada do que o autor chama de heresias, pois por temerem criticar os pastores, acatam as idéias por eles disseminadas, como a Confissão Positiva e a prosperidade material. Principalmente a Teologia da Prosperidade, que condena mais ainda o crente pobre, acusando-o de pecador, ou por carregar uma maldição hereditária, uma vez que não consegue ser próspero.

Romeiro faz críticas severas a Kenneth Hagin e a Benny Hin, ambos defensores da Teologia da Prosperidade. Segundo esse autor Hagin e Hin defendem crenças que não fazem parte do cristianismo tais como: o de que o homem é essencialmente espírito, de que Jesus adquiriu uma natureza satânica na cruz, e que não pagou pelos nossos pecados ao derramar seu sangue, mas por ter sofrido nos infernos durante três dias.

Como exemplo de autor herético Romeiro cita um autor Norte Americano, este é Myles Munroe. O livro de Munroe foi publicado pelo ministério de Robson Rodvalho. Munroe afirma que somos Deuses, e também que sempre existimos. A idéia de que sempre existimos se coaduna com a afirmação de Hagin, de que somos espíritos, esta idéia pertence ao espiritismo Kardecista. Romeiro cita outro exemplo, o de Jorge Tadeu líder da Igreja Maná, em Portugal. Esse pastor afirma conversar diretamente com Deus, e que Este havia

¹³² Os Iurdianos costumam chamar os assembleianos de fracassados e pobres, porque estes não têm a prosperidade que eles têm, vale lembrar que a grande maioria dos membros da IURD pertence às camadas mais carentes da população.

lhe dito que o homem pode ter várias mulheres. Esse pastor escreve cartas pastorais com autoridade bíblica e usa o título de São Jorge Tadeu (ROMEIRO, 1999, pp .48,59).

A idéia do super crente também é muito comum na AD. Ouvimos relatos de pessoas que foram prestar concurso público e não estudaram uma linha, esperando que Jesus lhes dessem a resposta via revelação do Espírito Santo. A divindade também é invocada para ajudar o crente a trapacear, uma vez que se uma pessoa não estuda para o concurso e é aprovada com a ajuda da cola que o Espírito Santo lhe dá, faz isso de forma imoral com aquele que se esforçou estudando e perdeu a vaga para o super crente. Ou no caso de Jorge Tadeu onde a divindade infringe leis cíveis do país, no tocante ao casamento monogâmico.

Como todas as coisas são atribuídas às bençãos divinas, houve um caso recente de uma irmã, que deu um testemunho dizendo que seu marido havia ganhado R\$ 2.000,00 no jogo do bicho,¹³³ o que lhe ajudou a pagar dívidas. Segundo o relato da irmã, essa pediu a Jesus para lhe ajudar a pagar as dívidas, a resposta veio do bicho. Jesus além de estar moderno, dá palpite sobre jogar no bicho. Aquele Deus distante e sisudo foi morto por Nietzsche, em seu lugar nasce um Deus tão próximo do povo, e tão submisso, que se adapta a agendas, ou ainda que recebe pagamento, via igreja, se tornando sócio do homem, permite que ele tenha várias mulheres, ou troca bênçãos de prosperidade com o homem moderno.

Os intelectuais assembleianos atacam o que chamam de heresias e modismos, dentro da própria AD, que admitem ter vindo de empréstimos de outras religiões. O ataque às outras igrejas e religiões é um discurso apologético, uma forma de estabelecer uma identidade contrastiva. Entre as religiões refutadas estão os Islâmicos que são criticados pela crença em um só Deus, ou seja, pela não crença da trindade. Compartilha com essa idéia as Testemunhas de Jeová e a Igreja Voz da Verdade, essa ultima é pentecostal, e possui um conjunto com o mesmo nome. Para a igreja Voz da Verdade foi o próprio Deus que desceu do céu, se fez carne e foi morto na cruz. Os teólogos da AD ao criticar essas religiões e seitas querem reforçar a Doutrina da Trindade assunto sempre presente nas revistas da EBD.

¹³³ Qualquer jogo um dia foi proibido pela AD. atualmente parece que não há mais proibições em relação a isso.

Criticam os Adventistas pela guarda do sábado¹³⁴ e pelas restrições alimentares, os autores da EBD os chamam de judaizantes. Contraditoriamente os leigos na AD comemoram todos os aniversários de fundação de todos e quaisquer conjunto musical das Igrejas locais. Ainda como exemplo de guarda de dias há uma campanha entre os evangélicos, difundida pelo Pr Marco Feliciano, para que seja aprovada uma lei instituindo o Dia da Reforma Protestante, para ser guardado pelos crentes, e que seja um feriado nacional.

Criticam a Mariolatria da Igreja Católica, mas os leigos na AD fazem chorosas homenagens às mães no Dia das Mães, dia este especialmente instituído para homenagear Maria, mãe de Jesus. Criticam a autoridade do Papa, mas seus pastores são comparados aos anjos. Os intelectuais da AD criticam ferozmente Hagin e Benny Hin, entre outros, mas são os livros preferidos daqueles crentes que lêem alguma coisa.¹³⁵

Os intelectuais proletaroides da AD, autodenominam-se de ortodoxos, criticam o triunfalismo da IURD, a Teologia da Prosperidade, a Confissão Positiva, o espiritismo, os rituais e as superstições variadas, mas os leigos na AD insistem em amarrar o diabo, benzer objetos, tomam a posse da benção, crêem em maldição hereditária, que nada mais é do que a idéia do Karma, de pagar pelos pecados dos ancestrais. Eles crêem em teologia do domínio, exageram na guerra espiritual, os pastores prometem desgraças para quem não dá o dízimo. e esses são fãs de Edir Macedo e RR.Souares, são leitores de Hagin, Hin, entre outros. Na entrevista com Samuel Câmara, sobre a maldição hereditária, este respondeu o seguinte: “*Não. A Bíblia afirma que cada um responderá por si perante o Senhor, e que os filhos não levarão os pecados dos pais e vice-versa*” (entrevista enviada dia 19/02/08). Os pastores entrevistados da AD em Belém, evitaram falar alguma coisa negativa sobre a IURD.

Uma vez eu disse a uma pessoa que eu não me alio com filisteu contra uma tribo de Israel. Eu não iria para a Igreja Universal, eu pessoalmente não faria aquelas coisas, entretanto, pelo fato de eu não fazer, respeito o chamado. Respeito o

¹³⁴ A Assembléia de Deus Missão Apostólica de Fé, é o que se pode dizer, segundo os autores da EBD, de adeptos do cristianismo judaizante, pois além de guardar o sábado seguem muitas tradições e simbologias judaicas. Seu Bispo Jessé Mauricio se defende afirmando que o que está no velho testamento não pode ser descartado.

¹³⁵ Em uma palestra sobre homilética, hermenêutica e exegese promovida por um recém formado aluno do Curso Teológico da AD (SETAD) e vendedor de livros. Este foi levar amostras de bíblias de estudo para um pastor conhecido na AD, escolher uma e comprar. O livreiro perguntou ao pastor onde estava sua biblioteca, a resposta foi: está aqui, lhe mostrando uma bíblia grande e já bastante desgastada.

chamado de quem faz, porque imagino que aquela pessoa tem um contato com Deus que está dizendo pra ela fazer. Eu não posso dizer que a maneira que Deus trabalha comigo seja o mesmo que Deus trabalha com aquela pessoa. Pra mim o que conta é o resultado. Os apóstolos diziam: aquela pessoa está pregando, ta fazendo isso [...] então Jesus dizia que quem comigo não ajunta, espalha. Então Jesus disse não importa não, deixa eles pregarem, como dissesse aos apóstolos que vocês não são senhores dessa história, quem é o senhor sou eu. Vocês não vão pedir fogo do céu, vocês não vão destruir ninguém. Quem vai fazer isso sou eu, então pra mim o Bispo Macedo é o maior líder evangélico desse país e ele ta fazendo um grande trabalho. Eu não teria autoridade de criticá-lo a não ser que, eu disse a um Pastor amigo meu, eu teria que começar do zero como ele começou, vinte e poucos anos depois ta com igrejas em todo o mundo, em todo país, grandes templos, do jeito que ele ta e fazendo diferente. Se eu fizer diferente, eu posso chegar na cara dele e dizer Bispo, o senhor ta errado, por que eu faria diferente. Quem nunca fez, quem nunca chegou perto do que ta fazendo, eu acho, que a priori. Se eu for falar, de repente, vão falar, mas rapaz em que tu ta te metendo, eu trato com ele, mas e o galho de arruda, o sal, não sei mais o quê? Ai ele vai dizer isso é problema meu e não é teu. É a relação com Deus. É mais ou menos assim a maneira de pensar. Isso não significa, por favor, aprovação! isso significa prudência ao verificar a direção de Deus na vida das pessoas (Pr.Cláudio Pires)

Cumpra o seu papel. O problema é o exagero que todos cometemos uns mais outros menos (Pr.Samuel Câmara).

Os intelectuais da AD criticam também a desteologização, mas este fenômeno pode ser percebido na AD em Belém. Um exemplo disso é a preparação para obreiros e diáconos. O SETAD oferece um curso de teologia de apenas um ano, que ocorre somente aos sábados de 16:00 as 21:00h. Este curso é específico para diáconos e obreiros que já atuam como lideranças, custa R\$ 30,00. e não precisa de entrega de TCC. Em conversas com alguns diáconos que fizeram este curso percebemos a pobreza de conteúdo teológico, comparada com outros que fazem o curso regular de quatro anos, com entrega e defesa de Trabalho de Conclusão de Curso.

A igreja evangélica brasileira é muito frágil teologicamente. Por isso sofre com os mais diversos modismos. Lembro-me que, em um congresso para líderes, fui desafiado a falar sobre qual seria a próxima moda que varreria a igreja nacional. Recordo-me que precedi minha palestra afirmando que primeiramente, seria necessário entender que as forças do mercado agem com muita força na elaboração teológica. Qualquer movimento vindo do exterior e que tenha sido bem sucedido lá, será copiado. As lideranças evangélicas querem achar o método que alavancará suas comunidades. Se uma determinada estratégia mostra-se eficaz no exterior, aqui dificilmente se questionará a teologia que a alicerça. Segundo, o brasileiro é culturalmente místico. Tendemos aceitar acriticamente propostas teológicas que promovam experiências sobrenaturais. O

brasileiro fascina-se pelo mistério e pela magia. Afirmar naquela palestra também, que, como o mundo pós-moderno, a igreja busca estratégias de resultado imediato (GONDIN, s/a. grifos nosso).¹³⁶

As práticas e crenças como, regressão psicológica, maldição hereditária, guarda de dias como a Festa dos Tabernáculos, Festa das Primícias, Páscoa Judaica.¹³⁷ As superstições diversas como a crença em palavras de maldições, crença em olho gordo, ou mau olhado, olhar de seca pimenteira, horóscopo, e até mesmo que o intelectualismo atrapalha a vida do cristão,¹³⁸ pertencem também as Igrejas que utilizam o método do G12. As igrejas adeptas do G12, são conhecidas, e se autodenominam de Igrejas em Células. A regressão psicológica é uma prática mais que comum das igrejas em células.

O G12 é outra idéia combatida na Revista da EBD. Quanto ao método das Igrejas em Células, há quem afirme, que Samuel Câmara já tentou, implantá-lo, mas foi duramente criticado pelo Colégio Pastoral, composto de pastores auxiliares e influentes do Templo Central. Em uma entrevista informal, com um membro de 43 anos este afirmou que quando o pastor propôs o método de Igreja em Células foi ameaçado de perda do cargo de pastor presidente.¹³⁹ As Assembléias de Deus de Manaus são adeptas do G12, o líder da igreja em Manaus é irmão de Samuel Câmara.

A igreja em células, no fundo é um método de evangelização proselitista que segundo seus adeptos é bastante eficaz.¹⁴⁰ O método consiste em reuniões em casas, onde cada um dos 12 componentes será preparado para assumir uma futura célula, ou seja, a intenção é que cada célula produza outras doze.¹⁴¹ Os adeptos deste método acreditam que

¹³⁶ Ricardo Gondim Rodrigues, escritor, articulista e pastor da Assembléia de Deus Betesda. (www.ricardogondim.com.br).

¹³⁷ Práticas observáveis na AD Missão Apostólica de Fé, do bispo Jessé Mauricio.

¹³⁸ Este autor se submeteu a orações de pessoas ligadas ao G12, onde na oração a pessoa que intercedia com a imposição de mãos, começou exorcizando todo o “espírito de intelectualidade”, “de erudição”, se referindo ao curso de sociologia, que sabia que o autor tem. Isto aconteceu ainda duas vezes com este autor, mas já com diáconos da AD. muitos líderes de Células da IEQ e da Batista Missionária da Amazônia, afirmaram que não precisa de estudo teológico para ser líder de Célula.

¹³⁹ Não foi possível confirmar esta informação. Qualquer pastor negaria este fato, botando panos quentes no que poderiam considerar, que ferisse a imagem do pastor. Ocorrem coisas na AD que não chegam ao conhecimento da grande maioria dos membros.

¹⁴⁰ Durante esta pesquisa acompanhamos 06 membros da AD de uma congregação, que passaram para a Igreja Batista Missionária da Amazônia, por influencia de um único líder de uma Célula.

¹⁴¹ Conhecemos um diácono que quer implantar um sistema bem parecido, na evangelização. A lógica da sua idéia é a mesma das igrejas em célula. No qual líderes serão preparados para assumirem o que ele chama de

para ser um líder de uma célula não é necessário o conhecimento de teologia, basta a inspiração do Espírito Santo. Esta prática é conhecida de autores como Oro (1997), de desteologização, ou seja, de uma fé e liderança baseada apenas no carisma, na inspiração divina, e em um conhecimento leigo, baseado no senso comum evangélico, construído nas centenas de assistências as reuniões e cultos.

Os autores e teólogos assembleianos afirmam que este método pode gerar várias heresias, argumentando ser aconselhável um bom conhecimento bíblico para se assumir uma liderança religiosa. Em observações participantes em uma célula da IEQ, pudemos observar várias crenças da Teologia da Prosperidade, como as práticas mágicas no uso de sal grosso, queima de papéis contendo pecados etc. Em outra célula, pertencente à Igreja Batista Missionária da Amazônia, o líder, que se diz doutor em teologia, acredita em mau olhado, em palavras de maldição, ou em agouros diversos, crê em maldição hereditária, e outras práticas condenadas pelos escritores da AD.

O G12 é criticado por outras Igrejas como a Metodista, o que podemos observar por uma carta pastoral assinada pelos seguintes bispos: João de Oliveira Filho – Presidente, João Lopes - Vice-Presidente, Bispo Josué Adam Lazier – Secretário, Adolfo Evaristo, Adriel Maia, Luiz Vergílio, Paulo Tarso Lockmann, Marisa Coutinho. A carta pastoral, citada abaixo, têm as mesmas críticas feitas pelos autores da AD, trás o seguinte:

O termo G-12 é uma importação dos EUA, e tenta designar uma igreja organizada em células, ou grupos de 12 pessoas, orientadas por um líder. Há alguns anos este termo e método foi assumido na Colômbia pelo Pr. Cezar Castelano e sua esposa Cláudia Castelano, o qual, segundo declarações deles mesmos, tomou por base o programa da Igreja do Dr. David Paul Y. Cho, ou seja, "Igreja em Células no Modelo dos Doze". No entanto, esta metodologia de discipulado tem trazido dificuldades pastorais e desvios doutrinários, semeando divisões em várias Igrejas que assimilaram tal programa. Entre os desvios doutrinários, que ensina o Pr. Cezar, através da proposta do G-12, os quais consideramos que contrariam as doutrinas bíblicas e wesleyanas estão os seguintes: A proposta está centrada numa aparição do Senhor a ele, designando-o como um iluminado e enviado de Deus para o governo dos 12. Desde aí criou a Missão Carismática Internacional. Preocupa-me o fato de que não diz em seu livro que alguém julgou a visão, conforme recomenda a Bíblia, nem nos dá qualquer indicação bíblica para que o reconheçamos como o mensageiro de Jesus Cristo para toda a Igreja. (cf. 1Co 14.29-33). Em nenhum momento, o Novo Testamento nos indica que surgiria um iluminado, recebendo diretamente de Jesus uma palavra para toda a Igreja. Todas

núcleos. Assim ele próprio prepararia uma quantidade de líderes que seriam responsáveis diretos de outros núcleos.

as grandes heresias nasceram desse modo. Assim foi Joseph Smits, do movimento Mórmon. A outra distorção trata-se das três outras aberrações apresentadas por Cezar Castellanos, ou seja, ele descreve como viu, em três experiências, seu espírito deixar o corpo. Ele chamou e seu espírito teria voltado, pois ele não poderia morrer. Trata-se de uma experiência tida como normativa, mas sem base bíblica para se fundamentar. Tal relato é mais comum no espiritismo. Trabalha um conceito exegético com o qual nós Metodistas não concordamos, de que há na Bíblia a palavra Rhema, e a palavra Logos. O Rhema seria a palavra "revelada" diretamente de Deus, no caso o absurdo é que declara ser 2 Crônicas 29, relativo a Ezequias, palavra Rhema. Ora Rhema é termo grego, completamente desconhecido ao hebraico do livro de Crônicas. Aqui, a heresia dividiria as Escrituras em duas categorias, o que além de ser herético, é histórica e exegeticamente um absurdo. Enfatiza a necessidade de todo crente ter o seu Peniel, ou encontro com Deus. Deus pode e deve ser encontrado a cada dia, por todo cristão; não depende que criemos condições especiais para encontrá-lo (Carta Pastoral da Igreja Metodista).¹⁴²

Os neófitos das Igrejas em Células são preparados para se tornarem Super Crentes, o que se dá em locais geralmente distantes, fora dos limites da cidade. As pessoas ficam confinadas em algum sítio, onde são realizados longos períodos de louvores e orações prolongadas. Alguns hinos destas Igrejas podem demorar duas horas, em apenas um hino. No Encontro as pessoas são fortemente vigiadas durante toda a programação, é tanto que só vão ao banheiro com um acompanhante obreiro (a) da igreja. Os participantes do evento misterioso são coagidos a não falar o que ocorre no encontro, somente podem dizer que foi “tremendo”, despertando a curiosidade de outros a fazer também o ritual. Todos os membros das igrejas adeptas do sistema de células são submetidos a uma lavagem cerebral, seja fazendo a regressão por meio da hipnose psicológica, seja pela hipnose mística, com duração de três dias. Ocorrem nos chamados Encontros, nos re-encontros e pós-encontros.

Observamos pessoas que quando vieram do encontro permaneceram semanas em estado de êxtase. Nos encontros as pessoas aprendem que as maldições hereditárias são verdades, pois são induzidas pela hipnose,¹⁴³ a lembrar de pecados intra-uterinos. Além de perdoarem os genitores pelos pecados cometidos antes nascer. Praticam rituais mágicos

¹⁴² Sede Nacional da Igreja Metodista. Avenida Piassanguaba nº 3031 – Planalto Paulista - CEP 04060-004 - São Paulo – SP – BRASIL.web: www.metodista.org.br / e-mail: sede.nacional@metodista.org.br. Tel 55 (11) 6813-8600 / Fax 1º 55 (11) 6813-8635 / Fax 2º 55 (11) 6813-8632

¹⁴³ A hipnose no encontro é feita por pastores leigos, que não sendo psiquiatras podem levar pessoas à loucura. Um rapaz que participou de um encontro, hoje pastor em uma igreja independente, afirmou-nos que conheceu pessoas que enlouqueceram quando participaram do encontro.

escrevendo todos os seus pecados cometidos durante a vida, possíveis de serem lembrados, em uma folha de papel, que quando queimada, a fumaça leva todos os pecados.¹⁴⁴

O trânsito religioso de assembleianos com os Batistas da IBMA¹⁴⁵ e com os da IEQ, provocaram o trânsito de idéias, que é uma das principais causas das mudanças na AD. Esse trânsito promoveu as crenças sincréticas, que influenciaram, além dos membros leigos, também alguns pastores, que acreditam piamente em maldição hereditária, ou pecados hereditários.

Em relação aos usos e costumes atualmente na Assembléia de Deus, são tratados de forma muito sutil. Nas revistas da Escola Dominical os autores não tocam em medidas de roupa ou cabelo, nem mencionam calça comprida, tampouco falam em pintura de cabelo ou no rosto. Os autores atacam o que chamam de cultura popular, se referindo a danças, palmas, ritmos musicais como o rock, e outros afrouxamentos do laço social, no que tange ao ethos assembleiano, numa tentativa de voltar às origens do pentecostalismo clássico. O discurso é que os maus costumes corrompem as doutrinas.

Constantemente verificamos que as pessoas fazem uma certa confusão a respeito do significado dessas duas palavras. Embora elas se pareçam na prática, mas em sua significação elas são distintas. Doutrina é o ensinamento bíblico de forma sistemática. Costume, no nosso caso eclesástico, trata-se do comportamento do crente, da sua postura diante do mundo. A doutrina, por ser bíblica, não pode sofrer adaptações, conforme as circunstâncias da época. Na Palavra de Deus não se pode mexer. Nos costumes sim. Eles são facilmente manipulados, porque o “deus deste século” (2 Co 4.4) é quem dita as tendências da moda aos estilistas ou decide o que deve ser veiculado nos meios de comunicação, conforme as suas conveniências malignas. Eis as razões porque a Igreja não pode aceitar os costumes deste mundo. Nós não somos cidadãos deste mundo e o nosso governo é o Senhor Jesus Cristo. Os padrões do mundo são contrários aos princípios bíblicos, 1 Jo 5.19. A Igreja, como “sal da terra”, deve influenciar nos padrões e costumes do mundo. Mas ocorre exatamente o contrário. Igreja, literalmente, significa “chamado para fora”. Isto quer dizer que fomos chamados para deixar o mundo e pertencer a Deus. Ora, se fomos chamados para fazer a diferença, não

¹⁴⁴ As informações são pequenos relatos que pudemos coleccionar de um ou outro que depois do estado de êxtase, meses depois, balbuciam algumas informações. Observar diretamente um encontro poderá ser muito difícil, devido a toda a dinâmica proposta, além de que é possível que os pastores não permitam a presença de pesquisadores, uma vez que o que acontece no encontro é um segredo inviolável.

¹⁴⁵ Na Igreja Batista Missionária da Amazônia, não se comemora o natal, considerada festa pagã, mas acreditam na maldição hereditária crença hinduísta. Praticam rituais mágicos como escrever os pecados em papéis e depois queimá-los. Todos os membros possuem um discipulador, para manter um rígido controle sobre todos.

podemos aceitar os mesmos costumes e práticas do mundo, de onde saímos (COSTA. S/A).¹⁴⁶

Nas fotos ilustrativas nas revistas da EBD podemos ver que os jovens retratados, se apresentam de forma a indicar o padrão de usos e costumes assembleianos. Nas fotos vemos meninas de saia e blusa, o cabelo ainda cumprido e rostos e unhas sem pinturas, são retratadas em situações comportadas, estudando, ou lendo a bíblia, em casa ou na Escola Dominical. Podemos ver nas imagens, rapazes vestidos de calças jeans discretas e camisetas sem figuras de dragões ou roqueiros, estão com cabelos discretos, e também em posições e lugares que retratam o ideal de crente da AD.

O evangelho é por natureza contrario ao *modus vivendi* do homem moderno em todos os tempos. Diante disso, o mestre deu-lhes a garantia de que teriam autoridade para realizar a missão, com sinais e prodígios, em nome de Jesus [...] Num casamento, os anfitriões, membros de uma igreja evangélica, ofereceram champanhe, cerveja, e coquetel com álcool. Alguns convidados, crentes em Jesus, ficaram admirados com aquele comportamento. E o pai da noiva explicou que, ali, havia convidados não evangélicos, motivo porque oferecia aquele tipo de bebida. (RENOVATO, 2007, p. 145-146).

As apresentadoras de programações na TV Boas Novas apresentam-se de forma a legitimar os padrões de comportamento, e estéticos das mulheres pentecostais. Elas usam pouca maquiagem, usam saias e blazer, poucas usam brincos. As convidadas destes programas no estilo “Hebe Camargo”, são profissionais liberais da AD, e muitas são de outras igrejas que se apresentam de forma mais liberal.

Destarte os intelectuais da AD condenam, danças, palmas, ritmos musicais seculares, roupas sensuais, que são usos costumes, que foram introduzidos aos poucos na AD, mas que já existiam desde a chegada da Igreja Quadrangular. Os hinos, hoje conhecidos como louvores em todos os ritmos foram inseridos ao ethos das igrejas pentecostais, pelos empréstimos das neopentecostais, que já nasceram rompendo com o padrão do pentecostalismo clássico.

Mas tudo isso já é de conhecimento e notoriedade na literatura do pentecostalismo. A questão é, que são práticas, crenças e novos costumes, que não são

¹⁴⁶ José Wellington Bezerra da Costa é presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus.

aceitos por aquilo que podemos chamar de “Assembleismo oficial” em oposição ao “assembleismo popular”, ou leigo. É bem verdade que cada convenção regional, assim como cada Igreja Mãe, e cada congregação local, possuem formas próprias de compreensão, significação, legitimação e reprodução, seja do conteúdo oficial de suas doutrinas e costumes, seja introduzindo as chamadas heresias e modismos de forma re-significada.

A AD em Belém, ultimamente, não acatou algumas determinação da CGADB, ao contrário intensificou a prática de bater palmas para Jesus. Observamos pastores, diáconos e obreiros que solicitam de 3 a 6 vezes palmas em um único culto. A dança também não foi proibida em Belém. No calor das discussões o pastor presidente da Igreja em Belém, em rede nacional pela RBN, afirmou em relação à dança, que se for do espírito e não escandalizar e sendo discreta e comportada não tem porque proibir. O pastor Jairinho no outro dia no mesmo programa, “Voz da Assembléia de Deus”, disse que ninguém pode engaiolar o Espírito Santo, que a proibição da dança seria inibir o Espírito Santo de se manifestar.

Conclusão

A Igreja Assembléia de Deus completará 97 anos de existência. Constituiu sua identidade religiosa no Brasil da mesma forma que os protestantes fizeram na Europa, em oposição ao catolicismo. Seguiram o modelo protestante também em suas doutrinas e em seus usos e costumes, a identidade assembleiana foi cimentada nas bases da identidade batista congregacional, modelo de governo eclesial sueco, na ênfase na autoridade bíblica, na ética comportamental dos puritanos, e na mística pietista do metodismo.

Essas foram também às bases das comunidades Holiness, de onde o ethos pentecostal se estruturou. O Movimento Asuza Street foi antes de tudo uma comunidade holiness que fez expandir a “novidade” do Batismo com o Espírito Santo. O afastamento do mundo era e ainda é um requisito *sine qua non* para o que o pentecostal chama de santidade, ou a sacralidade do Eu. A santidade o faz portador dos Dons Espirituais.

A primeira marca do pentecostal é a glossolalia, mas os pentecostais vivendo em meio social precisaram de outras marcas identitárias que pudessem diferenciá-los. Buscaram então essa diferença nos usos e costumes, tipo de ação social mais próximo das interações entre os indivíduos. Os pentecostais criaram uma cultura própria, que ia de encontro a uma maior que os envolvia, seja a nível local seja ao de uma nação. No caso do Brasil onde há uma cultura diversificada, os pentecostais de forma contrastiva negavam os traços do que se convencionou chamar de brasilidade, ou seja, de uma identidade do *ser* brasileiro. Identidade que está presente em manifestações como: as festas de santos, a semana santa, a páscoa e o próprio carnaval entendido enquanto cultura componente do catolicismo.

A identidade contrastiva não é uma identidade mas uma ferramenta teórica para a compreensão de uma identidade que se estrutura através da diferença. Não somente na diferença que o outro possui causando “estranheza” e ameaça, mas na construção de características de diferenciação de sujeitos e grupos em conflito. Foi o que ocorreu com a AD, não era somente fazer do catolicismo uma negatividade mas fazer de si própria

diferente em relação à maioria, daí o sectarismo e o exclusivismo. O pentecostal só participava de atividades de sua igreja com seu jeito próprio de entretenimento, é o que Berger chama de evitação, o assembleiano evitava outras esferas que ameaçassem sua identidade.

Uma das esferas que poderia ameaçar a identidade pentecostal era a esfera política, vista como coisa mundana, porém com a entrada dos pentecostais a realidade mostrou que assumiram práticas clientelistas e fisiologistas o que parece ter-lhes confirmado a suspeita. Assim a identidade crente, ou seja, de sujeito honesto, foi ameaçada, pois os pentecostais romperam com o padrão ético de uma moralidade laica, causando escândalos. Outra esfera ameaçadora era à mídia televisiva, que de instrumento satânico, que somente produzia imoralidade, fazendo apologia à desagregação familiar com traições e intrigas mostradas pelas novelas, passou a ser instrumento de evangelização.

No campo da religiosidade pentecostal, há uma estreita relação entre a política e a mídia. As primeiras incursões de pentecostais na política foram além de outras demandas, com propósito de conseguir concessões de transmissão de rádio e Tv. Esses veículos de comunicação passaram a ser prioridade no intuito de levar o evangelho a toda criatura. As programações televisivas da AD imitam o modelo secular.

Os pastores admitem que a Assembléia de Deus sempre imitou movimentos que aparentemente traziam resultados imediatos. Muitos desses já nasceram participantes da cultura envolvente e até sincretizando rituais e crenças. O surgimento de novas igrejas não afeitas aos legalismos, influenciou as pentecostais clássicas, essas ao copiarem as práticas daquelas acabaram causando uma homogeneização das ofertas de bens de salvação.

Neste trabalho primamos pelo resultado mais imediato dessa homogeneização, qual seja, o sincretismo, que os assembleianos chamam de heresias e modismos. Aquela está relacionada à inserção de crenças esotéricas e práticas mágicas, e essa diz respeito aos usos e costumes. O crente segue a moda do mundo, que vai desde a vestimenta até a comemoração da entrada do ano novo com muita dança e música eletrônica, realizados em boates gospel.¹⁴⁷

¹⁴⁷ Ainda e vedado o uso de cigarros e bebidas alcoólicas. A música eletrônica são remixes da nova música evangélica, em todos os ritmos. A decoração do ambiente é igual à de boates seculares.

A primeira igreja a romper os padrões do pentecostalismo foi a Quadrangular, que além de romper com as observâncias nos usos e costumes, introduziu uma musicalidade distante do cancionário pietista das Harpas e Cantores Cristãos. A exemplo do rock. Inseriu usos como a coreografia, a dança, os festivais gospel, como o louvor norte, e localmente os louvorsões, onde a música dançante suprime a palavra. A IEQ fez do pentecostalismo um espaço de sociabilidade mais atraente. Destarte consideramos que a IEQ representou um primeiro golpe no pentecostalismo clássico, influenciando e provocando mudanças no ethos assembleiano. Contudo as mudanças na AD se dão de forma bastante gradual. Um dos fatores que contribuíram para isso foi o trânsito religioso que por sua vez promove o trânsito de idéias.

O ethos assembleiano foi influenciado pela IEQ a partir da década de oitenta e as práticas sincréticas foram inseridas na AD a partir do final da década de noventa, com a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus. Essa igreja deu ênfase à cura, libertação e exorcismo que já existiam na quadrangular e na Deus é Amor. A IURD exacerbou as práticas do pentecostalismo inserindo crenças do catolicismo popular e dos cultos afros. As neopentecostais não cobram usos e costumes, legalismos, não exigem vinculação institucional, a oferta de cura foi bastante atraente. Outra estratégia para atrair as pessoas foi à implantação das novenas, chamadas de campanhas na AD, que fazia o cliente voltar sempre nos dias determinados, pois era convencido de que não poderia quebrar a corrente.

Não demorou muito para as outras igrejas imitarem as práticas neopentecostais, seja em um, ou outros aspectos. As mudanças têm levantado questões entre os autores, como as relacionadas à identidade. Na AD essas mudanças provocaram conflitos entre o que chamamos aqui de intelectuais da igreja e os membros leigos. A identidade assembleiana e tudo o que isso representa em termos de formas de ser, de agir e de pensar, foi presumível como sendo atribuição da Convenção Geral das Assembléias de Deus, cuja função está, entre outras, de estabelecer uma ortodoxia e oficialidade das doutrinas e do ethos assembleiano.

A força do pensamento positivo levou os crentes a depositar poder em suas palavras, tanto que eles pretendem materializar qualquer coisa através da prática de determinar pronunciando em voz alta o objeto desejado, o que transforma o crente num

magos. A alta modernidade produz perigos que escapam ao controle das pessoas, uma vez que houve um deslocamento das relações pessoais, promovendo uma reflexividade do Eu.¹⁴⁸ As mazelas sociais não poderiam esperar por soluções humanas, a resposta, então, vem da religião mas não uma religião qualquer mas uma que dominasse receitas mágicas, e que promovessem um casulo protetor¹⁴⁹ dado pela linguagem triunfalista e pela confissão positiva, que representam formas de terapêuticas.¹⁵⁰

Os membros da AD imitaram das neopentecostais as campanhas (novenas); rituais mágicos e a confissão positiva. Na AD esta é percebida na linguagem triunfalista. A linguagem é importante para determinar uma identidade. O assembleiano tinha sua própria linguagem, era uma linguagem de otimismo, em que esse, via sempre uma coisa boa em meio às adversidades. Ele pedia misericórdia, clamava pelo sangue de Jesus, e esperava a segunda vinda de Cristo, afirmando ter certeza de subir com Ele. Atualmente ele amarra tudo, desafiando a leis da física, e fazendo alusão, mesmo que inconsciente, a divindades hindus, como o deus Varuna,¹⁵¹ deus do nó. O assembleiano exige ser cabeça e não cauda, metáfora que significa não aceitar adoecer, não estar desempregado ou ser pobre. Profere confissões positivas determinando a vitória e profetizando a bênção.¹⁵²

Por outro lado há os intelectuais da CGADB, ortodoxos que se opõem às mudanças na cultura assembleiana, o que diz respeito aos usos e costumes, e mais detidamente na eliminação das heresias e modismos, ou seja do sincretismo religioso. Podemos afirmar que as mudanças na AD são promovidas pelos leigos, com aprovação de pastores locais, ou ainda de Igrejas Mães, ou ministérios, como o caso mais polêmico, a proibição da dança, da coreografia e das palmas, práticas copiadas da IEQ.

Os jovens entrevistados são ardentemente a favor da dança e da coreografia. Alguns argumentam que podem “ministrar” através da dança, ou seja, levar o evangelho através dela. O rock e suas variações como o metal, também são defendidos pelos jovens. Assim as danças e as músicas dançantes são defendidas como estratégias de evangelização.

¹⁴⁸ Giddens, 2002

¹⁴⁹ *ib.*,

¹⁵⁰ *idem.*,

¹⁵¹ Eliade, 1992.

¹⁵² Tipo de profecia que não esta ligada à mediação pneumatológica. Vem da pessoa que deseja o bem a outrem.

No fundo a estratégia se mostra mais como criação de espaços onde o crente possa se divertir, saindo da monotonia da vida de trabalho, de estudo e dos bancos das igrejas.

Se os assembleianos tinham uma cultura diferente do mundo e atualmente estão participando dessa cultura, estão produzindo um sincretismo cultural. Os assembleianos refutavam a magia simpática, as superstições, e as religiões não cristãs, mas atualmente utilizam linguagens mágicas, que são supersticiosas e pertencentes a outras religiões. Esse sincretismo cultural e religioso modificou a identidade assembleiana mas não a ameaça, ao contrário é uma estratégia de convertimento.

O sincretismo promovido pelos leigos e pastores locais têm assim, uma funcionalidade, porém esse, é muito criticado e combatido pelos intelectuais da CGADB, para eles na AD há um conjunto de doutrinas fechadas, e as práticas mágicas e a linguagem triunfalista ameaçam e subvertem a identidade assembleiana. As práticas sincréticas no pentecostalismo representam uma homogeneização dos produtos religiosos. Os ortodoxos da AD procuram manter a igreja separada do mundo, sagrada no sentido Durkheimiano, e sagrada no sentido Eliadiano, qual seja, o de promover o sagrado por uma rotura na ordem do homogêneo.

Bibliografia

A BÍBLIA Sagrada: Edição com letras vermelhas e auxílios para o leitor, revista e corrigida. Traduzida por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ALMEIDA, Ronaldo. A guerra das possessões. In: Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. (Col Religião e Cultura).

ALVES, Rubem. O suspiro dos oprimidos. São Paulo: Paulus, 1999. (Col tempo de libertação).

_____ O que é religião. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____ Religião e Repressão. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

92 ANOS DE PENTECOSTES NA EVANGELIZAÇÃO. História da Assembléia de Deus em Belém-Pará. 5ª Ed. Atualizada, Festa dos 92 Anos. Belém: Gráfica e Editora Ltda., 2003.

94 ANOS DE PENTECOSTES NO PARTIR DO PÃO. História da Igreja-Mãe das Assembléias de Deus no Brasil. 6ª Ed. Edição Comemorativa. Belém: Gráfica Sagrada Família, 2005.

ANTONIAZZI, Alberto. |et al|. Nem Anjos nem Demônios. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: Nem anjos nem Demônios. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

AQUINO, R.S.L. |et al|. História das sociedades modernas às sociedades atuais. 25ª Ed.

ARMSTRONG, Karen. Breve história do mito. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. “Fora do Mundo”, dentro da política: identidade e “missão parlamentar” da Assembléia de Deus em Belém. Dissertação de mestrado em sociologia – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

BAUMAN, Sygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003.

_____ O mal estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1998.

BAXTER, Richard. Medita estas coisas. Editora Clássicos Evangélicos, 1990.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma nova teoria da modernização reflexiva. In: Modernização Reflexiva. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.11 a 71.

BERG, Daniel. Enviado por Deus: Memórias de Daniel Berg. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

BERGER, P. L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

_____ Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. 14^a Ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. A Construção Social da Realidade. 13^a Ed. Petrópolis: Vozes. 1996.

BETTENCOURT, Estevão Tavares, O.S.B. Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são? São Paulo: Cromoprint, 2000.

BÍBLIA Sagrada. 40^a Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes e Editora Santuário, 1982.

BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BONFATTI, Paulo. A Expressão Popular do Sagrado: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Col Estudos).

_____ O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e Etnia. Construção da pessoa e Resistência Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre atribuição. In: SANCHIS [et al]. Brasil & EUA. Religião e identidade nacional. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CAMPOS, Leonildo. Templo teatro e mercado: Organização e marketing de um empreendimento pentecostal. Petrópolis: Vozes: São Paulo, Editora universitária metodista de São Paulo, 1997.

CANEVACCI, Massimo. Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade (a era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COLSON, Charles, PEARCEY, Nancy. O cristão na cultura de hoje: desenvolvendo uma visão de mundo autenticamente cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CORTEN, André, DOZON, Jean-Pierre, ORO, Ari Pedro (orgs). Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. (Col Religião e Cultura).

CRESPI, Franco. A experiência religiosa na pós-modernidade. São Paulo: EDUSC, 1999.

DREHER, M. História dos Protestantes na Amazônia. In: História da Igreja na Amazônia (Org). Petrópolis: Vozes, 1992.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Col Tópicos).

_____ Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Col Debates).

FILHO, José Bittencourt. Remédio Amargo. In: Nem Anjos nem Demônios. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Nem Anjos nem Demônios. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____ Evangélicos na política brasileira: História ambígua e desafio ético. Paraná: Encontrão Editora, 1994.

_____ Pentecostalismo Seminário. Belém do Pará: Universidade Popular (UNIPOP) Editora Universitária, 1996.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____ A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____ Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOFFMAN, E. Estigma, Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

_____. A representação do Eu na Vida Cotidiana. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios. In: Nem Anjos nem Demônios. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

HAGIN, Kenneth É necessário que os Cristãos SOFRAM?. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1990. (Col GRAÇA DE DEUS).

_____ Redimidos: Da Miséria, da Enfermidade e da Morte. Rio de Janeiro, Graça Editorial: 1990. (Col GRAÇA DE DEUS).

_____ A palavra de Deus: Um Remédio Infalível. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000.

_____. A fé para remover montanhas. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s/a.

_____ El Shaddai: O Deus que é Mais do Que Suficiente O Deus Que Satisfaz com Vida Longa. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s/a. (Col GRAÇA DE DEUS).

_____ Uma nova unção. Graça Editorial. s/a.

_____ ZOE : A Própria Vida de Deus. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s/a.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós Modernidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINN, Benny. Senhor, eu preciso de um milagre. São Paulo: Bompastor, s/a.

_____ Tocou-me: uma história de milagres e poder. São Paulo: Bompastor, 2006.

HOOFT, W.A Visser't. Cristianismo e outras religiões. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

KOENIG, S. Instituições Religiosas. In: Elementos de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MACEDO, Bispo. Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Olhando as mulheres pentecostais através do espelho. In: Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAFRA, Clara. A Igreja Universal em Portugal. In: Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo, Paulinas, 2003. (Col Religião e Cultura).

_____ Os evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. (Col Descobrimo o Brasil).

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____ A Igreja Universal do Reino no Brasil. In: Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. (Col Religião e Cultura).

_____ O reino de prosperidade da Igreja Universal. In: Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo, Paulinas, 2003. (Col Religião e Cultura).

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Édino. 100 Respostas Bíblicas para A Congregação Cristã no Brasil. São Paulo, Transcultural. (Edições Ferramenta).

MELO, Fernando dos Reis de. Religião e Religiões: pergunta que muita gente faz. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 1997.

NETO, Francisco Cetrulo. A Igreja Assembléia de Deus em Belém: buscando as determinações de sua origem. Dissertação de mestrado em sociologia – Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. O diabo no imaginário cristão. 2^a Ed. São Paulo: Edusc, 2002.

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVA, Alfredo dos Santos. A história do diabo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

ORO, Ari Pedro, STEIL, Carlos Alberto (Orgs). Globalização e Religião. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

ORO, Ivo Pedro. O outro é demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1999. (Col Temas de Atualidade).

ORO, Ari Pedro. Igreja Universal: um poder político. In: Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé. São Paulo, Paulinas, 2003. (Col Religião e Cultura).

PACE, Enzo. Religião e globalização. In: Globalização e Religião (orgs) Oro, a.p, Steil, C. A. Porto Alegre: Editora Vozes, 1999.

PASSOS, João Decio. Pentecostais: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2005. (Col Temas do ensino religioso).

PRANDI, Reginaldo. A Religião do Planeta Global. In: Globalização e Religião. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

PRANDI, Reginaldo. Um sopro do espírito. São Paulo: ed usp, fapesp, 1998.

RAMOS, Arthur. "O sincretismo religioso". O negro brasileiro: Etnografia religiosa e psicanálise. 2ª Ed. fa-similar. Recife: FUNDAJ: Editora Massangana, 1988.

REIS, José Carlos. Wilheum Dilthey e a autonomia das ciências sociais. Londrina: Eduel, 2000.

RENOVATO, Elinaldo. Perigos da Pós-modernidade. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

RODRIGUES, Raimundo Nina, "sobrevivências totêmicas: festas populares e folclore" São Paulo: Cia Editora Nacional, 1932.

ROMEIRO, Paulo. Evangélicos em crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

ROTHER, Rosa Marga. Petencostais, Protestantes?: Um estudo na Igreja do Evangelho Quadrangular em Belém. Dissertação de mestrado em sociologia – Universidade Federal do Pará, Belém, 1988.

RYLE, JC. 2 John Wesley. Editora Clássicos Evangélicos. (Col Líderes Evangélicos do Século XVIII).

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: Nem Anjos nem Demônios. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SANCHIS, Pierre (org). Fiéis & Cidadãos. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

SEYMOUR, William. O Avivamento da Rua Azuza Devocional: O início da obra Petencostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. (Col Clássicos Movimentos Pentecostal).

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOARES, R.R. Os Segredos para a Vitória. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e. “Religiosidade popular na colônia: os discursos imbricados”. O diabo e a terra de Santa Cruz. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e Cultura. In: Religião e cultura. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TEIXEIRA, F. Teologia das Religiões. São Paulo: Paulinas, 1985.

TERRIN, Aldo Natale. Introdução ao estudo da religião: São Paulo: Paulinas, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLA, Victor Vicent (org). Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: Globalização e Religião (org) Oro, a.p. Steil, C. A. Porto Alegre: Editora Vozes, 1999.

VINGREN, Ivar. Diário do Pioneiro Gunnar Vingren. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

VINGREN, Gunnar. O batismo no Espírito Santo. In: ARTIGOS HISTÓRICOS: os artigos que marcaram a história e a teologia do movimento pentecostal no Brasil: Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 19.

_____. A profecia. In: ARTIGOS HISTÓRICOS: os artigos que marcaram a história e a teologia do movimento pentecostal no Brasil: Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 48.

_____. Quem crer e for batizado será salvo. In: ARTIGOS HISTÓRICOS: os artigos que marcaram a história e a teologia do movimento pentecostal no Brasil: Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 87.

.WEBER. A ética protestante e o espírito do capitalismo. ABDR/ col: Martin Claret, 2002.

_____. A psicologia das religiões mundiais. In Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zaar, 1993. pp309 – 346 (Biblioteca de Ciências sociais).

_____. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zaar, 1993. pp347 – 370 (Biblioteca de Ciências sociais).

_____. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 3ª ed, Brasília, DF, Editora Universitária de Brasília, 1994. pp, 271 – 418.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: e diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PERIÓDICOS

ANDRADE, Claudionor Correa. Lições Bíblicas: O sofrimento dos justos e o seu propósito: Rio de Janeiro. CPAD, 2003. 1º trimestre.

ANDRADE, Claudionor Correa. Lições Bíblicas: As verdades centrais da fé cristã: Rio de Janeiro, CPAD 2006. 4º trimestre.

CABRAL, Elienai. Lições Bíblicas: A igreja e a sua missão. Rio de Janeiro, CPAD, 2007. 1º trimestre.

CABRAL, Pr J. A igreja e a política. Jornal Folha Universal: Rio de Janeiro, nº 219, p.02, janeiro/ 1996.

COUTO, Geremias. Lições Bíblicas: Igreja: projeto de Deus: Rio de Janeiro, CPAD, 1998. 4º trimestre.

_____ Lições Bíblicas: E agora como viveremos? A resposta cristã para tempos de crise e calamidade moral. Jovens e Adultos: Rio de Janeiro, CPAD, 2005. 4º trimestre.

_____ . Lições Bíblicas: As promessas de Deus para sua vida. Jovens e Adultos: Rio de Janeiro. CPAD, 2007. 4º trimestre

COSTA, Débora Ferreira da. Lições Bíblicas. Adolescentes 12 a 14 anos: Fracassos e vitórias de personagens bíblicas: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

COSTA, José Wellington Bezerra da, Usos e costumes, artigo da Internet, acessado em 03/06/2008.

CRUZ, Elaine. Lições Bíblicas. Adolescentes 13 a 14 anos: O adolescente e o mundo: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

DANIEL, Silas. Lições Bíblicas. Juvenis 15 a 17 anos: A história da igreja: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

GILBERTO, Antonio. Lições Bíblicas: O fruto do Espírito Santo: Rio de Janeiro, CPAD., 2005. 1º trimestre.

GILBERTO, Antonio. Lições Bíblicas: As doutrinas bíblicas pentecostais: Centenário do movimento pentecostal mundial, Jovens e Adultos: Rio de Janeiro, CPAD, 2006. 3º trimestre.

GONDIM, Ricardo Rodrigues, sem título acessado em 06/03/2008 (www.ricardogondim.com.br).

LOPES, Jamiel de Oliveira. Lições Bíblicas. Juvenis 15 a 17 anos: O cuidado com os meios de comunicação: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

MELLO, Niedja. Lições Bíblicas. Pré Adolescentes 11 a 12 anos: A bíblia e a ciência: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

MENSAGEIRO DA PAZ. Nº 1.388 DE 16 A 30 DE JUNHO. 2001. Edição de comemoração dos 90 anos.

MIRANDA, Elidi. Centenário pentecostal. In, Revista Graça: Show da Fé: Rio de Janeiro: Graça, ano 6 – nº 81, 2006.

NASCIMENTO, David Rodrigues. Revista Juvenis: Falso ou verdadeiro?: Rio de Janeiro: CPAD, s/a.

RENOVATO, Elinaldo. Lições Bíblicas: Colossenses: A perseverança da Igreja na Palavra nestes dias difíceis e trabalhosos. Rio de Janeiro: CPAD, 3º trimestre de 2004.

RENOVATO, Elinaldo. Lições Bíblicas: Tempos trabalhosos: como enfrentar o desafio deste século: Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 2º trimestre de.

SILVA, , Eliezer Lira . Lições Bíblicas: Salvação e justificação: os pilares da vida cristã: Rio de Janeiro, CPAD, 2006. 1º trimestre.

SOARES, Ezequias. Lições Bíblicas: heresias e modismos: combatendo os erros doutrinários, Jovens e Adultos. Rio de Janeiro, CPAD, 2006, 2º trimestre.

SILVA, , Eliezer Lira. Lições Bíblicas: A busca do caráter cristão: Rio de Janeiro, CPAD, 2007. 3º trimestre.

.SOARES, Ezequias. Lições Bíblicas: Jesus Cristo verdadeiro homem verdadeiro Deus: Rio de Janeiro CPAD, 2008. 1º trimestre.

TULER, Marcos. Lições Bíblicas. Adolescentes 12 a 14 anos: O adolescente e a Bíblia: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Lições Bíblicas. Juvenis 15 a 17 anos: A atualidade da mensagem bíblica: Rio de Janeiro CPAD, s/a.

ANEXOS



Wesley



Seymour.



Missão Azusa. As doze pessoas que fundaram a Apostolic Faith Gospel Mission.



Casa dos Asbery, na Rua Bonnie Brae, e Missão de Fé Apostólica na Azusa street.



Vingren, Berg e Vingren, Celina Albuquerque



Família Vingren, Família Berg. Missionários: sentados temos Nystron, Berg e Nels Nelson. Ao lado 1ª Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Abaixo temos:



Firmino Golveia e esposa, Samuel Câmara e esposa Rebeka. Ao lado temos Antonio Gilberto, principal intelectual autor consultor doutrinário da EBD. Por ultimo o bispo Edir Macedo, quando foi preso durante doze dias.



Assembleianos nos anos oitenta



Apresentação de dança na igreja e no baile de formatura de uma Guarnição Especial da Polícia Militar, onde temos Simão Jatene e uma jovem que se apresentou com uma coreografia.



Pastor com os Jovens no Festejando na Copa do Mundo, jovem que passou no vestibular, e jovens em uma festa de aniversário



Sala de Adoração, realizado pelos jovens de uma das congregações da AD, de azul ao lado da moça de preto o autor, na reunião.



Pastores Roqueiros pregando o evangelho depois de muita dança, a foto do centro foi num Show de Rock, foi gentilmente cedida por um jovem da igreja.



Vocalista do Oficina G3, banda de rock evangélico, ao lado jovens da AD e a nova identidade estética.



Lúci supostamente o primeiro hominídeo. O evolucionismo para os assembleianos é uma heresia, que é muito combatido pelos autores da EBD. Ao lado temos Max Weber aos dezoito anos, este autor juntamente com Ricardo Mariano é citado em artigos no Jornal Folha Universal.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PESQUISADOR: Jaime Silva Delgado

QUESTIONÁRIO

- 1- O que você tem a dizer da Teologia da Prosperidade?
Não considero como uma teologia. É antes de tudo um movimento uma onda. Teologia é mais consistente e permanente.
- 2- O que você tem a dizer da confissão positiva?
Idem...
- 3- O que você pode dizer da regressão psicológica?
Idem
- 4- Você crê em maldição hereditária? Justifique?
Não. A Bíblia afirma que cada um respondera por si perante o Senhor e que os filhos não levarão os pecados dos pais e vice-versa.
- 5- Você acha que o crente tem que ser rico?
Depende em qual acepção esta palavra é usada. A fé é p'ra todos, sem acepção de pessoas, independente da raça, cultura, condição econômica etc...Nada impede que seja rico.
- 6- O que você pensa sobre a Igreja Universal do Reino de Deus
Cumpra o seu papel. O problema é o exagero que todos cometemos uns mais outros menos.
- 7- Você acha que o crente não deve, ou não tem que adoecer, pelo simples fato de ser de alguma igreja evangélica?
Não conheço na história e no presente quem esteja isento do desgaste natural do organismo. Pode ser o mais fiel cristão. Até Jesus sofreu.
- 8- O que tem a dizer da unção do riso?
Um movimento, uma onda, uma moda.
- 9- O que tem a dizer da unção do dente de ouro?
Idem. Com raras exceções.
- 10- O que tem a dizer da unção do Leão da Tribo de Judá?
Essa eu desconheço.
- 11- Você concorda com o cair no Espírito Santo? Por que?
Creio ser possível. Descordo da mecanicidade.

12- Podemos amarrar o diabo dizendo “Ta amarrado”?
Só como força de expressão. Melhor repreendê-lo e expulsá-lo.

13- O sal ungido tem alguma eficácia?
Não creio.

14- Alguns pastores me relataram que os usos e costumes nunca foram liberados na Assembléia de Deus, que eles não são mais funcionais, outros dizem que é o Espírito Santo quem exige ou não, a observância dos usos e costumes. Pergunto: lá na convenção a questão de usos e costumes é mencionada? E o que você tem a dizer da fala de alguns pastores sobre o ES ser o verdadeiro mantenedor ou não dos usos e costumes.

Na Convenção fala-se muito sobre isto. Aliás é sobre o que mais se fala. Acho que usos e costumes impostos pelos homens não resistirão ao tempo. Decência e modéstia ensinados pela Bíblia tem o aval do ES que nos santifica em toda verdade. Lamento quem faz de usos e costumes bandeira para massacrar a fé.

15- Independentemente do que afirma a convenção, você acha que é o Espírito Santo quem controla os costumes dos crentes?
Acho que só vale à pena fazer e observar o que vem da Bíblia e agrada ao Espírito Santo de Deus. Julgo criado e imposto por seres humanos só dificultam a caminhada da fé.

16- Para você qual a causa de todos os males?
A escolha que fazemos. Ignorarmos os bons propósitos de Deus para a vida de todos nós. O homem deve queixar-se de seus próprios pecados (escolhas).

17- Pastor Samuel você observa práticas sincréticas na AD?
Sim. Graças a Deus que isso não é predominante, É exceção.

18- Durante seus anos de crente o que você acha que mudou na igreja?
Ela cresceu, os tempos são outros. Já não se faz Igreja como antigamente todavia, não se deve fazer Igreja para antigamente. Ela tem que ser relevante hoje. Sou otimista! Ainda que presenciemos tantas aberrações com o nome de Igreja e em nome de Deus. A Igreja sempre existirá e cumprirá sua missão. É bíblico que estas coisas ajudam o ser humano a estabelecer comparação e ver o que é verdadeiro.

Obrigado,
Sucesso!